

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFOS.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.

EDITOR—J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

A bomba atómica francesa idêntica à lançada sobre Hiroshima explodiu no Sahara ao principio da manhã

PARIS, 13. — A primeira bomba atómica da França explodiu, com êxito, às 6 horas (T. M. G.) de hoje, no deserto sahariano de Tanezrouf, a Sudoeste de Reggane. Calcula-se que a explosão tenha sido de potência equivalente a 20.000 toneladas de TNT, idêntica, portanto, à da bomba lançada pelos Norte-Americanos sobre Hiroshima, em Agosto de 1945.

O capitão Georges Nourgarou, chefe dos Serviços de Imprensa do Ministério das Forças Armadas, foi a primeira entidade oficial a anunciar a explosão. Poucos minutos depois, o gabinete do general de Gaulle, no Palácio do Eliseu, publicou o seguinte comunicado oficial:

«O presidente da Republica informa que no dia 13 de Fevereiro, pelas 7 horas, tendo em conta as condições meteorológicas favoráveis, foi dada ordem para fazer explodir um engenho atómico no deserto sahariano de Tanezrouf, a Sudoeste de Reggane. A explosão ocorreu nas condições de potência e segurança previstas. O engenho foi colocado no cimo de uma torre. O explosivo utilizado foi o plutónio.

«A segurança das populações do Sahara e dos países vizinhos foi integralmente garantida.

«O general de Gaulle manifesta a sua gratidão ao país e a todos os artifices que contribuíram para este êxito: ministros e sábios, oficiais e engenheiros, industriais e técnicos. Assim, a França, graças unicamente ao seu potencial nacional, pode reforçar o seu potencial defensivo, o da comunidade e o do Ocidente.

«Por outro lado, a Republica Francesa está agora em melhor

posição para fazer sentir a sua acção com vista à conclusão de acordos entre potências atómicas, a fim de conseguir o desarmamento nuclear».

A FRANÇA SENTE-SE MAIS ORGULHOSA, TELEGRAFOU DE GAULLE

Embora a bomba «A» francesa tenha potência bastante mais reduzida que as bombas que os Estados Unidos, a União Soviética e a Grã-Bretanha têm feito explodir,

a experiência assume para a França carácter de acontecimento de enorme repercussão.

«Hurrah pela França», telegrafou o general de Gaulle, às 6 e 46 (T. M. G.) a Pierre Guillaumat, ministro delegado á explosão no Sahara da primeira bomba «A» francesa. «Desde esta manhã, a França sente-se mais forte e mais orgulhosa. Do fundo do coração, obrigado, a si e a quantos, por ela, alcançaram este êxito magnífico», termina por dizer o telegrama do presidente da Republica.

A propósito da experiência atómica hoje realizada, recorda-se que o Comissário Francês para a Energia Atómica, François Perrin, de-

(Continua na página seguinte)

O grau de radioactividade provocado pela bomba francesa será objecto de estudos dos cientistas portugueses

A explosão da primeira bomba atómica francesa provoca, para Portugal, o problema de conhecer

até que ponto os nossos territórios poderão ser afectados pela radioactividade dela proveniente.

Dadas as condições meteorológicas favoráveis em que se efectuou o lançamento, com ventos circulando em sentido contrário, não é provável que as poeiras radioactivas venham a atingir seriamente os territórios portugueses. De resto, a potência da bomba francesa não é superior á daquelas que lançaram os Americanos, Russos e Ingleses, embora os técnicos italianos afirmem que a potência explosiva nada tem a ver com o grau de radioactividade. Uma intensa radiação, como se sabe, provoca danos incalculáveis nos habitantes das regiões afectadas.

Apesar de menos exposto ás consequências da explosão que muitos outros (a França é, geograficamente, a mais exposta, e os Franceses lançaram a bomba...) tomaram-se

(Continua na página seguinte)



A estação de radar das Forças Aéreas, em Monsanto, que desempenhou intensa acção no exercício conjunto

A defesa aérea da Península Ibérica

Realizou-se nos dias 9 e 10 o exercício de defesa antiaérea da Península Ibérica. Esse exercício a que se chamou «Big Deal II», decorreu no maior sigilo e alcançou êxito completo pela forma como nele colaboraram todas as forças em entendimento perfeito.

No exercício participaram forças aeronavais dos Estados Unidos, e as aviações de Portugal e Espanha.

Em acção entraram aviões AD, A3D, A4D, embarcados em porta-aviões da 2.ª esquadra americana, a que opera regularmente no Atlântico e da 6.ª esquadra cujo teatro de operações é o Mediterrâneo. Com as forças aéreas de Espanha e de Portugal que realizaram elas uma acção coordenada de ataque á Península.

O sistema da defesa

Em resposta a tal «ataque» entraram em acção os sistemas de defesa aérea portugueses e espanhol cujas instalações de radar se empenharam em missões de detecção, seguimento em voo e interceptação dos aviões da marinha americana que realizaram numerosas incursões.

Para esse efeito o comando da 1.ª região aérea, através do seu comando de Defesa Aérea do Continente, instalado em Monsanto, entrou em contacto com o sistema de Defesa Aérea espanhol. As estações de Monsanto, Montejunto e Pilar e as estações do sistema espanhol estiveram em grande actividade desde as 5 horas do passado dia 9 até cerca das 24 horas do dia seguinte.

Por sua vez as bases aéreas de caça portuguesas, espanholas e as americanas em Espanha, durante o referido período, utilizando os seus aviões «F-86» e «F-104», realizaram missões consecutivas e continuas de interceptação.

O exercício decorreu de forma satisfatória servindo para pôr á prova os sistemas de defesa aérea peninsulares. Constituiu também o primeiro passo para a efectivação

foi o tema
com exercício conjunto
com aviões espanhóis
americanos
e portugueses

das sistemas de detecção e «contro-

le» de Portugal e da Espanha.

As forças aéreas de Portugal, de Espanha e dos Estados Unidos estiveram em acção num período de cerca de 48 horas. Pois o roncar dos motores dos potentes aviões que sobrevoaram os territórios portugueses e espanhol não chegaram a provocar suspeitas do exercício em curso. Decorreu, apesar do numero considerável de aparelhos em acções distintas, no mais absoluto sigilo.

Os aparelhos da aviação naval dos Estados Unidos da América do Norte aterraram e levantaram voo sempre com a maior normalidade, dos vasos de guerra de que fazem parte e que estão integrados nas duas esquadras.

Nas bases aéreas de Portugal e de Espanha tudo decorreu igualmente da melhor forma.

2.ª TIRAGEM

Ler na 16.ª página os reatos dos desafios de futebol, disputados esta tarde, a contar para a «Taça Félix Bermudes»

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Fadiga e estados emocionais anómalos

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

O PROBLEMA da fadiga — um dos grandes males que atormenta a Medicina moderna, na opinião de Chauchard e de outros investigadores —, preocupa seriamente fisiólogos e psicólogos entre eles John Cohen, professor de Psi-

cologia da Universidade de Manchester, colaborador efectivo da Imprensa Médica, e autor da obra «Humanistic Psychology», livro que constitui, a todos os títulos, uma intro-

(Continua na 11.ª página)

Nota do dia

CASA DE ORATES

Anna Anderson ou Marga Boodts? Anastásia ou Olga? Qual das duas e a filha sobrevivente do ultimo czar da Russia? Até aqui muitas pessoas acreditavam na legitimidade da primeira. Vem a segunda, porém, e afirma: «A unica filha sobrevivente do czar sou eu. Anna Anderson não passa de uma impostora». E exhibe provas, documentos, testemunhos que podem mudar a face do problema.

Os espiritos mais inclinados á credulidade hesitam. Os juizes de Hamburgo coçam a perruca. E' certo que o moleiro de Potsdam pôde reconhecer, após a sentença proferida num pleito que o opunha a Frederico-o-Grande, que ainda havia juizes em Berlim. Poderá a suposta grã-duquesa Olga chegar á conclusão de que ainda há juizes em Hamburgo? A justiça alemã vê-se, de qualquer modo, a braços com um bico de obra difícil de resolver. E' conhecida a anedota daquele visitante de um manicómio que era acompanhado na visita por um internado com funções de cicerone.

A' medida que iam passando diante de doidos mais ou menos inofensivos, cada qual com a sua mania, o cicerone informava: «Este pensa que é o Papa; aquele quer fazer acreditar que é Cristóvão Colombo; aquele outro está convencido de que é Napoleão». E empertigando-se dentro da fardeta de internado, ao mesmo tempo que metia a mão direita no peito, numa atitude imperial, o cicerone acrescentou com enfase: «Ora, toda a gente sabe que o verdadeiro

Napoleão sou eu». A história não oferece qualquer novidade, mas pode muito bem aproveitar, se for caso disso, aos juizes de Hamburgo.

Diário de Lisboa

PUBLICA HOJE

32

De Gaulle
chegará aos Estados Unidos
em 22 de Abril

WASHINGTON, 13. — Consta nos meios autorizados da capital que a viagem do general de Gaulle aos Estados Unidos, no próximo mês de Abril, será limitada a visitas a Washington, Nova York, San Francisco e Nova Orleães. De Gaulle chegará a Washington em 22 de Abril e a Nova Orleães a 30. Daqui partirá para as Antilhas Francesas e a Guiana, de onde regressará a França. — (F. P.).

PAGINAS

QUE INCLUEM

MAGAZINE

JUVENIL

DE UMA SEMANA
PARA A OUTRA

VISADO PELA CENSURA

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

A bomba atómica francesa deve acelerar o acordo de proibição de armas nucleares

(Continuação da página anterior)

clarou, em 17 de Novembro, que as experiências têm mais carácter político que propriamente científico.

Crê-se, com efeito, que o objectivo do general de Gaulle é colocar a França em pé de igualdade com os Estados Unidos e a Inglaterra, a fim de entrar para o Clube Atómico, que de tripartido passará a quadripartido.

Nos meios políticos de Paris, afirma-se que os primeiros resultados diplomáticos da explosão da primeira bomba atómica francesa se notarão durante a visita de Kruchchev à França, a 15 de Março, e na conferência de alto nível entre o Ocidente e o Leste, a realizar em Maio.

INTERDITA A AVIAÇÃO UMA VASTA ÁREA DO SAHARA

A explosão da primeira bomba atómica francesa deu-se no deserto de Tanzezrouf, a sudoeste de Reggane, a cerca de 1.600 quilómetros de Argel.

No Sahara havia sido interdita a aviação comercial uma vasta área, com aproximadamente 1.600 quilómetros por 1.500 quilómetros.

Calcula-se que a explosão tenha sido de potência equivalente a 20.000 toneladas de TNT, idêntica, portanto, à da bomba que foi lançada sobre Hiroshima.

Assistiram à explosão o ministro-delegado do primeiro-ministro, Guillaumat; o chefe do Estado-Maior, general Gaston Lavaud; e, em representação da Comissão de Energia Atómica, o general Manager. Outras duas entidades estiveram também presentes: o «pai» da bomba, o general Buchalet, que foi o responsável pelo fabrico, e o general Illeret, encarregado das experiências.

AINDA NÃO SE REGISTRARAM QUEDAS DE POEIRAS RADIOACTIVAS

A explosão foi detectada pelas estações científicas especializadas da Metrópole, anunciou o ministro das Forças Armadas. Depois, assegurou não se haver registado a queda de poeiras radioactivas nas zonas próximas da explosão, pois as condições atmosféricas foram ideais.

Informações recebidas de Reggane dizem que a nuvem em forma de cogumelo, provocada pela explosão da bomba atómica, estava, às 8 e 30 (T. M. G.), a ser impelida, a grande altitude, na direcção sueste.

Os efeitos da radioactividade resultante da explosão atómica francesa não se podem comparar, sob o ponto de vista de segurança, com os das explosões levadas a efeito pelas outras potências nucleares, diz-se em Paris. Lembra-se, a propósito, que o Comissário francês da Energia Atómica declarou recentemente que a explosão envolvia o risco de um milésimo dos efeitos produzidos por explosões anteriores. — (A. N. I. e F. P.).

AS ESTAÇÕES METEOROLÓGICAS ESTÃO DE PREVENÇÃO EM ITALIA

ROMA, 13. — Logo que se anunciou a explosão no Sahara da primeira bomba atómica francesa, as estações meteorológicas espalhadas por toda a Itália — cerca de 13, segundo se calcula — entraram em regime de prevenção, para assinalar a existência de poeiras radioactivas.

As observações estão a ser conduzidas com todo o rigor nas ilhas da Sardenha e da Sicília. Esta última é o ponto de território italiano que se encontra mais próximo da zona onde explodiu a bomba francesa. — (A. N. I.).

FOI A 211.ª EXPLOÇÃO NUCLEAR

PARIS, 13. — A explosão da bomba «A» francesa eleva para 211 o numero de explosões nucleares e termonucleares até agora feitas no Mundo, 134 pelos Estados Unidos, 55 pela U. R. S. S. e 21 pela Grã-Bretanha. A primeira bomba americana explodiu no Novo México, em 16 de Julho de 1945 e a última em 31 de Outubro de 1958. A primeira bomba soviética explodiu em 14 de Julho de 1949. A primeira inglesa, explodiu em Outubro de 1952. Em todos os casos, as bombas A precederam as H.

O Instituto de Física do Globo, em Estrasburgo, comunica que a sua estação sismográfica registou

em 13 de Fevereiro, às 6 e 12, as ondas superficiais fracas geradas pela explosão da bomba atómica francesa.

Não se verificam chuvas radioactivas nas regiões habitadas depois da explosão da bomba atómica francesa, ao que indicam no Ministério das Forças Armadas e de acordo com as primeiras observações. — (F. P.).

PREVE-SE A EXPLOSAO DE OUTRA BOMBA FRANCESA

PARIS, 13. — Uma nova bomba atómica francesa deverá brevemente ser deflagrada com o objectivo de estudos complementares. Recorda-se que o grande esforço prático da França no sentido da sua primeira bomba atómica se iniciou em Julho de 1958, com o fornecimento da pilha atómica de Marcoule, cuja produção anual de plutónio foi marcada em 40 quilos. Quarenta quilos são o suficiente para quatro bombas. — (A. N. I.).

O PRESIDENTE EISENHOWER NÃO FOI ACORDADO

GETTYSBURGO, 13. — O presidente Eisenhower não foi acordado para que lhe comunicassem a notícia da explosão atómica do Sahara. Da Casa Branca só lhe será comunicado o facto à hora da habitual informação telefónica.

Não se sabe mesmo se o presidente de Gaulle informou o chefe do Estado norte-americano de que se ia proceder hoje à experiência.

Em Washington, as entidades oficiais declararam, esta manhã, que o facto de a França ter conseguido fazer explodir com êxito um engenho nuclear não significa que venha a ser admitida no «clube nuclear», com todos os direitos de membro efectivo.

Depois de afirmarem que, por enquanto, continuarão a ser negados à França os conhecimentos técnicos e o material atómico que os Estados Unidos têm fornecido à Grã-Bretanha, as mesmas entidades oficiais salientaram que a Lei da Energia Atómica, com a emenda de 1958, autoriza a partilha de informações e material nucleares apenas com as nações amigas que já possuam considerável capacidade atómica, alcançada pelos seus próprios esforços. Ora, a França, com a explosão de um único engenho atómico, não pode ser considerada como satisfazendo esse requisito. A Grã-Bretanha é a única nação amiga que, actualmente, satisfaz tal requisito.

Salientando que, em Washington, há apreensões quanto à conveniência de revelar os conhecimentos técnicos atómicos a uma outra nação, mesmo que se trate de um aliado dos Estados Unidos, os círculos oficiais norte-americanos declaram estar convencidos de que a explosão efectuada esta manhã, no Sahara, vem complicar o problema de se chegar a acordo sobre a eventual suspensão das experiências nucleares, porque aparece agora mais uma nação a pretender ter voz activa nas negociações. — (A. N. I.).

NENHUM COMENTARIO DA UNIAO SOVIETICA

GENEVA, 13. — Simião Tsarapkin, delegado soviético à conferência de Genebra sobre a interdição das experiências nucleares, declarou, esta manhã, que as negociações anglo-russo-norte-americanas prosseguirão, apesar da explosão da primeira bomba atómica francesa.

Recusando-se a fazer qualquer comentário, limitou-se a dizer: «A bomba francesa está fora do âmbito das nossas negociações».

Perante a insistência dos jornalistas, Tsarapkin declarou que «nada» sabe acerca da possível exigência da França, de vir a ser admitida na actual conferência de Genebra, e que se trata de um problema a ser resolvido pelos Governos interessados, e não pela conferência.

Num telegrama datado de Paris, a Tass anunciou sem comentários, às 7 e 50, a explosão da bomba atómica francesa. — (A. N. I. e F. P.).

A EXPLOSAO FRANCESA PODERIA ACELERAR AS CONVERSACOES DE GENEVA

LONDRES, 13. — No Whitehall pensa-se que a explosão francesa em nada diminuirá as probabilida-

des de um acordo entre os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a U. R. S. S. sobre o desarmamento. Pensa-se, até, que numa certa medida, poderá acelerar os progressos das conversações actuais em Genebra, uma vez que nem a U. R. S. S. nem os Estados Unidos desejam que outros países entrem na corrida dos armamentos nucleares. — (F. P.).

A EXPEEENCIA VIOLOU UMA RESOLUCAO DA ASSEMBLEIA DAS NAÇÕES UNIDAS

NOVA YORK, 13. — As reacções à explosão da primeira bomba «A» francesa variam segundo os interesses políticos, as concepções filosóficas e o grau de desconfiança das diversas delegações para com a presença francesa em África. Nota-se, porém, um elemento comum: a experiência fez-se apesar de uma resolução da Assembleia Geral da O. N. U. pedindo à França que se abstinisse de fazer explodir a sua bomba atómica. O argumento, para alguns, tem um valor moral. Para outros, esbarra com o facto que as resoluções das Nações Unidas não têm força executória em direito internacional, sendo já sem conta os casos em que Estados soberanos desataram esses textos quando os consideravam contrários aos seus interesses. Um hipotético recurso ao Conselho de Segurança baseado na violação da resolução do Outono passado não resistiria ao enunciado desses casos.

Afora isto, a explosão atómica francesa dá-se numa conjuntura internacional grandemente diferente da que prevalecia quando a resolução da Assembleia Geral condenou os projectos nucleares franceses. Ao tempo, um dos argumentos dos adversários daqueles projectos consistia em alegar que o projectado ensaio comprometeria as negociações de Genebra entre os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a U. R. S. S. com vista a um acordo sobre a cessação dos ensaios de armas atómicas. Estas negociações ainda prosseguem, afinal, quase num marcapasso.

Resta o ponto de vista das delegações que apresentaram as experiências nucleares no Sahara como o derradeiro sobressalto do colonialismo africano da França. Foi o caso das várias delegações africanas e asiáticas.

AS PRECAUCOES DE SEGURANCA SAO CONSIDERADAS EFICAZES PELOS ESPECIALISTAS AMERICANOS

WASHINGTON, 13. — Quanto aos aspectos técnicos da primeira experiência nuclear francesa, é natural que a França deva proceder a vários outros ensaios para que as suas novas bombas cheguem o mais rapidamente possível à fase operacional.

Os especialistas americanos mostram-se favoravelmente impressionados pelas precauções de segurança extremamente eficazes tomadas pelos dirigentes da experiência de Reggane.

A explosão de Reggane, notam os meios militares americanos, introduz na batalha que se vai travar no Capitólio, sobre a revisão da legislação atómica, um factor importante de que tirarão maior proveito, espera-se, os partidários que os adversários da maior flexibilidade da Lei MacMahon de 1954. — (F. P.).

UM FILME DA EXPLOSAO SERA APRESENTADO HOJE AO PRESIDENTE DE GAULLE

PARIS, 13. — Ao que se supõe, de Gaulle assistirá, ainda hoje, em Paris, à exibição de um filme mostrando a explosão da primeira bomba.

O Ministério da Defesa convocou os jornalistas franceses e os correspondentes estrangeiros para uma reunião, às 20 horas, na Escola Nacional Politécnica, durante a qual serão fornecidos pormenores sobre a explosão da bomba atómica francesa. — (A. N. I.).

CONGELADOS OS BENS FRANCESES EM GHANA

ACCRA, 13. — Todos os bens franceses na República de Ghana serão congelados, até serem conhecidos os efeitos da explosão da bomba atómica francesa — anunciou, pela rádio, o primeiro-ministro, Kwame Nkrumah. — (A. N. I.).

Um avião da T. A. P. foi autorizado a voar sobre a zona onde explodiu a bomba

(Continuação da pág. anterior)

no nosso País disposições especiais para se conhecer o índice de radioactividade.

Assim no Laboratório Rádio-Químico do Centro Especial de Energia Nuclear, que funciona no edifício da Faculdade de Ciências de Lisboa, aguarda-se a queda de chuva para se determinar a quantidade de elementos radioactivos e a natureza desses elementos. Logo no momento da sua recolha, é possível conhecer se as águas estão ou não impregnadas de radioactividade. Depois, com tratamento químico especial serão obtidos o grau de radiação e a sua natureza, sendo as respectivas conclusões enviadas, após alguns dias, às entidades oficiais competentes.

Por sua vez, o Serviço Meteorológico Nacional, nos seus postos metropolitanos também tomou disposições sistemáticas para investigação da radioactividade transportada pelos ventos. Nos seus postos ultramarinos, graças a providências especiais, determinar-se-á a possível alteração provocada por poeiras radioactivas nos territórios portu-

gueses da África Ocidental (Cabo Verde, Guiné, S. Tomé e Príncipe e Angola), já que as restantes províncias ultramarinas, devido à sua situação geográfica, correm menor risco.

O avião da TAP voará hoje sobre a zona onde explodiu a bomba

Devido à explosão atómica como é conhecido, três zonas do Sahara estiveram sujeitas a restrições de voo. Ontem, as companhias de navegação aérea foram avisadas da proibição de sobrevoar o território em que se situa Reggane.

A carreira dos Transportes Aéreos Portugueses é a única das que servem a África que parte hoje de Lisboa. Por informações recebidas daquela companhia, o respectivo avião, que sai às 16 e 30 horas do Aeroporto da Portela, não recebeu quaisquer instruções para alterar a sua rota, visto que, no momento em que sobrevoará o local, já terão passado as 12 horas de intervalo estabelecidas pelo Alto Comando francês.

Mikoyan ofereceu ao Governo de Fidel Castro o fornecimento de aviões e outro material de guerra

HAVANA, 13. — O vice-primeiro-ministro da Rússia, Mikoyan, disse, ontem à noite, que a União Soviética estava pronta a fornecer ao Governo de Fidel Castro, aviões militares e outro material de guerra, apesar de as potências ocidentais se terem recusado, até agora, a fornecer material bélico a Cuba.

Espriu, também, a confiança de que, muito em breve, serão estabelecidas relações diplomáticas entre a Rússia e Cuba. — (A. N. I.).

A REACAO EM WASHINGTON

WASHINGTON, 13. — A Secretaria de Estado não tem, por agora, qualquer comentário oficial a emitir quanto à declaração, feita, ontem à noite, em Havana, pelo vice-primeiro-ministro soviético Mikoyan, quanto à disposição em que a União Soviética está de vender aviões militares e outro material bélico ao Governo de Fidel Castro. Entretanto, o informador da Secretaria de Estado esclareceu que o Governo, em face de tal atitude, poderia tomar várias disposições para evitar que se agrave a situação naquela área.

Altos funcionários, referindo-se ao assunto, declararam que a oferta de Mikoyan a Fidel Castro é contrária à afirmação tantas vezes feita pelo chefe do Governo soviético, Kruchchev de que trabalha e se esforça por diminuir a tensão internacional.

Acrescentam que qualquer tentativa da Rússia para fornecer aviões militares ou outro material de guerra ao Governo de Fidel Castro será interpretado como desejo do Governo de Moscovo de aumentar a tensão numa área que está apenas a poucos quilómetros dos Estados Unidos.

Até agora o Governo norte-americano proibiu, terminantemente, a venda de armas para a área das Caraíbas, justamente para evitar o alastramento da tensão naquela zona. — (A. N. I.).

AS RELACOES COMERCIAIS RUSSO-CUBANAS

HAVANA, 13. — Mikoyan assistiu a uma recepção oferecida pelas Corporações Económicas de Cuba, à qual assistiram, entre outros convidados, os dirigentes do Partido Socialista-Popular e vários membros do Governo.

Durante a recepção, Mikoyan confirmou que a U. R. S. S. está disposta a trocar máquinas, nomeadamente tractores, por produtos agrícolas cubanos, e que o seu país

comprará, brevemente, a Cuba, grandes quantidades de doce de laranja.

Referindo-se ao corpo estranho, recentemente assinalado no espaço pelas estações de rastreio norte-americanas, Mikoyan, que veio inaugurar em Havana a Exposição Soviética, disse que a Rússia não tem satélites-mistério.

Entrevistado pela TV, o estadista russo declarou estar convencido de que a Rússia poderá comprar «importantes quantidades de açúcar cubano» e a preços que se aproximam dos que são, actualmente, pagos pelos Estados Unidos. No entanto, em resposta a uma pergunta, confirmou que, durante a sua actual visita, contratou a aquisição de 345.000 toneladas de açúcar cubano, ao preço de 0,278 centimos do dólar, por libra-peso, ou seja quase metade do preço (0,555 centimos) pago pelos Estados Unidos. — (F. P. e A. N. I.).



COMUNICA-SE

Às Sr.^{as} de bom gosto os últimos dias de saldos de gabardines a 300\$00, MOHAIR, chapéus de chuva de «nylon», «soutiens» a 22\$40, etc.

ELA MODAS

Av. António Augusto de Aguiar, 9-A Tel. 41998

De ontem para hoje

ASSISTÊNCIA RURAL

SÓ graças à dedicação e verdadeiro espírito de apostolado dos médicos rurais a assistência clínica se tem mantido ao nível mínimo indispensável. Houve um tempo em que nos campos se nascia e morria sem saber bem como e qual o motivo do desenlace. — Deu-lhe uma dor no peito e só durou dois dias... Ou então: — Começou a sentir uma fraqueza, e lá se foi. Coisa assim nunca se viu... Era isto assim correntemente nos meios rurais. Mas tem de deixar de ser assim e para isso muito contribuirá o despacho agora dado pelo sr. ministro das Corporações homologando os acordos para a prestação de assistência médica celebrados entre os serviços médico-sociais da Federação das Caixas de Previdência e as casas do povo de umas dezenas de povoações em todos os distritos de Portugal. A assistência médica será prestada mediante uma mensalidade a essas casas, por cada beneficiário. Compreende essa assistência consultas no posto médico da Casa do Povo e visitas domiciliárias aos doentes impossibilitados de ali comparecer, visitas periódicas a partir do oitavo dia de doença aos beneficiários que recebam subsídios e, finalmente, intervenções de pequena cirurgia, partos e tratamentos vários. Passarão, deste modo, a dispor de uma assistência médica mais pronta e cómoda através dos serviços clínicos privativos da Casa do Povo da sua área, cerca de 156.145 trabalhadores empregados em várias actividades com predomínio da rural.

FEIXE DE NOTÍCIAS

NA Rua da Palmeira, em Aveiro, desenrolou-se ontem à noite uma triste cena de sangue entre ciganos. Em geral essas desordens de ciganos dão muito barulho, gritaria infernal, uma que outra cabeça rachada. E por aí se ficam. Mas ontem foi uma vida cortada por um tiro. Tinham jantado bem. Pegaram-se de repente António Samuel Vicente, de 35 anos, natural de S. Salvador, Santarém, e Joaquim Rodrigues. O Vicente puxou de uma pistola e o Rodrigues fugiu. Interviu para acalmar os ânimos Valentim Rodrigues Samuel, de 17 anos. O Vicente disparou sobre o Rodrigues e o atingido foi o Valentim. Morreu a caminho do hospital.

* Recarei é uma linda aldeia com suas pedreiras de lousas. Ontem um camião, carregado de esteios, ia de Recarei para Além do Rio. Ia a passar a ponte de Insuões, sobre o Sousa. Abateu uma pedra da ponte e as trazeiras do camião tombaram. A carga foi ao rio, os trabalhadores que iam sobre ela safaram-se, saltando, e o carro esteve vai não vai para ir parar também às águas do Sousa. Felizmente não foi.

JORNAL PEQUENO

O sr. Presidente da República recebeu em audiência, no Palácio Nacional de Belém, os srs. eng. Arantes e Oliveira, ministro das Obras Públicas; dr. Silva Tavares, governador-geral de Angola, e prof. dr. José Caeiro da Mata. * Com o sr. Presidente do Conselho trabalharam os srs. ministros da Presidência e dos Negócios Estrangeiros.

VIDA ARTISTICA

Exposição de pintura na Faculdade de Direito

Por iniciativa da secção de artes plásticas da Associação Académica

Linha de CASCAIS

Cinemas

ALGÉS — Stadium, às 21: «A epopeia de Dunquerque» e «Tesouro da Barba Rubra» (17 anos). Amanhã, «matinée», às 15 horas: «Amores reais» e «A lança vermelha» (12 anos).

CASCAIS — Académico, às 21: «Amores reais» (12 anos). S. José, às 21 e 30: «Passagem para Hong Kong» (17 anos). Amanhã, «matinée», às 16: «Gata borralheira» (6 anos).

ESTORIL — Casino, às 21: «Terceiro homem na montanha» (17 anos). Amanhã, «matinée», às 17: «Katty» (17 anos).

PAÇO DE ARCOS — Cine-Teatro, às 21 e 15: «Amazonas» e «O espírito», (17 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — Nifo, Av. Combatentes da Grande Guerra, 81. Tel. 012070.

CASCAIS — Marginal, Av. Marginal, Tel. 080078.

ESTORIL E MONTE — Costa, Av. Saboia (Monte). Tel. 060085.

Oeiras — Godinho, R. Candido dos Reis, 98. Tel. 043090.

PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184. Tel. 042034.

PARADE — Grincho, Av. da República, 87-A. Tel. 047204.

(Nas localidades onde existe uma só farmácia, esta encontra-se de serviço permanente).

da Faculdade de Direito, inaugurou-se numa das salas daquele organismo, uma exposição de pintura e cerâmica de universitários de Direito, com obras de Agostinho Maldonado, António Muñoz Cardoso, Carlos Simão, Francisco Ferreira Gomes, João Medina da Silva, João Verspeeg, Jorge Lapa de Passos, José Manuel Martins Prata, Manuel Gervásio Leite, Maria Helena, Rodrigo Costa Felix e Vasco da Graça Moura.

O certame, que está aberto até ao dia 27, constitui uma manifestação artística de interesse e é o resultado do estímulo que a Associação dá aos seus membros interessados pelos problemas de arte.

Exposição de arte sacra do distrito de Coimbra

FIGUEIRA DA FOZ, 13. — No intuito de contribuir quanto possível para a elevação do nível cultural e artístico da cidade e ao mesmo tempo que constitui um excepcional cartaz de turismo, resolveu a Camara Municipal organizar este ano, possivelmente nos primeiros meses da época de Verão, a primeira exposição de arte sacra do distrito de Coimbra.

Para este efeito, foi solicitado o alto patrocínio do arcebispo-bispo de Coimbra, que amavelmente o concedeu.

Os trabalhos de organização ficarão a cargo do director-conservador do Museu Municipal, dr. Santos Rocha e professor António Vitor Guerra.

Exposição de pintura de José Dias Sanches

Na segunda-feira, às 16 horas, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, o Chefe do Estado inaugurará a 30.ª exposição de pintura de José Dias Sanches.

FAZ HOJE

77 ANOS

«A Voz do Operário»

Em 13 de Fevereiro de 1883 — faz hoje, portanto, 77 anos — fundou-se, no Beco do Frois, em Alfama, a Sociedade de Instrução e Beneficência A Voz do Operário, cujo objectivo principal era o de manter a publicação do jornal «A Voz do Operário», fundado por operários manipuladores de tabaco, em 11 de Outubro de 1879, e que depois se tornou órgão defensor dos trabalhadores em geral.

Dedicou-se desde logo aquela Sociedade à ilustração da classe operária, não só através do seu jornal — onde colaboraram penas ilustres e modestas —, como criando a sua biblioteca social — que hoje comporta cerca de 25 mil volumes — e lançando-se com denodo no combate ao analfabetismo, para o que abriu a sua primeira escola em 11 de Outubro de 1891. Nesse combate tem empregado todo o seu esforço; e, a confirmá-lo, está a sua acção instrutiva, abrindo outras escolas, criando cursos técnicos e de aperfeiçoamento, rede de serviços de que beneficiam anualmente cerca de 1.600 alunos de ambos os sexos, divididos pelos cursos diurnos e nocturnos.

Outros benefícios dispensa aos alunos, tal como uma cantina escolar, um consultório medico-escolar, e outro medico-dentário, bibliotecas infantis, vestuário e calçado aos mais carecidos, etc.

Para se avaliar não só essa acção como aquela que a Voz do Operário presta às suas dezenas de milhares de associados, basta elucidar que, no seu orçamento para o ano corrente, cujo total das despesas ascende a 3.271 contos, estão consignadas as seguintes verbas: serviços administrativos, 723 contos; serviços de instrução, 1.473; secção funerária, 573; policlínica, 57; e balneário, 14.

A Sociedade de Instrução e Beneficência A Voz do Operário, foi considerada «Benemérita em prol da Instrução Popular», pelo Congresso Pedagógico Nacional em 1908. É considerada instituição de utilidade pública, agraciada com o oficialato da Ordem de Cristo e o grande oficialato da Ordem de Instrução Pública. Possui também, a medalha de ouro da cidade de Lisboa.

II Festival de Folclore no Pavilhão dos Desportos

Amanhã, às 15 horas, realiza-se, no Pavilhão dos Desportos, o II Festival de Folclore a favor da construção da nova igreja do Sagrado Coração de Jesus, com a participação do Rancho Folclórico Infantil do Pego (Abrantes), da Orquestra Infantil da Casa Pia de Beja e do Rancho Infantil da Casa dos Pescadores da Nazaré. Dá também a sua colaboração a este espectáculo a apreciada declamadora Nelinha Nobre, de 10 anos de idade.

O êxito alcançado no I Festival há um ano, com os grupos de Santarém, é garantia de sucesso neste segundo espectáculo de danças e cantares regionais totalmente despenhados por crianças.

Polícia Judiciária

O sr. dr. Alfredo de Oliveira Barreto, delegado do procurador da República na comarca da Ilha das Flores, foi nomeado, em comissão de serviço, inspector da Subdirectoria de Lisboa da Polícia Judiciária.

MEUS PÉS

TEM 20 ANOS...

porque de manhã e à noite uso o maravilhoso AKILEINE recomendado pelos pedicuros de mais de 30 países.

É um verdadeiro alívio contra calçado apertado, transpiração, frio e humidade. Aplique-o apenas para um só pé e verá quanta diferença existe!



LABORATOIRES ASEPTA - MONACO

À venda nas Farmácias, Perfumarias, Drogeries, etc. Amostras à ARIANE-Serv.º 8 R. Cavaleiro de Oliveira, 47-1.ª Esq. LISBOA

Linha de SINTRA

O Município de Sintra explica o actual preço da água para consumo

O professor dr. Joaquim Fontes, presidente da Camara Municipal de Sintra, na sua qualidade de presidente do conselho de administração dos Serviços Municipalizados, publicou o seguinte comunicado:

«Tendo chegado a estes Serviços Municipalizados algumas reclamações e ecos de reparos públicos, sobre um pretendo aumento do custo de água em virtude de terem sido apresentados á cobrança alguns recibos com maiores encargos de consumo, o conselho de administração destes Serviços, julga dever esclarecer que não se trata de um aumento do custo de água, mas de alteração de escalões de consumo obrigatório, o que foi feito por imperativo de ordem legal.

Com efeito, e de acordo com o Regulamento de Abastecimento de Água aprovado por portaria ministerial, os escalões de consumo obrigatório, são fixados em função dos rendimentos colectáveis dos prédios ou parte ocupada, de onde resulta mudança de escalão, sempre

que a modificação do rendimento colectável dos prédios, tal impõe.

Recentemente verificou-se uma alteração grande nos rendimentos colectáveis das algumas habitações de Sintra e parte de Queluz, o que implicou a actualização dos consumos obrigatórios, actualização essa que trouxe para os consumidores afectados um maior encargo.

Reconhece o conselho de administração destes Serviços que tal agravamento encontra da parte dos consumidores reacções que se admitem como justas, e assim vai proceder a um estudo de distribuição de escalões de forma a que os encargos do abastecimento de água possam ser reduzidos, para aqueles que se situam nos escalões mais elevados.

TERRA A MAIS

e luz a menos

Em algumas valetas das ruas da Amadora é tanta a terra amontoadá que chega a nivelar os pavimentos com os passeios. Quando chove, essa mesma terra impede o escoamento da água, entupindo as sarjetas, com o consequente alagamento das ruas e passeios, prejudicando assim o trânsito de carros e principalmente de peões, que têm de dar voltas enormes.

Uma vez que a Camara, num gesto louvável, colocou dois postes no caminho de acesso entre a cancela da Porcalhota e a estação, iluminando assim um terço do caminho, por que não se faz a iluminação do restante, para o que chegariam mais três postes? A solução destes dois problemas beneficiaria os habitantes da Amadora.

HAVERÁ AMANHÃ

mercado em São Pedro

Amanhã, segundo domingo de Fevereiro, efectua-se o primeiro mercado bimensal, ao ar livre, em São Pedro de Sintra, onde se vende de tudo, desde árvores, plantas, louças, roupas e calçado, até antiguidades, alfaias agrícolas e objectos usados.

Cinemas

ALGUEIRÃO — Cine Chaby, às 21 e 30: «Esposa do senhor embaixador» (12 anos). Amanhã: «matinée», às 15 e 30: «Gigantes da floresta» (12 anos).

AMADORA — Recreios, às 21: «Carmen» (17 anos).

VENDA NOVA — Cine Portugal, às 21 e 15: «Famintos de amor» (17 anos). Amanhã, «matinée», às 15 e 30: «O rebelde orgulhoso» (12 anos).

QUELUZ — Queluz Cinema, às 21 e 15: «A caminho das terras de Oregão».

SINTRA — Cine Carlos Alberto, às 21 e 30: «Eddie, o sedutor» (17 anos). Amanhã, às 15 e 30, «Herodes, o grande» (17 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — Campos, Rua Elias Garcia, 185. Tel. 930072. Flama, Rua Elias Garcia, 78-B.

QUELUZ — Gil, Avenida Miguel Bombarda, 4. Tel. 950117.

SINTRA — Simões, Rua Heliodoro Salgado, 26. Tel. 980832.

(Nas localidades onde existe uma só farmácia, esta encontra-se de serviço permanente).

BEBE BARRITOS VERMUTE COM GIN

Clínica Dentária Santa Joana

RUA BRAAMCAMP, 88, 1.ª ESQ.

TELEFONE 733257

Director clínico: DR. ARMANDO FERREIRA E SILVA

Corpo clínico: DR. JOÃO BAÇÃO LEAL — DR. A. FALCATO SIMÕES

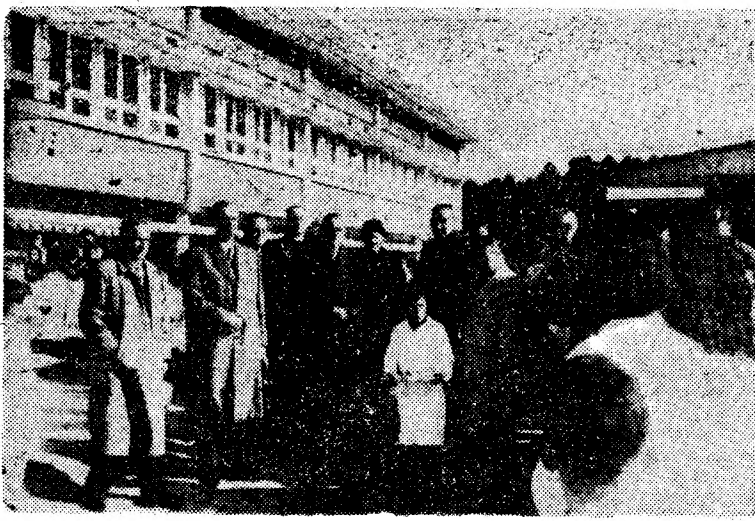
— DR. C. LOBATO CORTESÃO — DR. LÉLIO MARQUES — DR. MA-

NUEL VASCONCELOS

DIAS ÚTEIS — das 9 à meia-noite

DOMINGOS — das 9 à 1 da Tarde

HOTEL EMBAIXADOR
APRESENTA
NO «TERRAÇO DAS ESTRELAS»
O jovem conjunto musical francês
LES CHANTECLER
expressão palpitante da «nouvelle vague»
e **BAILADOS PORTUGUESES**
de **FERNANDO LIMA**
(Maiores 17 anos)
A M A N H Ã : «Matinée» dançante. Chá completo, 25\$00



O momento da inauguração do novo bloco escolar

Inaugurou-se em Campanhã um bloco escolar com salas de aula para ambos os sexos

PORTO, 13. — (Pelo telefone). — Com assistência do presidente da Câmara Municipal desta cidade e ainda do director do Distrito Escolar, representantes do comando da P. S. P., dos engs. Bonfim Barreiros e Luís Noronha e Távora, e de vários professores, foi esta manhã inaugurado o Bloco Escolar do Largateiro, em Campanhã, onde irão funcionar as Escolas Primárias n.ºs 24 e 25, respectivamente para os sexos masculino e feminino. O presidente da edilidade cortou a fita simbólica, tendo nessa altura usado da palavra, para o saudar, a menina Gisela Torres Coelho Marques, que falou em nome das crianças. Seguidamente aquelas individualidades percorreram todas as dependências do bloco que tem capacidade para setecentos alunos de ambos os sexos, e que em todos deixou a melhor impressão.

Comandante dos Sapadores Bombeiros



Major Alexandre Guedes

No gabinete da presidência do Município tomou esta tarde posse do cargo de 1.º comandante do Batalhão de Sapadores Bombeiros o major de Engenharia sr. Alexandre Guedes de Magalhães, lugar para que foi nomeado ontem por despacho no «Diário do Governo». A posse foi-lhe conferida pelo presidente da Câmara, sr. engenheiro Machado Vaz. Ao acto assistiram representantes dos Bombeiros Voluntários desta cidade e arredores, e da Liga dos Bombeiros Portugueses.

Abuso de confiança

O sr. Venancio Paulo Monção Harpa, residente nas Escadas do Barredo, 26, queixou-se à Polícia contra um indivíduo, cujo nome indicou, arguindo-o de ter projectado a organização de uma excursão, recebendo quotas no valor de dez contos, ausentando-se para parte incerta.

CARTAZ DO PORTO

AGUIA DE OURO — As 21 e 30 — A revista «Tudo na Lua».
RIVOLI — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Uma certa mulher».
COLISEU — As 21 e 30 — «O que os pais desconhecem».
SA DA BANDEIRA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Capitão Paul Jones».
S. JOÃO — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Um lugar na alta roda».
BATALHA — As 21 e 30 — «O último comboio de Gun Hill».
TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Noite de gala em Hamburgo».
VALE FORMOSO — As 21 e 30 — «Duas mulheres, dois destinos».
OLÍMPIA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «O grande inimigo».
JULIO DINIS — As 21 e 30 — «Os que sabem morrer».

PARECER sobre a aquisição

de casas económicas

O conselho consultivo da Procuradoria-Geral da República votou um parecer — que já foi homologado pelo ministro das Corporações e Previdência Social — que conclui assim: «O decreto-lei n.º 23 052, de 23 de Setembro de 1933, ao prever, nomeadamente nos seus artigos 36.º e 38.º, a aquisição de casas económicas em propriedade plena depois de estarem em regime de propriedade resolúvel, quis referir-se à propriedade absoluta, tal como é definida no artigo 2171.º do Código Civil».

BEBE BARRITOS
VERMUTE INDIVIDUAL

TEATROS E CINEMAS

«Elixir de amor», em S. Carlos

Um rápido olhar no programa bastou para nos informar que, em quadrada na temporada de ópera em S. Carlos, um desempenho inteiramente português ocuparia de novo a cena (bem assim o recinto da orquestra, mas isto é um facto consumado há muitos e muitos anos). Os únicos elementos estrangeiros que continuam a colaborar, neste ultimo acontecimento, são a direcção coral — Pellegrini coadjuvado por Pasquali — o cenógrafo — Furiga — e o responsável pela encenação — neste caso a responsável; Elena Raggi — ... e a própria partitura — o «Elixir de amor», de Donizetti.

Claro, isto não é cultura portuguesa no sentido de portuguesismo autêntico, (bom ou mau, errado ou acertado, o que já é outra questão). É apenas, e não será pouco, o aproveitamento de talentos portugueses, com a prova cabal da sua capacidade, aqui muito mais fácil de revelar do que ainda em experiências problemáticas como «A igreja do mar», de Frederico de Freitas, no espectáculo da semana anterior, ou mesmo a «Merope», de Joly Braga Santos, no ano passado. Os apologetas — aos quais pertencemos, sabe-se — da criação da ópera nacional portuguesa vêm os óbices de uma cultura excessiva na língua do bel-canto, sobretudo se esta cultura radica nos cantores a convicção de que os processos de cantar adequados, indispensáveis à boa execução vocal, perigam na modificação indispensável também para cantar noutra língua. Mas vejamos quantos cantores da melhor estirpe cantam igualmente bem em línguas de fonética antagónica, como o italiano e o alemão, ou mesmo o italiano e o francês. — sem contar os que capricham em cantar com igual perfeição não só em duas mas em várias línguas. Do que continuamos convencidos, cada vez mais convencidos mesmo, é que para cantar em português será preciso o tratamento adequado da língua portuguesa, quer pelo libretista, quer pelo cantor; e sob este ultimo aspecto, a prova italiana dos cantores portugueses é nula, mais adiantam experiências, com texto português, mesmo inglorias, mesmo falhadas, se se lhes quer e

sabe tomar a lição.

Bem, mas muito folgamos com o resultado brilhante alcançado ontem pelo «Elixir de amor». O teatro cheio, bem disposto, bem vestido, sem greves visíveis do seu publico socialmente mais representativo, parecia confiado na expectativa, e o decorrer do espectáculo correspondeu a essa confiança, desde a abertura, em que Jaime Silva (Filho) se esmerou, logo de principio, obtendo bom recorte e bonita sentimentalidade da orquestra, até à culminância da «Furtiva lágrima», que valeu a Armando Guerreiro um triunfo dos autênticos, inteiramente merecido, e a página de alta virtuosidade de Aldina, que se lhe seguiu, em que Germana de Medeiros, num papel que não está, pelo menos por enquanto, completamente talhado para a sua voz, mostrou o seu talento de defesa, a consciência do seu trabalho de adiantada técnica, uma musicalidade e uma inteligência preciosas, em suma, uma formação de interpretação que pode aspirar à melhor envergadura. Ao lado de Germana de Medeiros, Madalena Anderson deu-nos uma frscura e uma gentileza dignos de nota. Quanto a Armando Guerreiro, temos de acrescentar que todo o seu importante papel foi primorosamente cantado e acertadamente representado.

O belíssimo, o atraentíssimo papel de «Dulcamara» deu a Alvaro Malta mais uma ocasião de nos espantar; os progressos da sua articulação foram patentes, a sua vocação para a cena é uma certeza radicada. Faltou a sua indumentária um aspecto mais gritante de «avedor de elixires», e a sua actuação, o calo da experiência. Hugo Casais cantou e representou o petulante «Belcore» com admirável propriedade e apuro, bem melhor do que barítonos estrangeiros a quem vimos e ouvimos integrados em elencos de grande cartaz.

A orquestra soou um pouco forte, por vezes, desnecessariamente, e não foi sempre perfeito o ajuste do recinto da orquestra com a massa coral; mas estas imperfeições foram superadas por uma montagem de cena de alegria comunicativa e uma afinação da representação dos solistas, num estilo que mais se aproximou da galanteria do que da bufonaria, muito bem secundado pela batuta de Jaime Silva (Filho), dando, em suma, uma representação global de excelente nível.

FRANCINE BENOIT

Atrás do reposteiro

- Estão marcados para terça-feira os ensaios de coreografia, da nova revista, que na temporada da Primavera se estreará no Teatro Variedades.
- A companhia do Teatro Maria Vitória, a actuar no Porto, deve regressar a Lisboa, depois de amanhã.
- «Wang», a principal figura masculina da peça «A alma boa de Se-Tsuan», em ensaios no Capitólio, será desempenhada pelo actor Osvaldo Lousada.
- Lucien Donnat, está a dirigir a montagem cénica da peça «A visita da velha senhora», cuja estreia ainda não está fixada.
- Está a ser organizada uma companhia de circo, formada unicamente por artistas portugueses. A sua estreia deve efectuar-se em Lisboa, seguindo depois em digressão pela provincia.
- Devem começar na próxima semana as rodagens do novo filme português «Encontro com a vida», de que será protagonista a actriz Maria Della Costa.

Primeiras exhibições

«O Passarinho da Ribeira», no Condes

Estreou-se ontem, no cinema Condes, um novo filme português, «O Passarinho da Ribeira», extrai-do da conhecida opereta popular de Amadeu do Vale e Miguel Orrico, que tanto êxito tem alcançado nos nossos palcos.

O nome dos seus intérpretes basta para nos elucidar acerca das intenções deste filme despretencioso. Contam-se, entre eles, António Silva, Leônia Mendes, o cómico brasileiro Spina, Manuel Santos Carvalho e Humberto Madeira, que constituem uma quota-parte do riso e da alegria portuguesa, no teatro de revista. Por outro lado, a cantora Deolinda Rodrigues surge como complemento habitual deste género de espectáculos que visa a boa disposição do publico, dando-nos duas canções e um fado, antecidos pela voz agradável de Domingos Marques que acompanha a introdução do filme.

A história de «O Passarinho da Ribeira» é simples; todas as suas peripécias se filiam na situação de uma filha ilegítima, cujo pai volta milionário do Brasil, disposto a

(Continua na página seguinte)

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

**SEMPRE
A "BOITE"
DA MODA**

Vasapoga
Telef. 23584
ADULTOS (Maiores 17 anos)

**HOJE E AS 5.ªS FEIRAS
E AOS SÁBADOS GRANDES E SELECTOS
BAILES DE MASCARAS**

E UM NOTÁVEL ELENCO DE ATRACÇÕES COM

BALLET OLGA y SANTIAGO

EM PREPARAÇÃO:
A GRANDIOSA FESTA DO
2.º ANIVERSÁRIO

ATENÇÃO AO
CARNAVAL
4 NOITES DE LOUCURA

Musica de baile por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA

TRINDADE

HOJE AS 21,45

MAIS UM TRIUNFO DO T. N. P.

ENORME ÊXITO DUMA PEÇA E DE UM AUTOR: OLAVO D'EÇA LEAL

O AMOR, O DINHEIRO E A MORTE

Carmen Dolores, Assis, Ribeirinho, Rogério Paulo, Gusmão, Cortez, Josefina Silva

**HOTEL
VALE DE LOBOS**

FIM DE SEMANA
(Condições especiais)

CHÁ DANÇANTE

Todos os domingos
das 16 h. às 20 h.

Informações e Reservas
Telef. 094846 ou 726111

**TEATRO NACIONAL
DE DONA MARIA II**
Todas as noites, às 21 e 45

ULTIMAS
REPRESENTAÇÕES

**Diálogos
das Carmelitas**

Na quinta-feira, às 18 horas,
última representação do
«Teatro por novos para novos»,
com Strindberg e Lorca
Preços especiais para estudantes:
10\$00 e 5\$00 (M/17 anos)

**HOTEL DE TURISMO
DA ERICEIRA**

Fim de semana
em pleno Oceano

(Condições especiais)

**DIÁRIAS DE
INVERNO**

Informações e Reservas

Telef. 25 e 130 — Ericeira
ou 726111 — Lisboa

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da página anterior)

dar-lhe o seu nome e a felicidade de que a privou por tanto tempo. Maria Cristina no papel de «Mica» a mãe, destaca-se de todos os outros intérpretes, tanto pela natureza da parte que lhe cabe no filme, como pelo acerto de algumas cenas em que traduz fielmente as características da personagem: uma mulher do povo, cheia de vitalidade e sempre com a resposta pronta. As diversas rúbicas de actores que já citámos, há ainda a junta a estreia de um novo galã, Pedro Bandeira, que encarna o apaixonado do «Passarinho da Ribeira».

A realização deste filme, que visa a alegria e algumas boas gargalhadas, num ambiente de música agradável, é de Augusto Fraga, cujo nome dispensa credenciais. Esforçado, lutando contra muitas dificuldades, é de esperar que aquele realizador nos dê, um dia o filme diferente que certamente desejaria assinar. A fotografia em «eastman-color» de João Mendes oferece-nos algumas bonitas imagens do Porto e de Lisboa, «habitadas» pela música de Jaime Mendes e Carlos Dias. Dos técnicos, fazem também parte Alfredo Hurtado (guião técnico e assistente), Antonino Peironi (operador), Augusto Lopes (som) e Pablo del Amo (montagem). Produção de Augusto Fraga e Manuel Queirós.

Entre os complementos, cite-se o documentário «Céu Aberto» que foca aspectos de cidades e paisagens europeias, vistas do ar.—Visor 27

«A loba», no Eden

Alberto Lattuada, uma das figuras centrais do neo-realismo cinematográfico italiano, assina «A loba», em cujo argumento trabalhou, entre outros, outra figura olustre, a do escritor Alberto Moravia. «A loba», que Kerima, May Britt e Ettore Manni interpretam, é o drama de uma mulher feroz e insaciável que destrói os que as rodeiam. Numa aldeia admirável, que é uma montanha de granito, entre uma humanidade brutal, desenrola-se esta tragédia, que é o choque de diversas máscaras, sentimentos puros que embatem uns contra os outros.

Na linha do neo-realismo, aqui praticado com pureza e coerência, ainda que, pela intensidade do drama e pelas exigências da definição das personagens, a tocar a truculência do folhetim passional, «A loba» impressionou profundamente a plateia, pela crueza das imagens. Filme autêntico e cruel, é uma das obras-primas de Lattuada.

Maria Pereira

cantou, ontem, em Peniche, 32 fados e canções, tendo alcançado grande êxito

Maria Pereira realizou, ontem, no cinema «Cinemas», de Peniche, o seu primeiro recital de fados e canções portuguesas tendo alcançado um grande êxito.

A assistência, entre a qual se via, em representação do Presidente da Câmara que se encontra ausente, o secretário da edilidade, sr. Reis Pinto, e as figuras mais representativas de Peniche, que enchia totalmente aquele cinema, obrigou a popular artista a cantar 32 fados e canções, alguns dos quais com acompanhamento do público, foram até transados.

É esta a primeira vez que uma artista se apresenta, em Peniche, preenchendo, sozinho, um espectáculo inteiro, facto que causou a maior admiração.

Maria Pereira realizará, hoje, à noite, o seu segundo recital em Peniche, oferecido pela Robbialac, havendo, como é natural, a maior expectativa.

Coliseu

O triunfo gigantesco de uma companhia única! Pinito, a rainha da cúpula, vence a morte. Esta noite, às 21.30

Pinito arde na cúpula do Coliseu como uma estrela que nada consegue apagar. Esta admirável mulher vence a morte em exercícios arriscadíssimos. Kinito, o criador de um novo estilo de comédia, é exigido pelo público. «El Empastre» é a única orquestra do Mundo que ri musicalmente. Sahib, 5.500, quilos, 3.40 metros, o prodígio da companhia. Os Markus, magníficos atletas portugueses. Eis o elenco fenomenal que arrasta ao Coliseu multidões entusiasmadas.

Esta noite, às 21 e 30. Amanhã, espectáculos às 16 e às 21 e 30 horas.

Vem aí o Carnaval! Viva-o no Coliseu! Quatro dias de euforia!

TODAS AS NOITES
ÀS 20.30 e 22.45
E AMANHÃ, ÀS 16 H.

JOSÉ MIGUEL
apresenta, no
ABC

Emp. Teatral
ABC, Lda.
Tel. 366745
M/17 ANOS

UMA REVISTA NOVA!
com CENÁRIOS NOVOS!

GUARDA-ROUPE NOVO!
NOVAS CANÇÕES!
PIADAS NOVAS!

TUDO NOVO!!!
**QUEM SABE,
SABE...**

com a «vedeta» internacional CARMEN ESBRI • ALVARO PEREIRA • MARIA ADELINA • MAX • HELENA TAVARES • ANTÓNIA MONTES • DANIEL GARCIA • ALDA PINTO • os bailarinos YOLA e PAULO, a nova artista MARIA JOÃO, CARLOS COELHO, no «compère» e em grande sucesso
RAUL SOLNADO

TEATRO MONUMENTAL

Esp. Vasco Morgado, Lda.
(Adultos M/17 anos)

2 SESSÕES

Às 20.45 e 22.45

Preços desde 5500



A MÚSICA VIVA DE PARIS

num espectáculo de Vasco Morgado INEDITO EM PORTUGAL, COM

**LAURA ALVES
MARGARIDA
DA RUA**

3.ª SEMANA UM ÊXITO!

VA À 1.ª SESSÃO
E TERA 10 HORAS
DE ESPECTÁCULO...

(Adultos m. 17 anos)

UM GRANDE ÊXITO

de

LAURA ALVES

em

MARGARIDA DA RUA

atracções internacionais

RUMAN e KITA e

PADDY e MURPHY

os extraordinários artistas

COLE E LILIAN

UM SHOW com uma grande parada

de artistas

Baile até de Madrugada para o público

das 2 sessões

CARNAVAL INFANTIL também bilhetes à venda



monumental
CARNAVAL
só do TEATRO
MONUMENTAL

TEATRO AVENIDA

(Adultos M/17 anos)

HOJE às 21.45 h.

105.ª

REPRESENTAÇÃO

3 horas a RIR! com a farsa

**A MALA DA
BERNARDETTE**

com

IRENE ISIDRO

e a revelação do momento
HENRIQUE SANTANA

HENRIQUE SANTOS

RIR! RIR! RIR! RIR!

Amanhã à tarde às 15.30 h.



NO
AVENIDA

HOJE e AMANHÃ

à tarde às 18.30 h.

TEATRO PARA CRIANÇAS
A ENCANTADORA PEÇA
CINDERELA

PARA MAIORES
4 ANOS

com
MARIA JOSÉ
E O ELENCO
DO
GERIFALTO

a Gata Borralheira

DE TOMAZ RIBAS

Entrada gratuita a todas as crianças dos 4 aos 7 anos

— PREÇOS DESDE 4500 —



RITZ CLUB

EMPRESA RITZ CLUBE

Adultos (Maiores 17 anos)

Musica de baile por

VILAÇA E SUA ORQUESTRA

NO SALÃO TÍPICO: CEIAS,

FADOS E GUITARRADAS

UM ACONTECIMENTO DE ALTA SENSAÇÃO

UM FENÓMENO DO «MUSIC-HALL» MODERNO QUE
TODAS AS NOITES ARREBATA O PÚBLICO

PACO FLORES

40 MINUTOS UM ÊXITO
SEM PARAR LOUCO!

NUMEROS BISADOS!
CANÇÕES! CHISTES!

ATENÇÃO

PACO FLORES é uma atracção sem rival no Mundo, percorreu 21 países da América com assombroso êxito. Fez parte do célebre «ESPECTÁCULO DE ANTONIO MACHIM e actuou no TEATRO VITÓRIA DE BARCELONA cuja empresa só contrata atracções de grande fama internacional

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ
Telefone 27172

15.15 - 18.15 (p. r.)
e 21.30 (M/17 anos)
Um filme admirável
em 2.ª SEMANA
AS GRANDES FAMILIAS
c/ Gabin, Brasseur, Annie Ducaux, etc.

EDEN
Telefone 28768

15.30 - 18.30 e 21.45
(M/17 anos)
Um filme de
Alberto Lattuada
A LOBA
c/ Kerima—Ettorre Manni e May Britt
O pecado da carne na sua mais violenta expressão.

ALVALADE
Telefone 763088

15.15 - 18.15 (p. r.)
e 21.45 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
Um filme admirável
AS GRANDES FAMILIAS
c/ Gabin, Brasseur, Annie Ducaux, etc.

ODEON
Telefone 26283

Às 15.15 e 18.15
e 21.30
(M/12 anos)
Pedro Infante
e Sarita Montiel
cantam e encantam, em
AMORZINHO DA MINHA VIDA

ROYAL
Telefone 845037

21.00 (M/12 anos)
AMOR DE JORNALISTA
A CONQUISTA DO ESPAÇO

CASINO ESTOR
21.00 (M/17 anos)

TERCEIRO HOMEM NA MONTANHA
com Michael Rennie

IVOLI
Telefone 54594

Às 3 e 6.15 da tarde
e 9.30 da noite
(M/17 anos)
Michel Morgan
e Henri Vidal
num grande êxito de Henri Decoin
PORQUE VENS TÃO TARDE...

POITEUMA
Telefone 26305

15.15 - 18.15 e 21.30
Um dos maiores
êxitos de gargalhada
de todos os tempos
CANTINFLAS
na famosa farsa
O SOBE E DESCE
com Teresa Velazquez e «Borolas»
EASTMANCOLOR (Maiores 12 anos)

CONDES
Telefone 22523

15.15 - 18.15 (p. r.)
e 21.30 (M/12 anos)
O PASSARINHO DA RIBEIRA
com António Silva, Deolinda Rodrigues,
Maria Cristina, Leônia Mendes, Humberto Madeira, etc.

AVIS
Telefone 47163

15.30 - 18.30 (p. r.)
e 21.45 (M/12 anos)
3.ª SEMANA
Todo o exotismo do
celeste Império num
espectáculo de beleza
inigualável
O HOMEM DO RICKSHAW
com Toshio Mifune

RESTELO
Telefone 610375

21.15 (M/17 anos)
O HOMEM DAS PISTOLAS DE OURO
com Richard Widmark e Henry Fonda
21.00 (M/12 anos)
O GRANDE INDUSTRIAL
A CIDADE DO AMOR

IMPERIO
Telefone 55134

Às 15.15 e 21.30
(M/17 anos)
Anna Magnani
Giulietta Masina
na poderosa realização cinematográfica
de Renato Castellani
AS GRADES DO INFERNO

SÃO JORGE
Telefone 54154

15.15 - 18.15 e 21.30
(M/12 anos)
ALDO RAY e HEATHER SEARS
em

ROMA
Telefone 727778

15.30 - 18.30 (p. r.)
e 21.45
(M/17 anos)
A maliciosa comédia
de graça irresistível
PROMESSAS, AMOR E...
com Peppino de Filippo e Giovana Rali

MONUMENTAL
Telefone 55131

15.15 - 18.15 e 21.30
(M/12 anos)
Vibrante filme de
aventuras em
Eastmancolor e
Dyaliscope
O CORCUNDA
com Jean Marais e Sabina Selman

112
Telefone 48568

21.00 (M/12 anos)
A MIUDA
AMEAÇA DE MORTE

CINEMA IDEAL
Telefone 24194

21.00 (M/17 anos)
O VALE DAS MIL MONTANHAS
CHRISTINA

UMA PEGA 6\$50

DOÇARIA CASEIRA — CAFÉ DE BALÃO — Praça do Areeiro, 11-D, no

BAR RIBATEJO

A deslocação do Sporting a Leixões provoca nova jornada de grandes preocupações

Em Lisboa: dois jogos importantes

Belenenses-F. C. Porto e Benfica-V. Guimarães

A 18.ª jornada — 5.ª da segunda volta — que amanhã se realiza continua de posse de todos os ingredientes de «suspense», em face da perspectiva que se apresenta de os ocupantes dos dois primeiros lugares perderem pontos. A deslocação do Sporting a Matosinhos concita alguns interesses dispares e oferece ao Benfica (se vencer) a hipótese de aumentar a diferença pontual que o separa dos «leões», na hipótese de estes não lograrem o triunfo. Por outro lado, o Belenenses, conhecendo um período de grande lucidez de jogo, aspira a aproximar-se dos «encarnados» e «verde-brancos», enquanto estes, como é óbvio, pensam em galgar o difícil obstáculo e aguardar os acontecimentos

que, note-se, podem vir a ser-lhes bastante proveitosos. Uma jornada, portanto, de inegável interesse. Pena é, em referência a Lisboa, que o calendário haja marcado para o mesmo dia e mesmas horas dois encontros que o verdadeiro adepto gostaria de apreciar. O inconveniente podia ter sido estudado com base na existência de iluminação nos estádios da Luz e Restelo. Decerto as receitas receberiam considerável reforço.

Os jogos são os seguintes:

Belenenses-F. C. Porto

Leixões-Sporting

Benfica-V. Guimarães

V. Setubal-Académica

Sporting de Braga-G. D. da C. U. F.

Lusitano-Atlético

Boavista-Sporting da Covilhã

NO RESTELO — Um dos «clássicos» do futebol português, regra geral, recebido com agrado. Os bons resultados (e boas exhibições) registados pelos belenenses constituem um atractivo especial como é também a circunstância de o nortenho Teixeira alinhar a médio. O Belenenses (24 pts.) parece suficientemente apetrechado para vencer o F. C. Porto (20 pts.).

EM MATOSINHOS — O Leixões (17 pts.) ainda não perdeu no seu campo e por isso a deslocação do Sporting (29 pts.) apresenta-se recheada de escolhos. Prevê-se um jogo tremendamente complicado para os lisboetas que terão de pensar numa manobra simplista e eficaz, a exemplo do que fizeram em Guimarães. Vaticínio? O Sporting parece capaz de arrecadar a vitória.

NA LUZ — Com o pensamento em Matosinhos, o Benfica (30 pts.) recebe o V. Guimarães (18 pts.), mas sem que o valor dos minutos seja subestimado. Os «encarnados» estão á altura de ganhar.

EM SETUBAL — O Vitória (11 pts.) necessita de pontos e por isso a Académica (16 pts.) parece destinada a perder.

EM BRAGA — Os «ufistas» e os «bracarenses», ambos com 11 pontos, devem travar um despique emocionante. Os locais são favoritos.

EM EVORA — O Lusitano (12 pts.), que recebe o Atlético (14 pts.), deve tentar a desforra da derrota sofrida na 1.ª volta, embora os alcantarenses não sejam fáceis de dominar.

NO PORTO — No campo do Besa, o Boavista (8 pts.) defronta o Sporting da Covilhã (17 pts.). O último classificado, no seu ambiente, deve assemelhar-se a um gigante. Portanto, perspectiva de derrota para os beirões.

Prováveis formações

BELNENSES — José Pereira; Pires e Rosendo; Marciano, Paz e Vicente; Dimas, «Yáica», Chaves, «Matateu» e Estêvão.

F. C. PORTO — Acurcio; Virgílio e Paula; Teixeira, Arcanjo e Monteiro da Costa; Montano, Hernani, Daucik ou Noé, «Ferreirinha» e «Humaitá».

LEIXÕES — Rosas; Santana (ou Raul II) e Raul II (ou Jacinto); Ventura, Raul I e Carlos Alberto; Medeiros, Osvaldo, Jaburu, Auleta e Silva.

SPORTING — Sá; Lino e Hilário; Mendes, Lucio e Julio; Hugo, Faustino, Fernando, Diego e Semínario.

BENFICA — Costa Pereira; Serra e Mário João; Saraiva, Artur e Neto; José Augusto, Santana, Aguas, Coluna e Cavém.

VITÓRIA S. C. — Pinho; Daniel e Abel; «Caçaras», Silveira e João da Costa; Bartolo, Edmur, Augusto Silva ou «Celso», Carlos Alberto e «Rola» ou Azevedo.

PESCA À TRUTA

Termina depois de amanhã o período de defeso da pesca à truta.

VITÓRIA F. C. — Mourinho; Polido e Manuel Joaquim; Casaca, Vaz e Alfredo; Inácio, Bira, Pompeu, Miguel e Mateus.

ACADÉMICA — Maló; Araujo e Mesquita; Curado, Abreu e Torres; Jorge Humberto, Chipenda, Samuel, Gaio e Rocha.

SPORTING DE BRAGA — Faria; Azevedo e Narciso; Armando, Calheiros e Trenque; Teixeira, Rafael, Caraballo, Mendonça e Matos (cap.).

G. D. da C. U. F. — José Maria; Orlando e Abalroado; Oliveira, Palma e José Luís; Gastão, Salvador, Pedro Silva, «Faia» e Uria.

LUSITANO — Vital; Teotónio e Paixão; Piscas, Falé e Vicente; Fialho, Caraca, Manuel Jorge, Ivson e José Pedro.

ATLÉTICO — Ramin; Ferreira e Nunes; Coelho, Germano e Tomé; Angeja, Gomes, Albano, Orlando e Tito.

BOAVISTA — Levi; Franco e Artur; Campos, «Manero» e Torres ou Alcino; Garcia, Monzon, Adriano, Guilherme e Germano.

SPORTING DA COVILHA — Rita; Helder e Couceiro; Martinho, Lourenço e Coureles; Pires, Ilo Caldas, Suarez, Lázinha e Walter.

PROVAS DA A. F. L.

Benfica e Sporting disputam, na Tapadinha, a final do Campeonato de Juniores da 1.ª Divisão

O campeonato de juniores da 1.ª Divisão da A. F. L., que se arrasta desde Setembro do ano findo vai ter amanhã o seu epílogo com o encontro Benfica-Sporting, que põe frente a frente os vencedores das séries por que os clubes foram repartidos, quer na primeira fase do campeonato (com 16 clubes), quer na segunda (com 8 clubes).

O facto apontado faz desaparecer todas as dúvidas que poderiam subsistir quanto à justiça da presença dos dois velhos rivais — Benfica e Sporting — nesta final, que a A. F. L. marcou para o campo da Tapadinha, para amanhã, às 10 e 30 h. Com efeito, não é possível deixar de considerar os jovens jogadores dos «encarnados» e dos «leões» como os componentes das duas melhores equipas que participaram no campeonato.

Na primeira fase da prova, a carreira dos dois clubes sintetiza-se assim:



Os responsáveis pela equipa de juniores do Sporting, dr. Abrantes Mendes e Fonseca e Castro, este recentemente contratado pelo clube «leonino»



Tais «filhos» tais «pais»...

Os guias da classificação são favoritos nos jogos de amanhã

Vence-se amanhã mais uma jornada do Campeonato Nacional da II Divisão, a 18.ª, que, como todas, tem os seus atractivos, mais vinculados nuns do que noutros jogos, consoante a valia das equipas que se defrontam ou a influência dos resultados na ordenação dos con-

correntes nas tabelas de classificação.

Com nove jornadas antes que se conclua a prova, tudo é de admitir, com vista à classificação dos competidores, do que resulta a competição continuar a revestir-se de bastante interesse.

Os desafios da Zona Norte

Na Zona Norte o programa encontra-se assim elaborado:

Sanjoanense - Acad. Viseu (2-2)

Espinho - Chaves (1-2)

Peniche - Torriense (2-1)

Marinhense - Caldas (0-0)

U. Coimbra - Vianense (2-5)

Vila Real - Oliveirense (2-5)

Beira Mar - Salgueiros (2-1)

Entre parêntesis indicam-se os resultados dos desafios da primeira volta.

Na quinta jornada desta prova já haviam predominado os resultados nivelados, pois só o Vianense e a Oliveirense conquistaram vitórias de certo modo expressivas. As perspectivas para amanhã afixam-se pelo mesmo diapasão, excepção feita para o jogo de São João da Madeira, em que os locais merecem favoritismo.

Nos jogos de Espinho, Peniche, Marinha Grande, Coimbra e Vila Real os despiques não deverão ser desnivelados, tornando-se, portanto, difíceis os vaticínios. Relativamente ao desafio de Aveiro, o Salgueiros caminha tão confiante que temos de o julgar capaz de vencer as dificuldades da deslocação, até porque vai jogar tranquilo, sem o perigo de perder a sua posição de «guia».

Os jogos da Zona Sul

Os encontros a disputar na Zona Sul são os seguintes:

Lusitano V. Real - Arroios (3-1)

Almada - Oriental (1-1)

Montijo - Desp. Beja (0-3)

Serpa - Estoril (2-3)

Barreirense - Juventude (1-1)

Olivais - Olhanense (0-3)

Farense - Portimonense (1-2)

Entre parêntesis estão indicados os resultados dos desafios da primeira volta.

Os lusitanistas de Vila Real de Santo António vão, por certo, confirmar a vitória obtida há 13 jornadas. E' este o único encontro em que, em boa verdade, a previsão não se afigura difícil.

As partidas marcadas para os campos do Barreirense e do Almada, também se afiguram destinadas a ser ganhas pelos visitantes, porém, os vaticínios podem estar mais repartidos.

Em relação aos restantes jogos, apenas, são de admitir lutas mais niveladas e, por conseguinte, de desfecho mais incerto. A menos que o factor «casa» impere decisivamente.

BEBA BARRITOS
VERMUTE COM GIN
GELADINHO

Os desafios da 5.ª jornada

A jornada de amanhã, do Campeonato Nacional da 3.ª Divisão, é, já a quinta do torneio que tem vindo a desenrolar-se com apreciável regularidade e não menos apreciável interesse. Mais duas rondas e ficará em meio a fase inicial do mais concorrido campeonato da F. P. F. As possibilidades das equipas começam a desenhar-se com mais clareza, mas há sempre que contar com as surpresas...

Vejam os quais são os 32 desafios marcados para amanhã.

ZONA A — 1.ª Série — C. A. de Valdevez c. Murça S. C., em Arcos de Valdevez; F. C. Penafiel c. S. C. Mirandela, em Penafiel; F. C. Famalicão c. S. C. Régua, em Famalicão; G. D. Bragança c. Gil Vicente F. C., em Bragança — todos às 15 horas.

2.ª Série — A. D. Ovarense c. P. João A. C., em Ovar; Académico F. C. c. C. D. Feirense, no Porto (Lima); Varzim S. C. c. F. C. Avintes, na Póvoa de Varzim; C. D. Arrifanense c. Leça F. C., todos às 15 horas.

ZONA B — 3.ª Série — Spt. Lamego c. Mortágua F. C., em Lamego.

(Continua na pág. seguinte)

O REAL MADRID

mostrou-se indiferente

à influência hipnótica...

VIGO, 13. — «Porei, amanhã, sob sugestão, os jogadores do Real Madrid para os fazer perder o encontro com o Elche F. C.» — havia dito, com absoluta convicção, o telepata Laureano Alvarez, desta cidade. Porém, o Real Madrid não só não perdeu como ainda obteve a esmagadora vitória de 11-2 sobre o seu adversário.

Laureano Alvarez enviou, á ultima hora, uma carta aos dirigentes do Real Madrid, anunciando que ia suggestionar a equipa daquele clube no jogo contra o Elche e que, «anularia» principalmente Gento e o defesa-central Santamaría.

Chegou o dia do encontro e o Real Madrid marcou 11 golos. «Graças ao telepata Laureano Alvarez, por ter suggestionado a equipa do Real Madrid. Mas se o não tem feito não sabemos quantos golos o clube teria marcado» — disse, em comentário ao jogo, um cronista desportivo. — (A. N. I.).

Provas da A. F. L.

(Continuação da página anterior)

da Eira, no Estádio Pina Manique (treinos); Algés-Linda-a-Velha, no campo António Estêvão Simões Alves; Oeiras-Carcavelos, no Estádio Nacional (campo de treinos «duros»); Bairro de Inglaterra-Bom Sucesso, no campo do Vitória.

Série B — Queluz-Malveira, no campo Eduardo Ferreira Pinto Basto (Belas); Montelavarenses-Belas, no campo do Vimal; Lourel-Cacém, no campo Arménio Fernando Luís; Vila Verde-1.º de Dezembro, no campo Afonso Araújo de Sommer.

Série C — Camarate-Loures, no campo da Quinta dos Barros; Tojal-Povoense A. C., no campo da Meia Laranja; Bucelense-Castanheira, no campo Júlio Camilo Alves; P. Loures-P. Frielas, no campo Major Arsénio Rosa Bastos; Canecas-Zambujalense, no campo da Lapa.

Prova distrital de principiantes — Série A — Algés-Olivais, no campo António Estêvão Simões Alves; Oriental-Atlético, no campo Eng.º Carlos Salema; — ambos às 10 e 30 horas. Casa Pia-Sporting, no Estádio Pina Manique, às 11 e 30 horas. Palmense-Torriense, no campo de José Ramos, às 11 horas.

Série B — Alhandra-Benfica, no



José Valdivielso, o treinador dos juniores do Benfica, com o seu pupilo Carlitos

campo da Hortinha; Santa Iria-Sacavenense, no campo Reynolds; Vilafrankense-Belenenses, no campo de Vila Franca de Xira, todos às 10 e 30 horas.

Várias provas de amanhã

ACTIVIDADES DA M. P. — Os filiados da Mocidade Portuguesa estarão em acção através de três competições, pois o calendário de provas prevê.

CORTA-MATO — Nos terrenos anexos ao Estádio Nacional, às 10 e 30 h., disputa-se o campeonato regional de corta-mato da Ala de Lisboa, na distancia de 1.500 metros para «iniciados» e 2.000 para «juniores».

TENIS DE MESA — Nas mesas da Escola «Nuno Gonçalves», às 10 h.: «poule» final de «infantes», 2.ª volta das 1.ª e 2.ª séries de vanguardistas «B».

VOLEIBOL — No ginásio da Escola «Nuno Gonçalves», às 9 e 30 h., C. E. 47 c. C. E. 22, em vanguardistas A e às 10.15 h., C. E. 40 c. C. E. 33 A, em infantis.

ATLETISMO — Campeonato nacional de corta-mato, de juniores, no Restelo, de manhã.

CICLISMO — A Associação de Ciclismo do Sul inaugura amanhã a nova época, fazendo disputar as «Provas de Abertura».

Os «independentes» e os «amadores-seniores», terão de percorrer 110 quilómetros, partindo às 8 horas do Estádio «José Alvalade», passando por Lumiar, Carriche, Loures, Louisa, Malveira, V. F. do Rosário, Gradil, Paz, Ericeira, Carvoeira, Terugem, Lourel, Granja, Algueirão, Belas, Canecas, Odivelas, Carriche, Lumiar e Estádio «José Alvalade» (topo sul).

Os «amadores-juniores», partem às 8.15 e seguem o mesmo caminho dos anteriores até Paz; depois seguem por Mafra, Alcaniza, Malveira, Venda do Pinheiro, Louisa, Loures, Carriche, e Estádio «José Alvalade» (topo sul). Oitenta quilómetros.

Os «iniciados» largam às 8 e 30 horas, seguindo o mesmo percurso dos anteriores até a Malveira e regressando pelo mesmo caminho. Cinquenta quilómetros.

DESPORTO CORPORATIVO — Campeonato de Lisboa de basquetebol: F. Chocolates Regina c. Ferro.

HOJE, À NOITE

ASSEMBLEIAS — No Algés e no Vespia Clube, às 21 e às 20 e 30 horas, respectivamente para apreciação do relatório e contas e eleições dos novos dirigentes.

BASQUETEBOL — 5.ª jornada do Campeonato Nacional. No Pavilhão dos Desportos, a partir das 21 e 30 horas: Belenenses-F. C. Porto e Sporting-Vasco da Gama.

Em Coimbra: Académica-Barcelonense; e, na Figueira da Foz, Ginásio Figueirense-Benfica.

HANDEBOL — No recinto da Madre de Deus, a partir das 20 e 45 horas: Lisboa Ginásio-Hóquei, Campo de Ourique-Liberdade (Mutela), e Ginásio do Sul (Cacilhas)-Oriental, para o campeonato regional da 1.ª Divisão, na variante de sete.

LUTA — Começo do 2.º grande torneio do Ginásio, às 21 e 30 horas.

Rocky Marciano vai dedicar-se ao cinema...

LOS ANGELES, 13. — O pugilista norte-americano Rocky Marciano, que abandonou o ringue sem ser derrotado como campeão mundial dos «pesados», disse hoje que vai entrar para o cinema. Acrescentou que o primeiro filme em que toma parte se intitula «College Confidential», no qual faz o papel de xerife. — (A. N. I.).

Os desafios da 5.ª jornada

(Continuação da página anterior)

go; G. D. Vição Cernache c. G. D. Santacombadense, em Cernache de Bonjardim; Lusitano (Vildemoinhos) c. S. Benfica e Castelo Branco, em Viseu; Spt. de Gouveia c. Futebol Clube Estrela — todos às 15 horas.

4.ª Série — G. D. Os Nazarenos c. Ginásio Figueirense, na Nazaré; A. Naval 1.º de Maio c. União Mirense, na Figueira da Foz; C. D. Norte e Soure c. F. C. Marrazes, em Paleão (Soure); C. F. Os Marialvas c. G. C. Alcobaça, em Cantanhede — todos às 15 horas.

ZONA C — 5.ª Série — Tramagal S. U. c. U. D. Vilafrankense, no Tramagal; Alhandra S. C. c. C. D. Torres Novas, em Alhandra; G. D. Benavente c. S. C. Sacavenense, em Benavente; G. D. O Coruchense c. S. G. S. «Os Leões», em Coruche — todos às 15 horas.

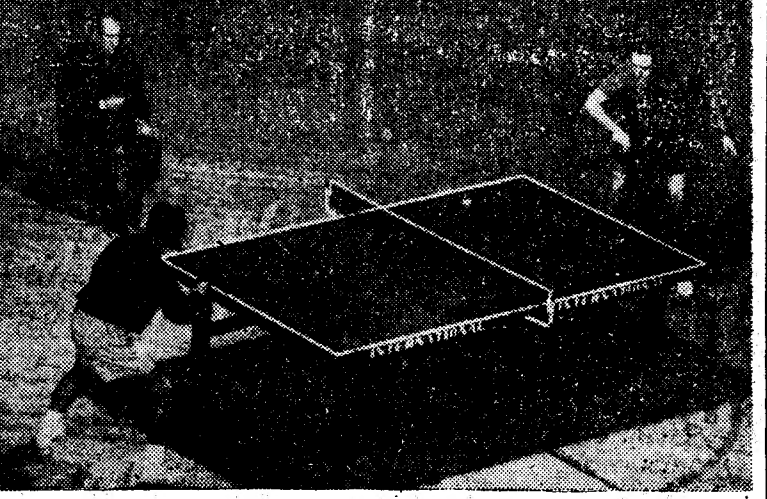
6.ª Série — Luso F. C. c. Seixal F. C., no Barreiro; C. D. Olivais c. União Moitense, em Moscavide; G. D. Sesimbra c. G. D. Cova da Piedade, em Palmela; S. U. Sintrense c. Casa Pia A. C. — o primeiro às 13 h. e os restantes às 15 horas.

ZONA D — 7.ª Série — S. L. e Evora c. R. A. Calipolense, em Evora; Spt. Campomaiorense c. G. U. Sport (Mont.-o-Novo), em Campo Maior; G. D. Portalegre c. O. Elvas, em Portalegre; Estrela F. C. c. S. C. Estrela, em Vendas Novas — o primeiro às 13 h. e os restantes às 15 horas.

8.ª Série — Despertar S. C. c. S. C. M. Aljustrelense, em Beja; Silves F. C. c. S. Domingos F. C., em Silves; C. D. São Brás c. Spt. Ferreirense, em S. Brás de Alportel; Louletano D. Clube c. F. C. Unidos Sambrasense, em Loulé.

Os Jogos Olímpicos são hoje inaugurados na Califórnia

SAN FRANCISCO, 13 — Os VIII Jogos Olímpicos inauguram-se hoje às 23 horas, T. M. G., com uma cerimónia na ópera de São Francisco, a que assistirão o governador da Califórnia, Edmund G. Brown, o presidente do Comité Olímpico Internacional, Avery Brundage, e os delegados do comité de 24 países. Amanhã haverá um jantar num famoso hotel, a que presidirá o governador Brown. Brundage declarou à imprensa: «Estamos muito satisfeitos por estes jogos se disputarem na Califórnia. Quando a gente de San Francisco se mete numa coisa, dá sempre bons resultados». — (A. N. I.).



Benfica e Sporting decidiram ontem — mais uma vez num encontro extra — o título de campeão de Lisboa, em seniores. Já aconteceu assim há um ano e, então, a vitória sorriu ao Benfica. Desta feita venceu o Sporting (5-3) e no aspecto desportivo, propriamente dito, não há que pôr reticências ao triunfo «leonino». Lastima, apenas, que o público tivesse prejudicado o ambiente tão necessário nas pugnas de ténis de mesa. Nesta fase vê-se o benfiquista Alberto Ló na ofensiva e o «leão» Sebastião Carvalho preparado para devolver a bola

Para iluminar Almada o Município gastará mil cento e sessenta e dois contos

O desenvolvimento da vila de Almada tem proporcionado o rasgar de novas ruas e avenidas, onde a construção civil faz erguer, apressadamente, prédio após prédio, num ritmo impressionante, uma urbanização diferente. Naturalmente, o progresso assim verificado ultrapassa as disponibilidades financeiras do Município, que se vê impotente para acudir a tudo. De entre os protestos mais salientes dos munícipes, destaca-se a escassez de iluminação pública — a que já nos referimos — na maioria dos arruamentos da vila — sede do concelho, designadamente nas novas artérias, como as Avenidas Frederico Ulrich, Afonso Henriques e Nuno Álvares, que, juntamente com a Praça da Renovação, constituem parte da estrada nacional para a Costa da Caparica, ponto obrigatório de passagem para turistas nacionais e estrangeiros.

Contrariamente ao que alguns poderão pensar, não descurou a Câmara Municipal o estudo desse momento problema, porquanto desde 1936 está pronta a planificação necessária às obras a promover para instalação de modernos candeeiros de luz fluorescente. Segundo esse estudo, serão totalmente substituídos os candeeiros existentes na Avenida Afonso Henriques e desaparecerão os paus-de-fio dispostos na Avenida Nuno Álvares, enquanto a Avenida Frederico Ulrich, actualmente sem iluminação eléctrica, beneficiará de trabalhos definitivos. O custo total previsto para as referidas obras é de 1.162.032\$00, a dividir em três fases, todas elas comparticipadas pelo Ministério das Obras Públicas.

A primeira comparticipação de cem mil escudos, através do Fundo de Desemprego, foi atribuída há dias, e destina-se à Avenida Frederico Ulrich, cujas obras vão brevemente a concurso. Estes trabalhos, a dividir em três fases, todas elas comparticipadas pelo Ministério das Obras Públicas.

A primeira comparticipação de cem mil escudos, através do Fundo de Desemprego, foi atribuída há dias, e destina-se à Avenida Frederico Ulrich, cujas obras vão brevemente a concurso. Estes trabalhos, a dividir em três fases, todas elas comparticipadas pelo Ministério das Obras Públicas.

ESGRIMA

Começou a disputa da II Prova de Preparação de Florete

Na salão do Centro Espanhol disputaram-se as duas eliminatórias da II Prova de Preparação de Florete, para a qual se inscreveram 14 atiradores, dos quais, porém, faltaram dois.

A «poule» final disputar-se-á na próxima quarta-feira, no mesmo salão, às 21 horas, entre os oito concorrentes apurados e que são os seguintes: Orlando Azinhais e Luís Fernandes, do Centro Universitário; Carlos Martinho e Mário Corga, do Ginásio Clube; Maria José Nápoles e Frederico Fonseca Santos, do Clube Shell; V. Parreiras Fernandes, da Mocidade; e J. Santos Silva, individual.

Os eliminados foram Nuno Alcochete e Ivo Cruz, do Ginásio Clube; Delmar Guerreiro, da Mocidade; e António Nunes da Silva, individual.

Os assaltos foram arbitrados pelos srs. Avelar Machado e Rui de Santa Bárbara.

Bispo, do Atlético foi esta manhã operado

No Hospital da Ordem Terceira de S. Francisco, o antigo jogador do Sporting e, actualmente no Atlético, Elísio Bispo, atacado de apendicite, foi esta manhã operado pelo dr. Salgueiro Rego.

A intervenção cirúrgica decorreu com êxito. O dr. Salgueiro Rego, ex-médico do Sporting, numa demonstração da amizade que o liga aos jogadores «leoninos», operou Bispo, obsequiosamente.

ATLETISMO no Estádio do Restelo

O Belenenses leva a efeito, amanhã, às 9 e 30 horas, um torneio de atletismo para sócios e simpatizantes, disputando-se as provas de 80, 700 e 2.000 metros, altura e peso.

Serão atribuídas medalhas aos três primeiros classificados de cada prova.

FALTAS DE ÁGUA no concelho de Almada

Tem-se verificado em algumas zonas do concelho de Almada, a determinadas horas do dia, interrupção do fornecimento de água ao domicílio, principalmente em Cacilhas. Segundo nos informam os respectivos Serviços Municipalizados de Abastecimento de Águas, as faltas verificadas são provenientes das obras de reparação que estão a ser feitas numa parede do depósito abastecedor, que abriu uma grande fenda. Esta reparação deve ficar concluída dentro de dias.

RECITAL E CANTO

Integrado no programa cultural da Câmara Municipal de Almada, vai realizar-se no dia 19, às 22 horas, na sede da Incrível Almadense, um recital pelo barítono finlandês Kary Nurmela. A entrada para este concerto faz-se por convites que são oferecidos à população.

Cinemas

ALMADA — Academia, às 21 e 15: «Sentenciado» (17 anos). Incrível, às 21 e 15: «Quase nos seus braços» (17 anos). COVA DA PIEDADE C. R. P., às 21 e 15: «Babete vai à guerra». S. F. U. A. P., às 21 e 15: «Sete homens para matar». Amanhã: «matinée», às 19 «Cuidado com o amor» (12 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — Gameiro, Largo António S. Jorge, Tel. 034100. ALMADA — Central, Rua Olivença, 11-B, Tel. 070504. BARREIRO — Moderna, Rua D. Maria II, Gomes Araújo, Tel. 023443. COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues, Largo 5 de Outubro de 1910, 62, Tel. 070121. MOITA — Silva Rocha, Praça da República, 16, Tel. 039029. MONTIJO — Gerdal Limitada, Avenida Almirante Reis, 45, Tel. 030008. SEIXAL — «Soromenho», Rua Paiva Coelho, 38, Tel. 021560. SETUBAL — Soromenho, Praça Machado dos Santos, 24, Tel. 22691. Alice, Praça do Quebedo, 6, Tel. 23734. SESIMBRA — Leão, Lda, Rua da República, 51, Tel. 029025. (Nas localidades onde existe uma só farmácia, esta encontra-se de serviço permanente).

Foram aprovados os estatutos da Federação das Casas do Povo de Aveiro

O ministro das Corporações e Previdência Social aprovou os estatutos da Federação das Casas do Povo do Distrito de Aveiro.

A nova federação, que integra todas as Casas do Povo do distrito de Aveiro, tem a sua sede nesta cidade, de onde será coordenada a actividade dos organismos primários que a compõem.

Dentro das atribuições conferidas à Federação destacam-se as que lhe permitem promover a constituição, o desenvolvimento e o aperfeiçoamento das Casas do Povo, e, ainda, o estudo, por si ou em colaboração com as federações dos Grémios da Lavoura, dos problemas relativos ao trabalho agrícola.

Dr. Felner da Costa

O «Diário do Governo» publicou hoje o despacho que designa o dr. Jorge Felner da Costa, chefe da 4.ª Repartição do quadro vitalício do S. N. I., para, em comissão de serviço, ir desempenhar o lugar de director do Centro de Turismo de Portugal no Rio de Janeiro, criado por decreto-lei de 11 de Julho de 1959.

O balanço dos primeiros dias da fiscalização da velocidade dos automóveis em Lisboa mostra a vantagem da iniciativa

O problema de trânsito é dos mais agudos do nosso tempo. Para a sua solução trabalham milhares de especialistas de todo o Mundo. Acontece, porém, que, achada uma solução parcial, as condições modificam-se e o problema apresenta novas facetas, como que ataca numa outra frente. Lisboa como as grandes cidades europeias, cujo traçado e estrutura medievais não foram desenvolvidos de modo a não prever evidentemente, o trânsito do nosso tempo, luta contra o problema. Mas se nós temos problemas específicos, dadas as características próprias da cidade, se é verdade que a experiência é um factor considerável, mesmo essencial, não podemos ignorar os resultados atingidos pelos especialistas estrangeiros e desprezar os elementos que lhes permitiram alcançá-los.

Neste sentido, a secção de trânsito da P. S. P., está a actuar, procurando utilizar os elementos que mais válidos e eficientes se revelaram. No entanto, as brigadas que, desde o início de Fevereiro, vêm desenvolvendo uma profícua actividade, servem-se de uma aparelhagem que apenas se aproxima da utilizada pelos polícias estrangeiros. Se os resultados dessa acção repressora das transgressões de trânsito são eloquentes, devendo por isso felicitar-se a respectiva secção, não é menos verdadeiro que, utilizada a aparelhagem mais moderna, esses resultados teriam um maior volume. Quando das primeiras reportagens jornalísticas sobre o trabalho das brigadas de trânsito, verificou-se que a aparelhagem utilizada não permitia a acção em determinadas artérias da cidade, onde seria impossível colocar os fios que unem os três elementos da cada brigada.

A aquisição e utilização de aparelhos de radar e o aumento do número de brigadas são necessidades prementes.

Na Alemanha, o problema de trânsito está equacionado na economia.

(Continua na página seguinte)

O Carnaval carioca que parece em decadência será prejudicado na preparação pela visita do presidente Eisenhower

RIO DE JANEIRO, 13. — O Carnaval Carioca de 1960 vai, certamente, mostrar, uma vez mais, a decadência das festas entrudescas nas ruas da velha capital, facto que se está a verificar de ano para ano. Entretanto, é cada vez maior a animação desses festejos nas agremiações e clubes desportivos.

De 27 de Fevereiro a 1 de Março, os teatros cariocas dão bailes populares. Porém, a fina sociedade brasileira, juntamente com o corpo diplomático, comparece no baile de segunda-feira de Carnaval no Teatro Municipal.

A visita, este ano, ao Brasil do presidente Eisenhower viria, em parte, «atrapalhar» o Carnaval do Rio. O Departamento de Turismo e a Municipalidade estavam na dúvida sobre se deveriam iniciar a ornamentação da cidade com duas semanas de antecedência, como é

A ATMOSFERA e o cancro pulmonar

MADISON (Wisconsin), 13. — Sir Ronald A. Fisher, autoridade mundial em estatísticas matemáticas, da Universidade de Cambridge, declarou, numa conferência na Universidade de Wisconsin, que «a atmosfera poluída em que vivemos é, provavelmente, mais causadora de cancro, do pulmão do que provavelmente o fumar».

Acrescentou que «não avaliamos bem de que maneira estamos empoçalhando a atmosfera». — (A. N. I.).

O ministro do Exército visitou esta manhã mais dois regimentos do Governo Militar de Lisboa

O sr. ministro do Exército prosseguiu hoje nas suas visitas a regimentos da guarnição de Lisboa que lhe permitem estudar problemas que afectam as várias unidades e entrar em contacto com a oficialidade com quem tem trocado impressões ao mesmo tempo que traça directrizes para a resolução dos problemas mais instantes.

O sr. coronel Almeida Fernandes esteve logo de manhã no batalhão de Telegrafistas na Graça, onde uma companhia com fanfarra sob o comando do capitão Pinto Correia lhe prestou as honras militares. O ministro recebeu depois os cumprimentos dos srs. generais Luís Domingues e Luís Camara Pina respectivamente governador militar de Lisboa e chefe do Estado-Maior do Exército e ainda do primeiro e segundo comandantes do quartel, tenente-coronel Gomes da Silva e major Tedeschi Seabra.

A força em parada desfilou perante o ministro que, em seguida, se reuniu, no gabinete do comandante, com toda a oficialidade. Trocaram-se saudações entre o ministro e o tenente-coronel Gomes da Silva.

Foram tratados alguns problemas, entre outros o de o batalhão passar a denominar-se Escola Prática de Transmissões e nele serem integrados todos os serviços da especialidade. Houve depois demorada visita a todas as instalações incluindo as paradas, central eléctrica, serviços de comunicações.

Em breve ali serão inauguradas novas instalações, entre as quais um refeitório geral para soldados e uma cozinha, apetrechada com o necessário.

Uma entrevista do dr. Marcelo Matias ao «ABC» de Madrid

MADRID, 13. — Em entrevista ao correspondente do «ABC» em Lisboa, o ministro português dos Negócios Estrangeiros, dr. Marcelo Matias, declara:

«O sentido da minha visita a Madrid é o de prosseguir e reforçar a amizade peninsular».

«A minha presença em Madrid — acentua — está compreendida no quadro dos contactos que são tradicionais entre os homens de Governo dos dois países peninsulares e que correspondem aos laços de íntima amizade tão estreitados nestes últimos vinte anos».

«Esta viagem — acrescentou — oferece-me a satisfação de pela primeira vez encontrar o generalíssimo Franco. Quero também assinalar que sendo a pedra angular em que se baseiam as nossas relações o Pacto de Amizade e Não Agressão entre Espanha e Portugal, de Março de 1939, tive a satisfação de colaborar no estudo desse Tratado por na ocasião estar na Direcção dos Negócios Políticos do Ministério dos Estrangeiros».

O dr. Marcelo Matias é aguardado, em Madrid, na próxima segunda-feira. — (A. N. I. e F. P.).

material mais moderno, incluindo fogões eléctricos.

No momento em que se retirava o ministro, ao passar defronte da sala dos sargentos, manifestou o desejo de com eles se encontrar. Seguiu-se uma breve conversa a que assistiram os generais Luís Domingues e Camara Pina e ainda o primeiro e segundo comandantes do regimento.

A visita a Sacavém e o almoço em Artilharia Pesada 1

Depois de estudar durante duas horas os problemas do batalhão de Telegrafistas, o titular da pasta do Exército foi a Sacavém para mais uma visita.

Esteve no regimento de Artilharia Pesada n.º 1, em cujo largo fronteiriço formou uma bateria com fanfarra que prestou honras militares. Seguiu-se o desfile. Ao número de oficiais-generais que têm acompanhado o ministro juntou-se o inspector da arma de artilharia sr. general Aníbal Machado, que apresentou cumprimentos ao ministro assim como o comandante da unidade, coronel António Joaquim Alves Monteiro e o segundo coman-

O ministro de A...

dante, tenente Silva. Com anteriores, verificou-se a especialidade e entre o comandante e o primeiro e segundo comandantes da unidade, coronel António Joaquim Alves Monteiro e o segundo coman-



Na central eléctrica do Batalhão de Telegrafistas, o ministro explicou ao comandante da unidade os problemas da central.

Loris Velli

QUE ACABA DE REGRESSAR DO BRASIL, ANUNCIA AOS SEUS AMIGOS A SUA «RENTREE» APRESENTANDO OS ÚLTIMOS SUCESSOS INTERNACIONAIS NOS «SHOWS» QUE OFERECE DIARIAMENTE NO SEU

RESTAURANTE

Sorrento

AS 22,30 E 00,30 COM

HELDER REIS ao piano

SORRENTO

AV. ALVARES CABRAL, 86-B — LISBOA

Não têm carácter epidémico os casos de papeira observados em algumas escolas

Como tivéssemos tomado conhecimento de alguns casos de papeira em vários estabelecimentos escolares de Lisboa, especialmente na escola camarária da Rua Actor Vale, procurámos esclarecimentos junto da direcção-geral de Saúde Escolar, do Ministério da Educação Nacional.

Informaram-nos que os casos de papeira não têm qualquer aspecto epidémico, sendo vulgares na estação invernal. A escola referida possui quinhentos alunos, dos quais apenas dez doentes se encontram, havendo uma turma fechada por esse motivo. De resto a papeira nas crianças não tem quaisquer consequências, ao contrário do que sucede com os adultos.

BARRETE VERDE

O mais original e típico Restaurante do Ribatejo

BENAVENTE * Telefone 74

Domingo, 14 — Almoço e Jantar Regionais RANCHOS FOLCLÓRICOS — FANDANGO, etc. — GRANDIOSOS CHÁS DANÇANTES com ORQUESTRA privativa do BARRETE VERDE (6 anos)

Para transporte e inscrições na LUSANOVA — Tel. 726115/6

DENTES COMO ESTES SO COM PASTA MEDICINAL COUTO

CONTRA AS DOENÇAS DA BOCA



Ferramentas Eléctricas BOSCH

Vibrador de colagem

Eng.º GUSTAVO CUDELL

LISBOA - Tel. 710342

OSTCOLARINHOS NÃO ENCO

EM CAMISAS E PIJAMAS

A Primaz

SABE O QUE FAZ!



nhã
sboa

incluindo
e retirava
a frente da
aifeitou o
encontrar.
inversa a
s Lufs Do-
e ainda o
ndantes do

o almoço,
da 1

ante duas
atalhão de
a pasta do
para mais

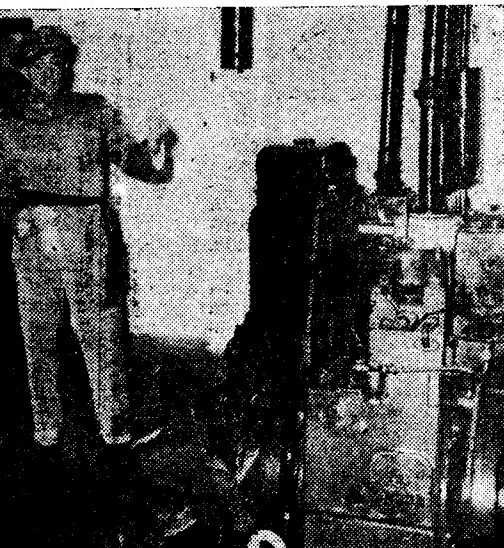
le Artilha-
largo fron-
laria com
nras mili-
e. Ao nu-
que têm
juntou-se
artilharia
hado, que
ao minis-
ndante da
Joachim
do coman-



O ministro do Exército no Regimento de Artilharia Pesada n.º 1

dante, tenente-coronel Guedes da Silva. Com o protocolo das visitas anteriores, na sala da biblioteca, verificou-se uma reunião com a oficialidade e troca de cumprimentos entre o comandante e o referido membro do Governo.

Outras visitas se seguiram e após elas um almoço no refeitório dos oficiais.



Atalhão de Telegrafistas, o ministro do Exército escuta as ordens do comandante daquela unidade

A neve continua a cair nas regiões do Norte do País

O trânsito está paralisado e algumas localidades estão completamente isoladas

BRAGANÇA, 13 — (Pelo telefone) — Esta região está toda coberta de neve desde a madrugada do dia 10, como já noticiámos.

Esperava-se que o sol e a chuva derretessem a neve, abrindo a temperatura; mas assim não aconteceu. A temperatura desceu ainda, geou de noite, e a neve solidificou tornando as estradas e caminhos muito perigosos. Endurecidas a crosta de neve e a terra, escorregam como vidro.

É um perigo circular de automóvel nas nossas estradas e ruas; mas os peões nas ruas da cidade não têm menos perigo e as quedas são numerosas. Por decisão do director de estradas deste distrito, eng.º João José Rodrigues, foram utilizados limpa-neves nos pontos nevralgicos das estradas nacionais que dão acesso a esta cidade, contribuindo, assim, para não ter paralisado totalmente o trânsito rodoviário. Todavia, o trânsito tem de ser muito cauteloso e vagaroso, pois todos os veículos, mesmo os pesados, facilmente derrapam e patinam nas vias rodoviárias.

Na desobstrução dos passeios e largos desta cidade, empregaram-se brigadas de trabalhadores camarários, especialmente os encarregados da limpeza.

Não é só a cidade e concelho de Bragança, mas toda a região Norte do distrito, compreendendo os con-

Morreu em Angola
um velho colono
companheiro de Stanley

VILA LUSO (Angola), 13. — No «Beiral do Moxico», onde se encontrava internado, faleceu o velho colono Manuel Nunes Teixeira, mais conhecido pelo «Calengalenga», de 94 anos, natural do Funchal e que permaneceu durante 78 anos consecutivos em Angola, para onde veio em 1882, na companhia do explorador Stanley, que acompanhou nas suas viagens pelo Alto-Congo. — (L.).

celhos de Bragança, Vinhais, Vimioso e Macedo de Cavaleiros, se encontra sob a neve e frio intenso. As serras de Montesinho, Nogueira e Bornes apresentam espectáculo deslumbrante.

Ontem houve chuva, neve e sol e, á noite, voltou a gear na cidade e nos campos. Hoje o céu apresenta-se encoberto e voltará, por certo, a repetir-se a chuva e a neve.

O nevão em Valpaços

VALPAÇOS, 13 — Caiu um grande nevão cobrindo a região, enquanto a vista abrange, de branco. É um espectáculo deslumbrante.

O frio tem sido de enregelar; porém, após a nevada, a temperatura tornou-se mais suave.

Freguesias sem comunicação há cinco dias!

PENEDONO, 13 (Pelo telefone). — A neve continua a flagelar-nos, caindo em camadas sucessivas e transformando-se em gelo, devido ao frio intenso.

O correio tem sido demorado alguns dias, especialmente o destinado às freguesias para onde costuma ser conduzido por estafetas a pé.

Algumas dessas freguesias já estão sem comunicações há 5 dias.

A carreira de camionetas de Viseu faz apenas o percurso até Sernancelhe, devido á pouca segurança da estrada, desde aquela vila até Penedono.

Esse troço tem, dos lados, a briteza destinada á sua pavimentação. O piso está irregularíssimo e, como se encontra coberto de neve, oferece perigos sérios para o tráfego.

5.º COLÓQUIO internacional sobre a História do Navio e da Economia Marítima

Sob a presidência do sr. contra-almirante Manuel Maria Sarmiento Rodrigues, reuniu-se ontem a comissão portuguesa organizadora do 5.º Colóquio Internacional sobre a História do Navio e da Economia Marítima, de que são membros a sr.ª professora Virgínia Rau e srs. professor Artur Moreira de Sá e comandante Teixeira da Mota.

Os anteriores colóquios têm-se efectuado anualmente em Paris, por iniciativa do Grupo Internacional de História Marítima. Desta vez, sob o patrocínio do ministro da Marinha, realiza-se em Setembro, no nosso País, integrado nas comemorações do 5.º Centenário do Infante D. Henrique, contando com a participação de investigadores de renome.

REUNIÃO MENSAL dos farmacêuticos dos Hospitais Cívis de Lisboa

Effectuou-se ás 15 horas, no Hospital de S. José, a reunião mensal dos farmacêuticos dos Hospitais Cívis de Lisboa que discutiram assuntos, relativos aos seus serviços. Presidiu o sr. dr. Augusto Albuquerque da Fonseca, director dos Serviços Farmacêuticos dos H. C. L.

Durante a reunião, foram discutidos vários aspectos dos serviços de urgência farmacêutica.

NAVIO INDIANO arribado a Ponta Delgada

PONTA DELGADA, 13. — Um navio de carga da União Indiana, o «Jala Vihva Jyoti», com avarias nas máquinas, aportou a Ponta Delgada. Feita a reparação por pessoal de bordo, o navio deve largar ainda esta tarde.

Não tenha dúvida!

Quantas vezes se retribui um favor com um presente escolhido na
OURIVESARIA SANTA FILOMENA
Largo Manuel Emídio da Silva, 9-C
(Frente ao portão do Jardim Zoológico)
Tel. 783092



Um boneco de neve, construído pelos estudantes de Bragança

A saída do correio tem sido feita pela estrada de Trancoso, onde a camioneta que o transporta tem feito transbordo para outra que segue para Viseu.



Os jardins de Bragança, cobertos de neve, oferecem este belo aspecto

Prof. Francisco Gentil
10, 12, Calçada do Sacramento (ac Chiado)
2.ª, 4.ª e 6.ª - As 15 horas

OURO e PRATA

Compra e vende aos melhores preços
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 • Telef. 24564

BAR EXPRESSO TERMINUS

R. Primeiro Dezembro, 71
Telefone 24597
Amanhã: Domingo
Lampreia á Moda do Minho
Paelha Valenciana
Reserve a sua mesa

PRIMAZ
ENCOLHEM!

CAMISAS
IJAMAS
A

PRIMAZ

ABE O
UE FAZ!



PRIMAZ ROSSIO, 115

Sim, A CONFIDENTE
Resolve-lhe o problema financeiro em 24 horas!

LEVANTANDO 50% DO VALOR DA SUA PROPRIEDADE JURO DE LEI

A CONFIDENTE
A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS

LISBOA
ROSSIO, 3-2
TELEF. PPC-29304-5-6

PORTO
R. PASSOS MANUEL, 14
TELEF. P.P.C. 20344-5-6

Luís Emílio da Silva

Da igreja de S. João de Deus, onde o corpo se encontrava depositado, para o cemitério do Alto de S. João, realizou-se, esta tarde, o funeral do sr. Luís Emílio da Silva, de 64 anos, natural de Lisboa, administrador do Banco José Henriques Totta, casado com a sr. D. Margarida Clementina Antónia Fernando da Silva e pai do sr. Luís Eduardo Fernando da Silva.

Ao meio-dia foi celebrada missa de corpo presente, com a presença da família e de muitas individualidades em especial do meio bancário.

D. Maximina da Conceição Estremadouro Rocha

Faleceu a sr. D. Maximina da Conceição Estremadouro Rocha, de 64 anos, viúva do escritor Artur Rocha (Lorenço), mãe dos srs. Silvestre Estremadouro Rocha e Henrique Lino Estremadouro Rocha, e avó da sr. dr. D. Maria Angela Nunes Rocha Martins, casada com o sr. dr. António dos Reis Martins. O funeral, saí amanhã, às 11 horas da igreja de S. João de Deus, para o cemitério do Alto de S. João.

D. Maria da Conceição Nogueira Fragoso

Faleceu a sr. D. Maria da Conceição Nogueira Fragoso, de 57 anos, natural de Populo (Alfjód), casada com o sr. Miguel Angelo de Arriaga Brun da Silveira da Costa Campos Fragoso, funcionário público aposentado. O funeral a cargo da Agência Barata, saí amanhã, às 13 horas, da Avenida Rovisco Pais, 16, 1.º dt.º, para o cemitério do Alto de S. João.

José Lacerda Guimarães

SÃO VICENTE (Cabo Verde), 13 — Na sua residência nesta cidade, faleceu o proprietário sr. José Lacerda Guimarães. Deixa viúva e quatro filhos, entre os quais o eng.º Luís Monteiro Guimarães, funcionário da Câmara Municipal de Lisboa. — (L.).

AGENCIA MAGNO

FUNDADA EM 1872

Não tem qualquer sucursal

na Av. Almirante Reis

TELEFONES 43119 -

43180-55301-66 27 72-08 00 2.



Maria da Conceição Nogueira Fragoso

FALECEU

Miguel de Arriaga da Costa Campos Fragoso, Adalgiza Fragoso Teixeira Constantino e seu marido Alfredo Teixeira Constantino, José Joaquim Fragoso e sua mulher Maria Fernanda de Amaral Fragoso, António Nogueira (ausente) e mais família, participam o falecimento de sua extremosa mulher, mãe, sogra, filha e parente, e que o funeral se realiza amanhã às 13 horas, da sua residência, na Avenida Rovisco Pais, 16-1.º Dt.º, para o cemitério do Alto de S. João.

AGENCIA BARATA



Pedro Franchi Rocha

MISSA DO 2.º ANIVERSÁRIO

Sua Família participa que amanhã, 14 do corrente, às 10,30 horas, será celebrada na Igreja dos Mártires, Missa do segundo aniversário, pelo eterno descanso de Sua Alma, agradecendo desde já reconhecidamente a todos que se dignarem assistir a este piedoso acto de saudade de sua tão querida memória.

A repressão das altas velocidades dentro de Lisboa

(Continuação da página anterior)

nia do país. Não considerando já o valor das vidas humanas, incalculável como é, sendo apenas simbólicas as indemnizações, não podemos esquecer que os desastres de trânsito implicam a avaria de materiais a substituir, o que tem por consequência a saída de divisas do país. Seria interessante referir estatisticamente os prejuízos causados á economia nacional pelos desastres de trânsito. Por outro lado, e sem que a actividade de repressão das transgressões de trânsito tenha qualquer interesse na multa, é de considerar os valores entrados na Fazenda Nacional como consequências do trabalho das brigadas da P. S. P. Do que se conclui que há toda a utilidade em financiar mais largamente a secção de Trânsito da Polícia, permitindo-lhe uma actuação mais vasta e o emprego da mais recente aparelhagem.

Mais de 8.000 acidentes anualmente em Lisboa.

Anualmente, o numero de acidentes, em Lisboa excede 8.000. Assim, em 1956, deram-se 8.260 acidentes, o que equivale a 22,6 por dia; em 1957, verificaram-se 8.178, o que dá uma percentagem diária de 22,4; em 1958, registaram-se 8.357, ou seja 22,9 por dia; e em 1959, 7.794, 21,3 por dia. E' de considerar que estes numeros se, por um lado, são apenas aproximados, pois nem todos os acidentes são comunicados á Polícia, ou por esta descobertos, por outro englobam os acidentes ferroviários, que aumentam consideravelmente os numeros, em especial no que se refere a desastres mortais. E' lógico, que nem todos os acidentes sejam registados pela Polícia. Não é necessária a intervenção dos agentes em parte deles, como abalroamentos, danos (considerados acidentes materiais puros), quedas dos «eléctricos» e autocaros que não provoquem ferimentos graves.

O triangulo perigoso

Num mapa elaborado pela secção de trânsito da P. S. P. e tomando em conta os seus registos, somos levados a crer que a zona da cidade onde se observam mais acidentes está compreendida na área de um triangulo cujos polos são a Praça do Marquês de Pombal, Alcantara e Santa Apolónia. Esta área é, praticamente, o perfil da zona antiga da cidade, não apenas pelo facto de ser a de concepção menos geométrica (apesar da linearidade da Baixa pombalina, traçada por Eugénio dos Santos) mas também e sobretudo por ser a de mais intenso movimento. Pelas suas características e pelo volume de trânsito que a percorre esta zona não é própria a altas velocidades. No entanto, dado o numero dos acidentes registados na área e porque a secção de trânsito não se preocupa exclu-

sivamente, com as altas velocidades, seria da maior conveniência dispor algumas brigadas na zona da Baixa.

A área de Lisboa de menos perigo

Se o «coração» da cidade é exactamente esse triangulo, Lisboa é mais vasta e não cessa de aumentar. Não há duvida de que uma das preocupações dominantes dos urbanistas é o trânsito, sendo de toda a conveniência evitar ao máximo os contactos do peão com o veiculo, quer através de passeios largos, quer através de artérias diferentes para cada um dos dois grupos fundamentais. E' curioso lembrar aqui o projecto de Corbusier para uma nova cidade de Paris, na qual o peão não chegaria a avistar o automóvel. Vem isto a propósito de se observar ser lógico que os bairros novos de Lisboa, construídos sob a vigilância inteligente e necessariamente esclarecida dos urbanistas, constituíssem zonas de reduzida densidade de acidentes. Tal não acontece. Não é o Areeiro nem é Alvalade os bairros onde se observam menos acidentes, mas sim os do Beato e do Poço do Bispo. A explicação deste facto reside na grande diferença de volume de trânsito, extremamente reduzido na zona oriental e ribeirinha da cidade.

A secção das brigadas de trânsito da P. S. P.

Para enfrentar o problema de trânsito, que é vasto, facetado e evolui como as formas de o combater, criou a P. S. P. a sua secção especial, agora dirigida pelo sr. capitão Baptista da Silva. Considerando que uma das causas mais vulgares dos acidentes mais graves é a velocidade, símbolo perigoso e inquietante de uma época, a secção de trânsito da P. S. P. decidiu reprimir as transgressões nesta matéria. Eis porque, desde o dia 2 várias brigadas vêm actuando na cidade, tendo vigiado o trânsito nas avenidas Gago Coutinho, Brasil, Infante Santo, India, Infante D. Henrique, Campo Grande e Rio de Janeiro, entre outras. Desde então, tomando em conta que os agentes não actuaram num dia, ou seja durante onze dias, foram feitas 106 autuações, o que equivale a uma média de 9,6 diárias.

A acção das brigadas teve consequências positivas, sendo consideravelmente inferiores ás percentagens normais de acidentes nos meses de Fevereiro dos ultimos anos, a percentagem obtida com o numero de desastres verificados nestes dias. Importa referir que Fevereiro é, com Dezembro e Janeiro, o mês de maior numero de acidentes, sendo Setembro o seu oposto.

No dia 2, entre 12 acidentes, 5 foram atropelamentos e 7 abalro-

mentos; no dia 3, de 10 acidentes, 2 foram atropelamentos, 7 abalroamentos e 1 dano; a 4, registaram-se 15 acidentes, entre os quais 8 atropelamentos, 6 abalroamentos e 1 dano; a 5, 22 acidentes, sendo 12 atropelamentos, 9 abalroamentos e 1 dano; 6, 12 acidentes, 8 atropelamentos e 4 abalroamentos; 7, 16 acidentes, 6 atropelamentos, 7 abalroamentos e 3 acidentes; 8, 23 acidentes, 10 atropelamentos, 10 abalroamentos e 3 diversos; 9, 15 acidentes, 6 atropelamentos, 6 abalroamentos; 2 danos e 1 diverso; 10, 23 acidentes, 7 atropelamentos, 10 abalroamentos, 2 danos e 4 diversos; 11, 30 acidentes, 12 atropelamentos, 15 abalroamentos e 3 danos; 12, 17 acidentes, 7 atropelamentos, 7 abalroamentos, 2 danos e 1 diverso.

E' importante não esquecer que o dia 6, um sábado, apenas com 12 acidentes, é absolutamente excepcional, pois este dia da semana é o de maior numero de desastres na cidade, sendo o domingo o de maior numero de acidentes na estrada. Os 30 acidentes registados no dia 11 devem-se, em grande parte, ao temporal que varreu a cidade. A percentagem de 9,6 acidentes por dia é sensivelmente inferior ás dos anteriores meses de Fevereiro, devendo-se esta diminuição á actividade das brigadas de trânsito da P. S. P. que seria, no entanto, mais eficiente se os seus elementos dispusessem do material moderno que as polícias de outros países europeus utilizam com êxito.

Primeiras conclusões de uma campanha

A secção de trânsito da P. S. P. entre as artérias nas quais exerceu vigilância, verificou ser maior o numero de transgressões nas avenidas Gago Coutinho (antiga avenida do Aeorporto), da India e no Campo Grande.

Não queremos deixar de sublinhar o significado de ter sido atuado apenas um motorista de taxi, entre os cento e seis condutores multados. E é curioso referir que este motorista guiava em experiência, na Avenida Brasil, entre as avenidas de Roma e do Rio de Janeiro. A pericia e o cuidado dos motoristas de taxi, de Lisboa, que são profissionais do volante numa das cidades europeias onde, segundo os especialistas, é mais difícil a condução, devem ser postas em relevo.

Uma nota curiosa é o facto de ter sido verificada a primeira reincidência no excesso de velocidade. Um motorista, cuja carta já fora apreendida no dia 4 e que rodava com a guia que substitui aquele documento, excedeu novamente os 60 quilómetros horários. As brigadas, atentas, atuaram na segunda vez.

Desde o início de Fevereiro verificou-se somente uma morte em acidentes de trânsito. O desastre deu-se na estação de Alcantara-Terra, tendo a vítima caído a uma das linhas.

Paralelamente a actividade desenvolvida pelas brigadas, a secção de trânsito da P. S. P. organizou um mapa onde vem marcando todos os acidentes, sobre o qual é mais fácil estudar o problema. Verifica-se, por exemplo, que a estrada de Benfica é uma artéria onde se dão numerosos acidentes, prevendo-se uma intervenção do comando da P. S. P. no sentido de levar a Câmara Municipal a efectuar ali obras de remodelação.

E' pois, notável, a actividade da secção de Trânsito da Polícia. Servindo peões e automobilistas, vigiando para que os imprudentes e os inábeis não destruam vidas humanas e causem estragos, procurando soluções para o agudo e complexo problema do trânsito, esta secção poderia ser um elemento de maior utilidade se lhe fossem dadas as condições e as possibilidades de que dispõem as organizações congêneres das outras grandes cidades europeias.

Foram agraciados: com o grande officialato da Ordem Militar de Avis o coronel piloto aviador Mário Telo Polleri; e com o grau de cavaleiro da Ordem Militar de Cristo o sr. Dinis Augusto Correia.

Está aberto concurso para preenchimento de vagas de segundo-official do quadro da Administração-Geral da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência.

O ministro da Educação Nacional constituiu uma comissão para o estudo da revisão dos planos e programas dos cursos relativos á indústria têxtil, a que presidirá o dr. Leopoldino Augusto de Almeida.

O dr. Ludgero da Piedade Pilar foi contratado para desempenhar as funções de geólogo de 1.ª classe dos serviços de prospecção e exploração mineira da Junta de Energia Nuclear.

Foi exonerado do cargo de comandante do draga-minas «Rosário» o primeiro-tenente Jorge Henrique Dias dos Reis.

Ao dr. Luís Filipe Lindley Sintra foi concedido o título de professor agregado de Filologia Romanica pela Faculdade de Letras de Lisboa.

Foi nomeado membro da Comissão Portuguesa Internacional de Limites entre Portugal e Espanha o coronel de reserva sr. José Baptista Barreiros, sendo considerado em serviço na referida comissão desde 28 de Outubro do ano findo.

Uma portaria determinou que aos alunos dos cursos que funcionam ao abrigo da nova reforma da Escola Naval seja aplicado até ao fim do ano lectivo de 1962-1963 o disposto no n.º 1.º da portaria 17.109.

Foram fixadas, em 203 e 168, as lotações, completa e normal, para as fragatas da classe «Álvares Cabral».

Foi criada, na provincia ultramarina de S. Tomé e Príncipe, sob a égide do Instituto de Medicina Tropical, a missão de estudo e combate de endemias.

Passam a ser aplicadas em Angola, Moçambique, Cabo Verde e Guiné e no Estado da India várias disposições do Estatuto do Ensino Profissional.

O sr. José Duarte Coelho, alma do desenvolvimento do Entroncamento, foi condecorado com o officialato da Ordem Militar de Cristo.

Foi nomeado presidente da Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos o dr. Henrique Vaz Lacerda.

O major de engenharia Alexandre Guedes de Magalhães foi nomeado comandante do Batalhão de Sapadores Bombeiros do Porto.

A folha official publicou hoje o extracto da conta-corrente referente ao ano de 1959 do Fundo de Auxílio a Organismos Desportivos: O saldo que transitou para 1960 foi de 107 contos, num movimento de 1.503 contos.

Foi hoje publicada a lista de antiguidades do pessoal do Serviço Meteorológico nacional.

Foi nomeado presidente da comissão municipal de assistência de Góis o dr. Jorge Afonso de Mendonça Gouveia Ilharco.

O engenheiro Carlos de Oliveira de Chaby foi nomeado consultor da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência.

O dr. Manuel Gonçalves Pereira de Barros foi nomeado professor extraordinário de Mecânica e Astronomia da Faculdade de Ciências do Porto.

A dr. Marieta Nina de Soveral Rodrigues foi contratada como anestesista dos Hospitais Cívics de Lisboa.

A Direcção-Geral do Comércio informa que por despacho do subsecretário de Estado do Comércio, foi determinado que a exportação de amostras de lá matéria-prima, em qualquer que seja o seu estado, em encomendas até 10 quilos, fique isenta de registro prévio.

SENHORES LAVRADORES

ATENÇÃO

O único representante legal das afamadas
Grades de Discos «TOWNER»

em todo o Portugal Continental e Ultramarino continua sendo a SOCIEDADE INDUSTRIAL AGRO-REPARADORA, LDA., com sede na Av. Almirante Reis, 80 B-80 E, Apartado 1341, Endereço Telegráfico Agropeças, LISBOA 1.

Fazemos esta comunicação a todos os nossos Amigos e à Lavoura em Geral, para que saibam que qualquer propaganda procurando estabelecer confusão não é verdadeira.

A GERENCIA

TEM MÁQUINA DE AGRAFAR?

Pois vendemos agrafes, sem qualquer defeito, da acreditada marca F. P. M., caixas de 1.000, 21/6 — 22/6 — 23/6 — 24/6 — 24/10 a 3\$90, caixa com 2.500 a 3\$50, com 5.000 a 18\$50, mais barato que na Fábrica.

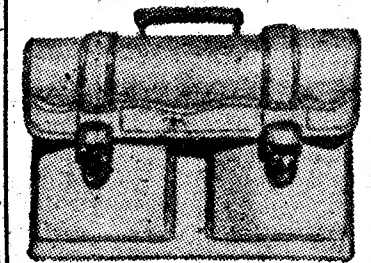
No aproveitar é que está o ganho. Recomendamos este saldo ás Papelarias, Bancos, grandes Organismos e escritórios.

Vendemos qualquer quantidade, até esgotarmos cerca de 20.000 caixas em armazém.

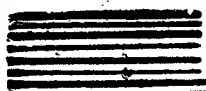
Só nas Papelarias EMÍLIO BRAGA

RUA DA MADEIRA, 42 — LISBOA

PASTAS



30 anos de fabrico todos modelos fornece ao comércio
A. Comprido — R. Madalena, 97



(Continuação da 1.ª página)

dução à Psiquiatria, à Filosofia e, ainda, às Ciências Sociais.

A fadiga muscular, conhecida e estudada em suas minúcias, representa um sinal de alarme reversível e pouco mais.

A fadiga do homem de hoje tornou-se no grande e acutillante problema da Medicina, visto manifestar-se ao nível dos centros nervosos reguladores da base do cérebro, cujo desequilíbrio se repercute em tudo o organismo e, em particular, sobre o próprio cérebro.

A fadiga constitui o grande mal que agriho o indivíduo e os núcleos populacionais mais diversos, ocasionando aqui e acolá atitudes dispersas, actos de desespero, convergentes e paradoxais, desejos de não ser em horas incertas, origem de lutas aparentemente incompreensíveis e sem justificação, que arrastam a becos-sem-saída.

Todas as condições da vida — choques exteriores psíquicos ou somáticos, aliados ao ritmo desordenado do trabalho sem conforto e alegria, nem proveito e projecção no futuro, agressões sensoriais, entre as quais o ruído ocupa lugar de primeira fila —, actuam sobre os centros reguladores, criando as condições propícias ao estabelecimento de um estado inquietante que, pela sua complexidade, alarma os investigadores da especialidade.

Existem casos em que se verifica, até certo ponto, uma adaptação às condições ecológicas e ao ambiente, mas (apesar dessa adaptação, aliás mais aparente do que real) o problema da fadiga e do esgotamento sobrepõe-se, causando justificado alarme. Noutros, porém, a fadiga psíquica desdobra-se sobre a física, e estas, somando-se, ocasionam, segundo Laborit, profundas alterações dos metabolismos celular e hormonal, que podem, por seu turno, lesar o sistema de ventilação pulmonar, o crédito da absorção digestiva, além de provocarem tremores, singularidades e perturbações visuais, nostalgia sexual, desinteresse pelo drama do quotidiano, pela vida em si, positiva e cheia de outros encantos, estímulos e reacções favoráveis.

A poluição do ar atmosférico, assim como a nostalgia e monotonia do regime alimentar, contribuem para aumentar o estado de fadiga física e psíquica, comum ao homem de hoje, desamparado e desesperado, isento de alicerces morais sólidos e estáveis.

As funções hepato-digestivas contribuem deveras para a manutenção do equilíbrio orgânico, susceptível de permitir a utilização de facultades maiores, e, segundo investigações recentes, o próprio metabolismo do amoníaco parece ligar-se a tais estados de depressão que caracterizam o síndrome da fadiga.

Tão prolongados estados (fadiga operacional) encontram-se já descritos nos livros de marinheiros, ligados às nossas descobertas, à epopeia lusitana, estados de fadiga e abatimento que tanto preocupavam os cultos e observadores capitães das nossas naus que partiam em demanda da Índia ou do Brasil, que o mesmo é dizer da pimenta e do ouro.

Quem se debruça sobre essas lições com olhos de ver, em horas de estudo e de meditação, certificar-se-á que o problema capital da fadiga psíquica não é de hoje, pois, tem acompanhado o homem como sombra fiel, e a ele se referiram, em páginas cientificamente certas, o Rei D. Duarte e Filipe Montalto, El-Rei identificando-o com a melancolia, e o médico e filósofo Judeu Português, em seu dizer de vanguarda, com as doenças da inteligência.

Do ângulo psiquiátrico existe uma tríada (ansiedade - insónia - fadiga) acompanhada de desordens gerais, comprometendo funções cerebrais e o metabolismo celular.

A ansiedade impede que o homem encontre a direcção única e caminha para decisões definitivas, evitando que cada problema de per si fecunde actividades subversivas das próprias células nervosas, actividades que a distância bloqueariam soluções lógicas.

O bloqueio das soluções provocaria (nas células nervosas) um permanente e desordenado «estado de alerta», soma ultrapassada de energias erradamente condicionadas e,

portanto, desperdício de vitalidade útil.

A fadiga, segundo o professor Coirault, levaria a diminuir ou a aumentar o estado de excitabilidade, conduzindo a situações paradoxais e extravagantes.

A ansiedade, por seu turno, gera a insónia, companheira inseparável da fadiga. Segundo John Cohen («The Measurement of Uncertainty», Discovery, vol. XIX, 7), o medo da insónia é mais prejudicial para o organismo do que a própria insónia, medo que leva o homem de hoje, julgando-se desmantelado e naufrago, a ingerir grandes quantidades de álcool e a saturar-se com barbitúricos.

A fadiga — afirma o Bugard — só é patológica desde que tarde o regresso ao estado normal ou quando se torna impossível reavê-lo.

Só, então, surgem, em cortejo, os complexos sintomas que traduzem e estão ali mesmo a indicar afeções orgânicas mais ou menos graves.

No «Simpósio sobre a Fadiga», realizado em Cranfield, na Inglaterra, foram estudadas a fadiga desportiva, industrial ou tropical, a dos aviadores ou aeronavegantes (neuropsiquiatrica e psicotécnica), a dos directores de empresas e a dos políticos, cujas repercussões sobre o comum podem ter, a prazo, consequências gravíssimas para a vida do indivíduo e dos povos, reduzindo a actividade dos operários e das chamadas «élites» responsáveis. Belfort

Matos, da Policlínica de Aeronáutica de São Paulo, refere-se assim à ansiedade dos aeronavegantes:

«Os estados de ansiedade reactivos a situações difíceis, a hipoxia, o ruído dos motores, a vibração do avião, os remuos, as bruscas mudanças de temperatura, etc., actuam desfavoravelmente sobre o organismo, promovendo quedas transitórias do seu potencial de reserva nervosa, as quais, quando não convenientemente tratadas, podem conduzir a um estado de fadiga aérea. Tais casos, excepcionalmente, são encontrados nas inspecções de saúde, pois o experimentado médico de aviação, que acompanha de perto os aeronavegantes, intervém indicando as medidas necessárias à sua recuperação».

Este estado emocional dos aeronavegantes é típico, razão por que se cita, entre outros que não seriam difíceis de apontar.

As principais medidas contra a fadiga consistem no repouso, higiene física e intelectual, ritmo coordenado das refeições, trabalho de acordo com as possibilidades, seguida de períodos de calma e distração, isto é, ausência de problemas agudos ou sem solução.

Nos casos crónicos impõe-se demorado exame neuropsiquiátrico com o fim de despistar estados mórbidos incipientes ou em via surda de evolução.

Cuidado! A fadiga, pode ser um acidente ou um desastre.

A. d'E.



A Comissão de Beneficência das festas da «Queima das Fitas», dos estudantes de Coimbra — da esquerda para a direita: D. Maria do Rosário Teixeira de Queirós Aguiar (Farmácia), D. Maria Emilia Pinto Ribeiro (Direito), Rafael Edmundo Herrero Guimarães (Medicina), D. Maria Teresa Neto Costa (Ciências) e D. Maria Irene Soares Barbosa (Letras)

Assiste em Coimbra à assembleia geral dos estudantes brasileiros um representante do embaixador

COIMBRA, 13.—Na quarta-feira, às 21 e 30, reunem-se em assembleia os estudantes brasileiros, que trabalham para completar a organização da Associação dos Estudantes Brasileiros da Academia de Coimbra («Os Brasileiros») e instalaram a sua sede, para o que contam com o valioso apoio do embaixador do Brasil em Portugal, sr. dr. Negrão de Lima.

Foi convidado para assistir à assembleia o sr. dr. Baiona Soares, adido cultural à Embaixada do Brasil, como representante do respectivo embaixador.

Faculdade de Farmácia

O movimento em prol da restauração na Universidade de Coimbra da sua antiga e prestigiosa Faculdade de Farmácia continua a avolumar-se em toda a cidade e no centro do País, secundada pela imprensa.

Em nome do Conselho Escolar da Escola de Farmácia, o director do referido estabelecimento de ensino universitário, sr. prof. dr. Barros e Cunha, transmitiu ao nosso prezado colega «Diário de Coimbra» os agradecimentos pela campanha a favor da justa aspiração e o apoio para a realização da mesma.

O «Diário de Coimbra» refere-se hoje, mais uma vez, ao apoio do «Diário de Lisboa», transcrevendo, com relevo, as suas referências ao importante problema.

Reuniões científicas na Faculdade de Medicina

Houve, esta manhã, no salão nobre dos Hospitais da Universidade, mais uma das reuniões promovidas pela Faculdade de Medicina, durante a qual foram apreciadas as seguintes comunicações: dos srs. prof. dr. Antunes de Azevedo, «Um caso de Pneumo-coniose»; prof. dr. Vaz Serra, «Dois casos de leucemia linfóide (Tipo medular e tipo hepato-esplênico)»; dr. Francisco Severo, «Coma barbitúrico por ingestão de 2,4 de Tuinal»; prof. dr. Bartolo Pereira, «Bronquectasia do lobo inferior direito por corpo estranho — Teratona — sacro-coccigeo»; dr. Adriano Pimenta, «Este-nose isolada do antroptilórico por ingestão de ácido sulfúrico»; prof. dr. Espírito Santo e dr. P. Baptista, «Leucemia linfóide (forma cutânea e ulcerada)». Assistiram professores, muitos médicos e estudantes.

Festa dos finalistas de Medicina e Direito

Os alunos finalistas das Faculdades de Medicina e de Direito têm hoje, a sua festa tradicional, que decorre em ambiente de comunicativa alegria. De manhã, houve missa na capela da Universidade, seguindo-se a reunião para a fotografia evocadora.

O programa inclui jogo de futebol no campo de Santa Cruz, almoço de confraternização e baile no bar da Faculdade de Medicina.

Festas da «Queima das Fitas»

As várias comissões organizadoras das tradicionais festas da «Queima das Fitas» trabalham activamente para que as mesmas atinjam, este ano, invulgar brilhantismo.

A Comissão de Beneficência abriu concurso para a instalação sonora e a exploração do «bar» na «Verbenas», terminando o prazo de entrega das ofertas no dia 29. O envio das ofertas, bem como qualquer pedido de esclarecimentos, deve ser feito à Comissão de Beneficência — Associação Académica — Coimbra.

Palanques para os sinaleiros

Os sinaleiros que regulam o trânsito nas ruas da cidade dispõem, agora, de palanques listrados, que os tornam visíveis de todos os ângulos e muito facilitam a sua missão, permitindo aos automobilistas mais completa observação dos sinais que lhes são feitos.

TRIBUNAIS

Foi absolvida uma senhora que fora acusada por vingança do seu antigo marido

Num ambiente confrangido, de lágrimas e tristeza, uma senhora, vítima da vingança do marido, que a abandonara e aos filhos, deixando-os na miséria, sentou-se no banco dos réus, perante o colectivo do 1.º Juízo Criminal da Boa Hora, presidido pelo corregedor dr. Alves Pinto, ladeado pelos juizes- assessores drs. Aníbal de Castro e Bettencourt da Camara. Acusador publico o dr. Serafim das Neves. Na bancada da defesa a dr.ª Emilia Fernandes. A sala cheia de senhoras, a proporcionar assistência moral à inculpada, sr.ª D. Maria Carolina da Silva Lourenço, de 30 anos, natural de Lisboa. Do casal há dois filhos: João, de 11 anos, e Luis Filipe, de 9. O lar existiu, no Bairro do Restelo, em 1958, data em que ocorreu a tragédia. Os próprios magistrados eram conhecedores da situação dramática da Maria Carolina que, num impulso humano e compreensivo, de mãos postas, quase ajoelhada, proclamou, banhada em pranto, a sua inocência, o que já havia feito em tom de compaixão a dr.ª Emilia Fernandes. O queixoso era o próprio marido de que a ré já está divorciada, o qual, por vingança, pretendeu estabelecer a confusão entre a verdade e a mentira.

Mas qual era a «gravíssima» acusação? Que a Maria Carolina tentara matar os dois filhos dentro da sua residência, facto ocorrido na manhã de 21 de Abril daquele ano. No decorrer da audiência, perante o desfile das vinte e uma testemunhas, cujos depoimentos foram controlados pelo texto do processo, chegou-se à conclusão de que não era verdadeira a acusação. O que se passou foi completamente diferente. Após o ex-marido abandonar

o lar, sem recursos, a Maria Carolina desfez-se dos seus valores, para alimentar os filhos. Quando chegou o dia em que nada lhes podia dar, teve um gesto contra ela mesma, o que foi evitado pelas duas crianças que salvaram a mãe e pediram auxílio da vizinhança. Nada mais se passou. O corregedor dr. Alves Pinto de acordo com os seus colegas, ouviu os filhos da acusada, os quais na sua pura inocência, contaram a cena que viram. Os pequenos beijaram e abraçaram a mãe. Choravam no pretório, queriam estar junto dela, apesar do bem proporcionado pelo avô que vive pobre. Registraram-se cenas enternecedoras.

Nos debates, o dr. Serafim das Neves, juiz-adjunto do Procurador da Republica, numa atitude de compaixão e humanidade, teve a coragem de afirmar que não havia elementos para confirmar tão grave acusação, e que o quadro estava claro como um dia de lindo sol, depondo nas mãos dos julgadores a decisão da justiça que a ré merecia. A assistência soluçava.

Finalmente, a dr.ª Emilia Fernandes, impressionada com a doutrina do acusador publico, agradeceu as suas boas palavras de conforto para a sua constituinte, afirmando que o dr. Serafim das Neves, que tão nobremente honra a magistratura, nunca teve a preocupação de ver em cada réu uma verdadeiro delinquente. Aquela causidica desenvolveu a sua tese da confusão estabelecida entre a verdade e a mentira, para concluir que se tratava de uma vingança do ex-marido da Maria Carolina, que moveu um processo de alimentos para os filhos, na Tutoria de Infancia, cuja decisão está para breve, tanto mais que ele tem uma posição social num departamento judicial da comarca de Lisboa. E pediu que a acusada fosse mandada em paz.

O colectivo, reunido em conferência não deu como provado o crime, absolvendo a Maria Carolina. Antes, porém, da sessão se encerrar, o dr. Alves Pinto, depois de proferir a sentença, e com o publico de pé, cheio de comção, dirigiu-se à inocente e disse-lhe:

— Como vê, foi esta a decisão. Aconselho-a a que continue a ser para as crianças a mesma boa mãe, como aqui proclamamos, até pelos seus próprios filhos, o que bastante impressionou o tribunal. Se tem sido boa mãe, também tem bons filhos. Vá em paz.

Dois motoristas condenados por causa da morte dum ciclista

ÉVORA, 13 (Pelo telefone).—Em audiência de processo correcional, presidida pelo juiz da comarca, dr. José Molarinho Mendes, foram submetidos a julgamento, no tribunal desta cidade, o tractorista Francisco Madeira Charro, de 37 anos, casado, natural de Montoito (Redondo) e ali residente e o motorista, duma camioneta, José António Vicente, de 39 anos, casado, natural de Vila Chã de Ourique (Cartaxo), onde reside.

Nos autos de acusação, articulados, pelo agente do Ministério Publico, os réus eram acusados de, em 1 de Abril do ano findo, na estrada nacional 18, de Évora a S. Manços, no sítio da Vigosa, terem colidido, com os veículos que conduziam, no momento em que a camioneta ultrapassava o tractor, pelo que o tractor colheu o cantoneiro Marcelino de Jesus Mendes que, de bicicleta, seguia no mesmo sentido dos dois veículos, e que sofreu ferimentos que lhe deram morte.

O julgamento, em que intervieram quatro advogados e numerosas testemunhas, ocupou o tribunal durante 8 sessões, uma das quais se prolongou até de madrugada.

A sentença condenou os réus pela seguinte forma: cada um dos arguidos na pena de 7 meses de prisão e em igual tempo de multa, a 10\$00 diários, 500\$00, de imposto de justiça e acrescidos legais, sendo solidários com as companhias de seguros respectivas na indemnização de 90 contos à viúva e ao filho do cantoneiro. O Charro foi ainda condenado no pagamento da multa de 400 escudos, por contra-venção ao Código da Estrada, e o Vicente em 200 escudos pelo mesmo motivo. O ultimo foi ainda condenado, solidariamente com a sua companhia seguradora, no pagamento de 500 escudos de indemnização ao proprietário do tractor, Francisco Carolino.

O réu José Vicente interpôs recurso da sentença, para o Tribunal da Relação de Lisboa.

Velhissima Aguardente de Medronho

A mais velha de todas as aguardentes velhas

Produção de

J. M. VALVERDE
em MONCHIQUE

AGENTES

MACHADO & OLIVEIRA, LDA.

Av. Brasil, 176—Telef. 72 69 50
LISBOA



NOVA

baixa de preço!

GAZCIDA

No momento em que mais de 200.000 lares já utilizam o GAZCIDA para diversos fins domésticos, a CIDLA tem o prazer de comunicar que, seguindo a orientação de tornar aquele combustível sempre mais acessível a novas camadas da população, decidiu baixar em todo o Portugal Continental e a partir de 15 DO CORRENTE o custo por quilo

para

GAZCIDA

5\$40

UMA CHAMA VIVA ONDE QUER QUE VIVA

Foram inaugurados

em S. João da Madeira
um pavilhão dos desportos
e um mercado municipal

S. JOÃO DA MADEIRA, 13 (Pelo telefone) — Os ministros da Educação Nacional e das Obras Públicas deslocaram-se hoje a esta vila para inaugurar um pavilhão dos desportos e um mercado municipal. Estes membros do Governo foram re-

O CARNAVAL

EM OVAR

OVAR, 13 (Pelo telefone) — O Carnaval Vareiro, que orgulhosamente ostenta o título do mais folião e alegre do País, vive já em apoteose pelo entusiasmo e alegria que a gente de Ovar sente com o aproximar da grande festa, onde a animação não conhece limites.

A azáfama começou, e tudo faz prever que os festejos de 1960 atinjam extraordinário brilho, que se espera seja superior ao dos mais anos. A comissão organizadora não se tem poupado a esforços para proporcionar a todos quantos visitarem Ovar, um espectáculo de rara beleza, colorido e animado, merecendo-lhe cuidado especial a realização dos seus cortejos, a efectuar no domingo gordo e na terça-feira, onde desfilarão cerca de 20 carros alegóricos, artisticamente decorados e emoldurados pelos lindos sorrisos das gentis vareiras.

De salientar, no programa do Carnaval de Ovar, é a chegada, no domingo magro, de «Sua Majestade El-Rei Mamão» e da sua real comitiva.

Na noite de 25, haverá a grande e burlesca marcha luminosa «Fogo de Máscaras», de surpreendente efeito e com alguns números de sensação.

Finalmente, nos dias 28 do corrente e 1 de Março, os grandiosos cursos carnavalescos que tornaram famoso o Carnaval de Ovar, pelo artístico recorte dos seus carros, pela alegria e pela animação dos seus figurantes e pela graça dos seus inúmeros mascarados.

Menor arrastada

na queda de uma varanda

VIANA DO CASTELO, 13. (Pelo telefone). — Quando sacudia um pano no Asilo de Meninas Orfãs e Abandonadas, onde estava internada, foi arrastada, na queda da varanda onde se encontrava, Maria das Dores Parente Dantas, de 14 anos, que recolheu ao hospital em estado grave.

O 1.º ANIVERSÁRIO

da posse

do Governador Civil de Lisboa

Hoje, às 20 horas, efectua-se, no restaurante «Casa do Leão», do Castelo de São Jorge, um jantar de homenagem ao dr. Osório Vaz, governador civil de Lisboa, por motivo do primeiro aniversário da sua posse naquele alto cargo, que esta manhã foi convidado, pessoalmente, por todos os presidentes das Cam-



Os presidentes dos Municípios convidam o governador civil de Lisboa para o jantar que se efectuará, á noite, no Castelo de S. Jorge

ras Municipais do distrito, dos quais partiu a iniciativa do banquete. Neste tomarão também parte individualidades da capital e representações de todos os concelhos do distrito, sendo entregue ao homenageado uma mensagem de saudação e agradecimento, assinada pelos presidentes de todos os municípios do distrito.

bebidos no limite sul do concelho pelos presidente e vice-presidente do Município e respectiva vereação, que lhes apresentaram as boas-vindas. Houve depois uma sessão solene nos Paços do Concelho, em que usou da palavra o presidente da Câmara que agradeceu a presença dos engs. Leite Pinto e Arantes e Oliveira.

Procedeu-se, depois, á inauguração do pavilhão dos desportos, que foi entregue ao presidente da comissão administrativa, sr. Sidónio Pardo, na presença do director-geral dos desportos, dr. Valadão Chagas. O mercado municipal foi inaugurado em seguida.

A noite, após um jantar de homenagem aos dois ministros, haverá no pavilhão dos desportos, uma série de jogos de hóquei, em que colaboram equipas do Futebol Clube do Porto, do Sanjoanense, do Clube Futebol Marraona, campeão de Espanha, e patinagem artística.

Actividades municipais

em Leiria

LEIRIA, 13 — (Pelo telefone). — A Câmara Municipal deliberou contratar o dr. António Correia de Barros, director da Escola do Magistério Primário de Leiria, para dirigir a Biblioteca Afonso Lopes Vieira.

Foi nomeado presidente da Comissão Municipal de Higiene o vereador sr. dr. José Pinto Coelho de Freitas.

Foram designados: para presidir á Comissão Municipal de Turismo o sr. Francisco Henrique da Rocha Marques; e para fazerem parte da mesma o comerciante sr. António José Moita Pereira e o proprietário dr. Alvaro Filipe da Fonseca.

Foi deliberado, pela Câmara, aprovar o contrato para a construção de um reservatório para abastecimento de água á cidade, celebrado, com a Agência Comercial Industrial de Aveiro, Lda.

Foi designado, para presidir á Comissão Municipal de Arte e Arqueologia o vereador sr. José Vicente da Rosa.

Foram designados para compor o conselho de administração dos Serviços Municipalizados de Agua, Electricidade e Saneamento, para o ano corrente, os vereadores srs. dr. José Pinto Coelho de Freitas e José António Marques de Meneses.

TRÊS CONCURSOS

públicos

com as bases de 45.000 contos

Em 18, 22 e 23 de Março, ás 11 horas, efectua-se três concursos publicos, respectivamente para a construção, a conservação e a reconstrução de pavimentos e esgotos em diversos locais de Lisboa. A base de licitação de cada um dos concursos é de 15.000 contos.

Prosseguiu

o 1.º Colóquio
sobre aspectos sociais
na concepção da habitação

No Palácio Galveias, prosseguiu esta manhã o 1.º Colóquio sobre os aspectos sociais na concepção da habitação, iniciativa do Sindicato Nacional dos Arquitectos que registou cerca de 250 inscrições. As conferências e as sessões de estudo têm decorrido num ambiente de grande interesse, patenteado pelos temas debatidos e pela afluência de auditores.

Às 9 e 30, o arquitecto Carlos Duarte iniciou a sua exposição, completada por projecções, sobre «Elementos sociológicos do habitat urbano». Primeiramente, aludiu á tendência dominante da Urbanologia que, como a Sociologia, se dedica ao estudo dos pequenos nucleos humanos e urbanos. Assim, a uma micro-sociologia, apoiada em minuciosos inquéritos e desconfiada das grandes concepções idealistas, tem correspondido no outro campo uma micro-urbanologia, cujo «caso-tipo» e fulcro dos estudos é a unidade de vizinhança na sua complexidade funcional-social.

No entanto — acrescentou o conferencista —, do mesmo modo que os sociólogos começam a apontar a necessidade duma macro-sociologia, os urbanistas sentem também que a cidade tem de ser qualquer coisa mais do que um simples somatório de unidades. Através de tentativas, muitas vezes malogradas, caminha-se para uma nova síntese, que só será conseguida a partir de seguras certezas científicas.

No final, voltou a referir a utilidade e necessidade dos conhecimentos sociológicos na tarefa dos arquitectos e urbanistas.

Seguiu-se um debate da exposição do arq. Carlos Duarte, tendo o Colóquio continuado, ás 14 e 30, com uma conferência do arq. António Freitas Leal que falou sobre «Aspectos da unidade de vizinhança no meio português». Depois de ter analisado o comportamento da unidade de vizinhança no aglomerado urbano, referiu os factores de diferenciação das mesmas.

Especificou os aspectos da evolução dos hábitos de vida e os valores permanentes, tratando igualmente da dinâmica das cidades, modos de crescimento e fenómenos de adaptação.

Na ultima parte da sua conferência, falou sobre a relação entre níveis de vida e tipo de convívio social, hábitos de compra e a sua influência sobre o valor do equipamento social, entre outros aspectos dimensionais da unidade de vizinhança e do bairro.

Houve debate, no final, seguindo-se uma sessão de estudo que foi orientada pelo arq. José Rafael Botelho.

A noite, ás 21 e 45, o arquitecto Robert Auzelle, urbanista francês de grande renome e professor do Instituto de Urbanismo, na Universidade de Paris, pronuncia uma conferência.

O Colóquio encerra-se amanhã com uma sessão de estudos, ás 11 horas, orientada pelo arq. Inácio Peres Fernandes, presidente do Sindicato Nacional dos Arquitectos. Após a sessão, efectua-se um almoço na Casa do Leão, no Castelo de S. Jorge, que reúne muitos participantes deste útil e interessante Colóquio.

Vai ser destruída

a velha ponte de Lagos
para facilitar a urbanização
daquela cidade algarvia

LAGOS, 13 — (Pelo telefone). — Com o objectivo de facilitar os trabalhos de urbanização da zona situada próximo da ponte e, ainda, para valorização do porto, encontra-se aqui uma brigada técnica do Regimento de Engenharia n.º 1, de Lisboa, sob o comando do capitão António Pinto Ramos Milheiro a quem foi confiada a destruição da velha ponte, toda construída em cimento armado.

Os planos iniciais tiveram de ser alterados em virtude de aquele oficial desconhecer determinados pormenores da zona e ainda elementos de construção. Estava previsto que a destruição se fizesse de uma só vez, mas tiveram que ser tomadas medidas de prudência para evitar grave desastre.

Uma explosão única destruiria a estação dos caminhos de ferro

A brigada de soldados em serviço, com o auxílio de uma draga de Aveiro, entrega-se agora a trabalhos preliminares, sem duvida demorados, o que abriga a adiar por alguns dias a operação de destruição. Enquanto a draga realiza um trabalho de acamamento de lodo, os soldados aguardam o momento de ali colocarem ramos de árvores a fim de que a queda brusca da pesada e velha ponte seja feita de altura reduzida, de forma a evitar desastres pessoais. Entretanto maquin-

O BAILE ANUAL

da Cruz Vermelha Portuguesa

É no próximo dia 18, que nos salões da sede da Cruz Vermelha Portuguesa, no Palácio dos Condes de Obidos, se efectua o tradicional baile anual daquela benemérita instituição. Porque tem havido muitas solicitações para o jantar que antecede o baile, pede-se a todos os que desejem reservar mesas que o façam até ao próximo dia 15, a fim de poderem ser atendidos todos os pedidos.

Os pedidos de bilhetes de admisão, para o baile e o bufete, e quaisquer outras informações podem ser obtidos na secretaria da Secção Auxiliar Feminina, no Jardim 9 de Abril, n.º 1 (telefone 66 73 80), todos os dias uteis, das 15 ás 18 horas, ou ainda pelo telefone 66 21 26, das 9 ás 13 horas.

CINCO MINEIROS

mortos numa explosão

GRAND RAPIDS (Michigan), 13 — Em consequência de uma explosão na galeria de uma mina, perto daqui, morreram cinco trabalhadores.

Outros sete mineiros que haviam ficado soterrados foram salvos pelas brigadas de socorro. — (A. N. I.).

Alunos voluntarios

da Faculdade de Direito

A Secção Pedagógica da Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa, promove, depois de amanhã, ás 21 e 15, na sede da Associação, na Cidade Universitária, uma reunião de alunos voluntários daquela escola, para tratar de problemas específicos no ambito do ensino de tal categoria de estudantes.

nismos apropriados como quebra-bótes e martelos pneumáticos vão perfurando alguns sectores daquela enorme peça de cimento armado que cairá aos poucos em explosões parcelares. Se assim não acontecesse a estação dos caminhos de ferro, que se encontra situada a cerca de 100 metros, e outros pequenos edificios próximos iriam pelos ares. O capitão Milheiro está sendo coadjuvado, nos trabalhos, pelo aspirante Silva Mira.

Assembleias gerais

Banco José Henriques Totta

Na Assembleia-geral do Banco José Henriques Totta, que se reuniu sob a presidência do sr. eng. João Rocha e Melo, foi assinalado o desenvolvimento daquela instituição bancária, verificado, sucessivamente, nestes ultimos anos. O sr. D. Manuel de Melo, presidente do conselho de administração, pôs em relevo as condições de grande progresso financeiro do Banco José Henriques Totta, que pôde, assim, prestar ao comércio e á industria uma mais substancial colaboração. Falando do movimento e da actividade daquela instituição, referiu-se aos depósitos, que em 1958 atingiam novecentos e nove mil contos, tendo, no ultimo exercício ultrapassado a importância de um milhão e cem mil contos. Salientou que este facto desvaneca a administração, comprovando a confiança que novos clientes depositam no seu critério administrativo. Disse que a organização dos serviços, efectuada por forma sistemática, e a sua eficiência, estão na base do referido desenvolvimento, e acrescentou que no que respeita á expansão do Banco e á ideia de alargar o ambito das operações a todo o território nacional, tinha o prazer de informar os accionistas de que havia sido autorizada a abertura de nova dependência urbana, na Avenida 24 de Julho. Esclareceu que, feitas as previsões e amortizações aconselháveis, foi possível apresentar o saldo liquido de 14.117.038\$14.

A assembleia aprovou as importancias propostas pela administração, para reservas legal e livre e, deste modo, o capital e reservas do Banco eleva-se para 100.000.000\$00.

O conselho fiscal, pronunciando-se sobre a actividade do Banco José Henriques Totta, afirmou que o seu desenvolvimento é resultante da maneira criteriosa, objectiva e recta como a administração tem sabido desempenhar a sua missão.

Associação Portuguesa para a Educação pela Arte

Em assembleia geral, recentemente efectuada, foram eleitos os corpos gerentes da Associação Portuguesa para a Educação pela Arte, para o biénio de 1960-1961, que ficaram assim constituídos: Mesa da assembleia geral: prof. M. M. Calvet de Magalhães, dr. Matilde Rosa Araújo; dr. Eugénio Morais Cardigos. Conselho fiscal: dr. João Couto, Maria Lucia Silva Rosa. Henrique Ribeiro Soares, arq. José Alberto da Silva Basto, Lia Maria de Almeida Fernandes, arq. Isabel Maria C. T. Pardo Monteiro. Direcção: professora D. Alice Gomes, arq. Virgílio Bravo Silva, professora D. Cecília Menano, professora D. Maria Gaudêncio Soares, José de Almeida, arq. José Antunes da Silva, professora D. Adelina Berta de Oliveira, arq. Maria Teresa Cottineli Telmo, professora D. Maria Mateus e professor Dario Boaventura.

Grupo Desportivo da Mouraria

A assembleia geral do Grupo Desportivo da Mouraria elegeu, para presidente da sua mesa o sr. José Grilo Cordeiro dos Santos, para presidente e vice-presidente da direcção, respectivamente, os srs. capitão Adino Homem de Figueiredo e Henrique José Pereira, para presidente do conselho fiscal o sr. Albertino Teixeira Casquilho e para delegados á Federação os srs. Jorge da Silva e Isidoro da Fonseca Santos.

Sociedade Portuguesa de Ciências Veterinárias

A assembleia geral ordinária da Sociedade Portuguesa de Ciências Veterinárias efectua-se, na Rua D. Dinis, 2-A, no dia 15, á noite, para apreciar e votar as contas e o relatório anuais da direcção e o parecer do conselho fiscal, votar a confirmação do mandato dos corpos gerentes e o projecto financeiro.

BRASILIA

ARQUITECTOS-ENGENHEIROS

CONSTRUÇÃO CIVIL

A Agência de Viagens BUISSON, LDA., está organizando excursões, por via aérea, ao Brasil e em que se oferece a oportunidade aos estudiosos de verem «in loco» a extraordinária realidade de Brasília a par de um programa turístico adequado.

INFORMAÇÕES:

BUISSON, LDA.

Rua Braamcamp, 15, D
Telef. 40459 — 40468
L I S B O A

TECIDOS ALVINIZ

Grande liquidação de verdadeiros saldos.

16, Largo do Carmo, 17
LISBOA



DE NOVO SIMONIZ

AO SERVIÇO DOS AUTOMOBILISTAS PORTUGUESES

Os raios solares e a chuva atacam a pintura do seu automóvel; dê-lhe uma protecção permanente com produtos SIMONIZ — um nome que por si só é uma garantia de qualidade.

PRODUTOS SIMONIZ — Para limpar e dar brilho

REPRESENTANTES **C. SANTOS LDA.**
29. AV. DA LIBERDADE, 41 — LISBOA
PORTO • COIMBRA • BRAGA • OLHÃO



2.000\$00 perdidos?

NÃO.

Seja qual for o valor do prejuízo será pago pela **MUTUALIDADE**, se a compra for feita na **DARDO**. Compre sem aumento de preço, e com mais vantagens.



ETP

Dardo
AV. DA LIBERDADE 139 • LISBOA

A MELHOR MÁQUINA INGLESA DE LAVAR



Com Características Sensacionais:

SUAVÍSSIMA ACÇÃO DE LAVAGEM QUE NÃO ESTRAGA A ROUPA.

ESPRESSADOR ELÉCTRICO COMANDADO PELO PÉ COM DISPARADOR DE SEGURANÇA.

CONTADOR AUTOMÁTICO DE TEMPO QUE POUPA A CORRENTE E A ROUPA

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.

AVENIDA FONTES PEREIRA DE MELO, 45 • TELEF. 733111 (4 LINHAS) • LISBOA

DELEGAÇÃO EM COIMBRA: Av. Fernão de Magalhães, 32-2.º • Tel. 25829

No Norte: **M. Simões Jr. Lda.** — Rua de Santo António, 208 • Telef. 25581 • PORTO
No Sul: **AGÊNCIA COMERCIAL DE FARO, LDA.**
Rua de Santo António, 47 — Telefone 76 — FARO

MÁQUINAS DE ESCRIVER

Smith-Corona

A SOC. DE COMÉRCIO INTERNACIONAL, LDA.

INFORMA OS SEUS

AGENTES, CLIENTES E AMIGOS

Que apesar de já estar desligada desta marca, que representou durante 16 anos, continua, e continuará, a fornecer-lhes qualquer quantidade destas máquinas de escrever de fabricação belga, a preços mais baixos do que nunca!

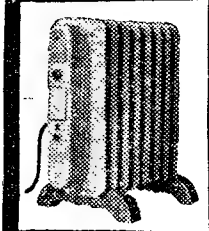
Informa, ainda, que nas suas oficinas continuará, como sempre, a prestar a s/ garantia e comprovada assistência técnica gratuita a todas as referidas máquinas vendidas e a vender, através da sua organização. O seu enorme «stock» de peças acessórias e pessoal técnico, habilitadíssimo por uma já longa experiência, são garantia de um trabalho perfeito e de uma honesta e leal colaboração.

Esta firma, agora livre de obrigações contratuais, pode também fornecer aos seus estimados Agentes, Clientes e Amigos, máquinas de escrever, calculadoras e somadoras de outras marcas, americanas e europeias, nas melhores condições de preços e pagamentos.

SMITH-CORONA, mais baratas, só na

SOCIEDADE DE COMÉRCIO INTERNACIONAL, LDA.

Rua das Portas de Santo António, 81, 1.º, Dir.
LISBOA — Telefones 36 68 40 e 2 15 78



PREFIRA OS NOVOS SISTEMAS DE
AQUECIMENTO
ELECTROLAR

RADIADORES AUTOMÁTICOS A OLEO
CONVECTORES CALOR NEGRO
RADIADORES INFRA-VERMELHOS

5 ANOS
PORTO - R. SA DA BANDEIRA

592-TEL. 24769 • LISBOA - R. ZAIRE 3-3 • TEL. 644444

Reparações nas ruas

de S. Bartolomeu de Messines

S. BARTOLOMEU DE MESSINES, 13. — Algumas das queixas da população desta freguesia, de que o «Diário de Lisboa» se tem feito eco, começaram agora a ser atendidas. Assim, foram substituídas algumas lampadas de iluminação pública, há muito estragadas, e está a proceder-se à reparação das numerosas covas existentes nas ruas desta povoação. Oxalá os benefícios não terminem aqui.

BETONEIRAS

simples ou com guincho de 180 e 210 Lts.

accionadas por motores PETER



ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)

Rua Academia das Ciências, 5 • Boqueirão do Duro, 38 • LISBOA
Praça D. João I, 25-1.º • Telef. 24771 • PORTO

BOLETIM DO DIA

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — As 18, Noticiário e danças; 18 e 40, Rádio rural; 19, Desdobramento; 21, Noticiário; 21 e 20, Desdobramento; 23 e 45, Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — As 19, Trechos em piano; 19 e 15, Emissão infantil; 19 e 45, A Orquestra de Tony Caborne; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, A Orquestra de Billy May; 20 e 30, Album musical; 21, Junção dos emissores; 21 e 20, Canções de Itália; 21 e 30, Ritmos sul-americanos; 21 e 45, Variedades; 22 e 30, Obras de Gershwin; 22 e 45, Variedades; 23 e 30, Danças; 23 e 45, Junção dos emissores.

Programa «B» — As 19, Temas portugueses; 19 e 10, «Compadece-te de mim ó Deus», cantata de Buxtehude; 19 e 37, O organista Feike Asma; 19 e 50, Noticiário regional; 20, 2.º programa do Festival de Musica Contemporanea de Donaueschingen de 1959; «Tumulo á memória do príncipe Max Egon Fürstenberg», de Boulez, pelo soprano Rogner, e o conjunto Domaine Musical, de Paris, sob a direcção do autor; «Sexteto de cordas», de Kagel, pelo mesmo conjunto musical; «Suite», para requinta, clarinete, baixo, violino, viola, violoncelo e piano de Schönberg, por membros do conjunto Domaine Musical, de Paris, sob a direcção de Pierre Boulez; 20 e 40, Programa comemorativo da festa israelita «O Dia do Nascimento das Arvores»; 21, Junção dos emissores; 21 e 20, Concerto pelo coro Polyphonia, sob a direcção do cantor-mor, Mário de Sampaio Ribeiro; 21 e 45, Tempo de poesia; 22, Ciclo de sonatas: «2.ª sonata», de Debussy, para flauta, viola e harpa, por Jean-Pierre Rampal, Pierre Pasquier e Odette Le Dentu; 22 e 20, Cartas a um musico desconhecido; 22 e 45, Que quer ouvir?; 3.ª e 4.ª actos da ópera «Werther», de Massenet cantados por Ferruccio Tagliavini, Pia Tassinari, Vittoria Nevin, Marcello Cortis e coro e a Orquestra da Rádio Italiana de Turim, sob a direcção de Molinari-Pradelli; 23 e 45, Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — As 17 e 30, Alfarrábio; 17 e 46, Teatro de brincar; 18 e 5, Pedro Infante; 18 e 45, Baile; 19, Orquestras e canções; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Motivos portugueses; 20 e 30, Onça desportiva; 21, Solistas; 21 e 30, Língua portuguesa; 21 e 50, Curso de língua inglesa; 22, Imagens por musica; 22 e 15, Brasil; 22 e 30, Cultura espanhola; 22 e 45, Canções; 23, Concerto; 23 e 30, Mário Lanza; 23 e 45, Noticiário; 2, Fecho.

Estação de Miramar — As 18, Ritmos de baile; 18 e 30, Cantos e recantos de Portugal; 19, Palestra de língua portuguesa; 19 e 15, Motivos portugueses; 19 e 30, Trechos de operetas; 20, Boletim informativo; 20 e 10, Variedades; 20 e 30, Curso de língua inglesa; 20 e 40, Vida desportiva; 21, Noticiário; 21 e 15, Um artista; 21 e 45, Brasil; 22 e 15, Intermédio musical; 22 e 30, Artistas portugueses; 23, Trechos recreativos; 23 e 30, Variedades; 0, Baile.

RADIO RENASCENÇA — As 18 e 15, Musica seleccionada; 18 e 30, Terço e bênção; 19 e 5, Boletim religioso; 19 e 10, Sobre os ramos da azinheira; 19 e 25, Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30, Chuva de estrelas; 20, Musica para o seu jantar; 20 e 30, Noticiário; 20 e 55, Meditação; 21, Encontro com o «jazz»; 21 e 30, Fados; 21 e 40, Rádio Rural; 22 e 5, Quando o telefone toca; 3 e 50, Noticiário.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 19 e 30 às 22, Voz de Lisboa; 22 às 2, Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISAO

As 20 e 30, abertura; 20 e 32, «Telejornal» (1.ª edição); 20 e 50, «Programa juvenil»; 21 e 35, viagem do ministro da Presidência ao Estado da India; 22 e 15, concerto de camara, com a colaboração do Trio Dennemark; 22 e 35, «Evocação do Algarve», no Museu de Arte Popular, com a participação do Rancho Folclórico da Casa do Povo de Alte; 23 e 15, «Teledesperto» (programa semanal de actualidade desportiva); 23 e 35, «Telejornal» (2.ª edição); 23 e 50, «Naquele tempo...», pelo cónego dr. António dos Reis Rodrigues.

HORAS DAS MARES

PREIA-MAR

Dia 14 — 4 e 20 (4m,07); 16 e 46 (2m,90); Dia 15 — 4 e 57 (4m,03); 17 e 19 (3m,90).

BAIXA-MAR

Dia 13 — 21 e 41 (0m,83); Dia 14 — 10 e 7 (0m,74); 21 e 41 (0m,83); Dia 15 — 10 e 40 (0m,72); 23 (0m,79).

EFEMERIDES

No dia 13 de Fevereiro de 1883 morreu Ricardo Wagner.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO L — Marques — E. de Benfica, 648, T. 780096; Sousa — Estrada de Benfica, 429-431, Tel. 780027. Aguiar — Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A, Tel. 764629; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181; Alameda — Alameda das Linhas de Torres, 201-B — Tel. 790942; Rainha Santa — Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B — junto á Avenida Brasil — Tel. 765262; Europa — Estrada da Portela, 5-A (a Alvalade) — Pote de Agua, Tel. 710131; Universitária — Rua 0, 29-D — Bairro Santos (Próximo ao Hospital de Santa Maria) T. 778953; Cartaxo — Avenida da Igreja, 21-C, Tel. 776358; Avis — Avenida de Roma, 56-B/C, Tel. 776070; Nova Lisboa — Rua Guilhermina Suggia, 12, Tel. 727721; João XXI — Avenida João XXI, 16-A, T. 726462; **FATIMA** — Av. de Berna, 24-B (junto á igreja de Fátima) T. 763107; Sá da Bandeira — Avenida Duque de Avila, 203-B — Tel. 41961; Oliveira Viegas — Rua Viriato, 29-29-A — próximo da «Maternidade» e do Avis Hotel — Tel. 48966; Mundial — Largo D. Estefania, 9, Tel. 45378; Contemporânea — Rua Conde de Redondo, 26-30, Tel. 45048; Ascenso — Rua 27, 41, Bairro da Encarnação, Tel. 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Salter — Rua de Xabregas, 63-65 — Tel. 381185; Luzmar — Rua 2, 16-A — Bairro de Santa Engrácia (á Picheleira) Tel. P. P. C. 728395-720703; Oriente — Rua Lopes, 120, Telefone 843381; Fonseca — Rua Carvalho Araújo 46-B/C, Tel. 841708; Europa — Avenida General Roçadas, 25-A, Tel. 843880; Santo António — Rua Leite Vasconcelos, 72-C — T. 862333; Rosa & Viegas — Rua de S. Vicente, 31, Tel. 864351; Nacional — Rua S. João da Praça, 26, Tel. 863632; Matos — Rua Álvaro Coutinho, 10, Tel. 40471; Lab — Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A, Tel. 682333; Salutar — Rua B, 75-A/B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Pátria — Calçada dos Mestres, 30-A (Junto á Rua das Amoreiras) Tel. 680627; D. João V — Rua D. João V, 16-C, Tel. 682772; Castro Fonseca — Rua 4 de Infancia — 28-A — Tel. 688857; Ourique — Rua Freitas Gazul, 32-B, T. 671667; Lapa (Da) — Rua dos Navegantes, 10, Tel. 661734; Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM. 3, T. 610256; Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C/D; Remísio — Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 631699; Sepol — Calçada da Boa Hora, 94-A — Tel. 631958; Teles — Rua João de Barros, 2, Tel. 638249; Nogueira — Rua da Creche, 2, Tel. 631635; Lealdade — Rua do Olival, 226, T. 663441; Combro (Do) — Calçada do Combro 78, Tel. 26059; S. Marçal — Rua de S. Marçal, 100, Tel. 25318; Bastos Andrade — Calçada de Santo André 107-111, Tel. 860450; Americana — Calçada de Santana, 3, Tel. 863984; Capuchos (Dos) — Rua Luciano Cordeiro, 2-A — Tel. 52076; Nacional — Rua do Salitre, 7, Tel. 46858; Azevedo, Irmão & Veiga — Rua da Misericórdia, 24, Tel. 23540 — A — Avelar — Rua Augusta, 225 — Tel. 23977.

VIDA SOCIAL

PEDIDO DE CASAMENTO

Para o sr. Silvano das Neves, professor oficial em Alferrade, foi pedida em casamento, pelos seus pais, sr. Joaquim das Neves e sua esposa, sr.ª D. Maria Rosa Marques Heitor Neves, proprietários em Magão, a sr.ª D. Natércia Ruivo de Sousa, professora oficial em Alferrade, filha da sr.ª D. Alexandrina Ruivo de Sousa e do sr. António Lopes de Sousa Junior, industrial em Barreiras do Tejo.

«Primavera no Fado»

Principiam brevemente as eliminatórias do Concurso «Primavera no Fado», para apuramento de novos valores do Fado, de 1960. O concurso, que tem o patrocínio do programa «Vozes de Portugal», fará entrega aos vencedores, de cartões de profissional e taças. As inscrições fazem-se no Salão Luso, ou pelo telefone 368010.

Para os nossos pobres

Uma comissão de funcionários da Companhia de Moçambique enviou-nos, para os pobres protegidos pelo «Diário de Lisboa», a quantia de 808 escudos. Agradecemos em nome dos beneficiados.

HA TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» dava no dia 13 de Fevereiro de 1930 noticia de ter a Intendência de Segurança Publica condenado em quinhentos contos de multa os acusados duma falsificação de milhares de litros de azeite com óleo de baleia, tendo sido descoberta em Sete Rios a fábrica clandestina e preso o químico. O coronel Mouzinho de Albuquerque dizia, no final, que se não se conformassem com a sentença ele próprio lhes ensinaria a fazer o recurso nos termos da lei.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — A's 21 e 45 — «Diálogos das Carmelitas».

TRINDADE — A's 21 e 45 — «O amor, o dinheiro e a morte».

AVENIDA — A's 21 e 45 — «A mala da Bernardette».

MONUMENTAL — A's 20 e 45 e 22 e 45 — «Margarida da Rua».

CAPITOLIO — A's 21 e 45 — «Moral em concordância».

A B C — A's 20.30 e 22.45 — «Quem sabe, sabe...».

VARIEDADES — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Revista é sempre revista».

COLISEU — A's 21 e 30 — Circo.

CINEMAS

S. LUIZ — «As grandes famílias».

TIVOLI — «Porque vens tão tarde».

S. JORGE — «A ilha do rebelde».

IMPERIO — «As grades do inferno».

EDEN — «A loba».

POLITEAMA — «O sobe e desce».

MONUMENTAL — «Corcunda».

ODEON — «Amorzinho da minha vida».

ALVALADE — «As grandes famílias».

CONDES — «O passarinho da Ribeira».

ROMA — «Promessas, amor e...».

AVIS — «O homem do Rickshaw».

RESTELO — «O homem das pistolas de ouro».

OLIMPIA — «Desafio ao perigo».

JARDIM — «O amor subiu de preço».

IDEAL — «O vale das mil montanhas».

PROMOTORA — «Quo Vadis».

ESCUTISMO

Com uma velada que começa ás 21 e 30 horas, inaugura hoje a nova freguesia de São João de Deus, o seu agrupamento escutista.

CONFERENCIAS

Hoje, ás 18 horas, a distinta poetisa Natália Correia faz uma conferência, no estúdio de dança clássica de Anna Mascoco.

Com o título «Ver pintura», pronuncia hoje, ás 21 e 30 horas, na Feira das Industrias uma conferência, promovida pelo Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório o dr. Adriano de Gusmão.

EMISSIONES RADIOFONICAS

A Emissora Nacional transmite hoje, ás 21 e 30 horas, o seu habitual programa «Fogo de Artificio» com texto e planificação de Ferro Rodrigues e Santos Fernando. «Fogo de Artificio» incluirá esta noite os artistas Luís Manuel e o Coro Feminino, Madalena Iglésias, Maria de Lourdes Resende, a Orquestra Ligetria dirigida por Tavares Belo, o saxofonista Guilhermino de Oliveira e o Conjunto Oliver. Como estreia musical: «O meu destino é procurar-te», de Nóbrega e Sousa e dos autores do programa Ferro Rodrigues e Santos Fernando.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Hoje á noite haverá bailes: na Casa das Beiras, no Largo de São Domingos, 14, 2.º, com a orquestra «Costa de Ouro»; na Casa de Trás-os-Montes, na Rua da Misericórdia, 20, 2.º, com o conjunto «Vela azul»; na Casa do Distrito de Coimbra, com o conjunto «Os Futuristas»; e na sede dos Bombeiros Voluntários de Oeiras, com «Jacinto e os seus Gauchos».

Para amanhã, estão marcados bailes: á tarde, na Casa das Beiras, no Largo de São Domingos, com o conjunto «Vera Cruz»; na Casa do Alentejo, na Rua das Portas de Santo Antão, com a orquestra «Talismão»; na Casa do Algarve, na Rua Capelo; na Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul, na Avenida D. Carlos I, 61, 1.º, com o conjunto «Porto Rico»; e no Belém Clube, na Calçada da Ajuda; e á noite na Casa de Ferreira do Zêzere, na Travessa dos Inglesinhos, 3, 1.º, com a orquestra «Lua Azul»; na Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos, no Largo do Intendente Pina Manique, 45, 1.º, e na Casa do Concelho de Gouveia, na Avenida da Liberdade, 42, 3.º, Dto.



CONCURSO



QUEM TUDO QUER, TUDO PERDE

NOME.....

MORADA.....

LOCALIDADE.....

TELEF.....

Qual o seu programa preferido?.....
(resposta facultativa)

Voltamos hoje a publicar o boletim de inscrição do concurso «Quem tudo quer, tudo perde», organizado pela Radiotelevisão Portuguesa.

PATRA

PARFUM
EÁU DE COLOGNE
LOTION



UMA GRANDE COMPOSIÇÃO

Preferido
em mais de 60 países

DISTRIBUIDORES:
SOC. COM. MATOS TAVARES, Lda.
Rua dos Sapateiros, 39-3.º LISBOA
Telef. 3 11 01

PESOS E MEDIDAS

Uma portaria do subsecretário de Estado da Industria designa a letra M para servir durante o período que decorre de 1 de Maio do corrente ano a 30 de Abril de 1961 no afilamento de todos os pesos, medidas e mais instrumentos de pesar e medir executado em todos os concelhos do País, á excepção do de Lisboa, onde a mesma letra principiará a ser empregada em 1 do próximo mês de Março.

Semana do contribuinte

Imposto profissional — Empregados por conta de outrem

Obrigações das entidades patronais e entidades que paguem qualquer gratificação ou percentagem

As entidades que pagarem qualquer gratificação ou percentagem sujeitas a imposto profissional ficam obrigadas a apresentar na respectiva secção de finanças, no mês seguinte áquele em que for ordenado o pagamento ou feita a liquidação da percentagem, uma relação dos nomes das pessoas, moradas, e importancias das gratificações ou das percentagens que lhes forem abonadas.

Taxas:
Sobre gratificações ... 5 %
Sobre o produto de quaisquer percentagens... 8 %

Imposto complementar

Declaração de residência modelo n.º 1-A. (De vencimentos, pensões ou rendas ou outros proventos).

Esta declaração é apresentada ás entidades processadoras de vencimentos, pensões ou rendas, etc., a fim de servir de base ao preenchimento da declaração de rendimentos. (Mod. 2).

Obs. — E só é de renovar no mesmo mês dos anos subsequentes, sempre que se dê alteração em qualquer dos elementos que dela constem.

Nota — Deverão apresentar a declaração, todas as pessoas que além dos rendimentos sujeitos a contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional, imposto sobre a aplicação de capitais, secção A, imposto de minas ou sobre águas-minero-medicinais, percebam vencimentos, pensões, rendas, emolumentos, multas ou outras remunerações perfazendo um quantitativo superior a 60.000\$00.

Imposto sobre a aplicação de capitais, secção B

Pagamento

O imposto deve ser pago: Quanto aos dividendos, lucros, juros e empréstimos de acções e obrigações, no mês seguinte áquele em que se ordenar o pagamento destes rendimentos e em relação á importância total autorizada.

Decreto n.º 8719, artigo 47.º e alíneas.

Morte de um mineiro atingido por uma pedra

VILA NOVA DE PAIVA, 13 — (Pelo telefone) — Atingido por um enorme bloco de pedra nas Minas de Queiriga, deste concelho quando explorava minério, faleceu poucos momentos depois, Adolfo Lopes, de 27 anos de idade, natural e residente naquela freguesia.

As autoridades judiciais de Moimenta da Beira, que ali se deslocaram, dispensaram a autópsia do infeliz, que deixa três filhos menores, um dos quais de 18 meses. A paróquia consternada, compareceu em peso no funeral.

O «VERA CRUZ» EM VIAGEM para os portos de Angola

O paquete «Vera Cruz», da Companhia Colonial de Navegação, largou esta tarde do Tejo, para mais uma viagem aos portos portugueses da Africa Ocidental. Nele seguem viagem cerca de 1.500 passageiros, trezentos dos quais colonos.

Desmente-se que o submarino retido em Golfo Nuevo seja inglês ou alemão

BUENOS AIRES, 13. — O informador do Ministério da Marinha declarou que, até esta manhã, não fora ali recebida qualquer informação que confirme uma notícia divulgada pela Rádio do Uruguai, segundo a qual o submarino misterioso «entapado» há 14 dias no Golfo Nuevo se rendera e estava a ser rebocado por barcos de guerra argentinos.

Até agora temos a informação de que a luta para a destruição do submersível misterioso prossegue com intensidade e que as nossas unidades vão empregar as potentes bombas de profundidade que hoje

chegam dos Estados Unidos — afirmou o informador.

A notícia sensacional espalhou-se ontem ao fim da tarde: o submarino misterioso teria sido capturado e rebocado para Puerto Madryn. A rádio do Mar del Plata anunciava ser inglês o submersível-fantasma. Todos estes boatos, como aquele que afirmava tratar-se de um antigo submarino nazi escondido desde o fim da guerra, parecem não ter o mínimo fundamento.

Em Puerto Madryn, os agentes dos serviços de investigação continuam a interrogar o operador de rádio acusado de espionagem e que fora preso a noite passada.

O mau tempo continua a prejudicar o andamento das operações e os meios afectos aos serviços de marinha afirmam poder haver em breve um temporal de que se aproveitará o submarino para passar através da rede de fiscalização e escapar-se.

UMA SONDAGEM DA OPINIÃO PUBLICA ARGENTINA

Uma agência especializada nas sondagens da opinião publica efectuou ontem um inquérito junto de centenas de pessoas encontradas no centro de Buenos Aires.

A primeira pergunta era: «E o submarino existe?». Em 100 pessoas interrogadas, 63 responderam pela afirmativa, 28 pela negativa e 9 declararam não ter opinião. A uma segunda pergunta: «De que nacionalidade é ele?», as respostas foram as seguintes: 67 % soviética; 18 % britânica; Estados Unidos 9 %; China comunista 2 %; Brasil 1 %; Peru 1 %; não sabiam 2 %.

Entre as pessoas que duvidam da existência do submarino, 37 % atribuem o caso «aos desejos da marinha de guerra de conseguir novos créditos»; 25 % a «pressão norte-americana para que a Argentina rompa relações com a União Soviética»; 11 % a «um erro da marinha»; 7 % a «fenómeno marítimo de origem desconhecida» e 19 % não têm opinião. — (F. P.).

SERÁ POSSÍVEL identificar a verdadeira princesa Anastásia?

CAEN, 13. — Um habitante de Ouistreham, estação balnear da costa normanda, julga que pode auxiliar a identificação da verdadeira princesa russa Anastásia.

Com efeito, segundo as suas declarações, depois da guerra de 1918, foi amigo de André Poirer, aviador francês, que viveu, durante vários anos, na Rússia, onde era conhecido como um «as» da acrobacia aérea. Foi assim que deu o baptismo do ar a toda a família da grã-duquesa Olga. Na sua opinião seria suficiente perguntar às duas pessoas que dizem ser Anastásia, se conheceram a aviador francês. No caso afirmativo, haveria fortes probabilidades de que aquela que possa fornecer pormenores sobre o aviador, seja a filha do czar. O aviador Poirer morreu há muitos anos e Anastásia deveria ter 19 ou 20, na época em que o conheceu. — (France Presse).

Mulheres-polícias que agradam à vista...

ROMA, 13. — A Itália vai ter, em breve, mulheres-polícias. Apesar de, em outros países, as mulheres com vocação para polícias terem sido aceites e aproveitadas, a proposta feita neste sentido ao Parlamento, em 1955, não foi aprovada. Agora, porém, chegou-se à conclusão de que será mais fácil uma mulher-polícia prender uma «mulher-bandido» do que tem sido até agora aos polícias do sexo masculino. Além disso, as novas agentes ficarão, também, encarregadas dos casos de delinquência juvenil.

A primeira força de polícia feminina será constituída por mil mulheres, que têm de ser solteiras, entre 24 a 32 anos, e agradar à vista... — (A. N. I.).

Foi recusada a publicação em Moscovo de comentários do senador Humphrey às declarações de Kruchchev

WASHINGTON, 13. — As declarações de Kruchchev «fazem com que o povo americano pergunte se realmente a União Soviética deseja pôr fim à «guerra fria» — escreve o senador democrático, Hubert Humphrey, aspirante a candidato à presidência dos Estados Unidos, num artigo que era destinado a publicação no «Pravda» de Moscovo, mas foi recusado pelo jornal, por «já não ter actualidade». O senador sustenta, ao contrário, que o artigo, que é hoje publicado nos Estados Unidos, foi recusado por constituir uma «crítica objectiva» às declarações de Kruchchev, numa forma «moderada mas franca».

Humphrey protestava, também, contra as declarações do chefe soviético, a propósito das «armas incriáveis» que vão ser concluídas pela U. R. S. S. e da possibilidade de «varrer» literalmente países da superfície da Terra. Estas declarações — diz o senador — não me parecem, infelizmente, muito pacíficas. — (F. P.).

AÇORDA DE SÁVEL FAMOSO PRATO do Ribatejano de Salvaterra

COMODORO.

Praça D. João da Câmara, 20 Telef. 27418-34996

O restaurante dos grandes «gourmets»

apresenta o seu chá-dançante todos os dias às 17,30

A partir das 22 e 30 — e depois do Teatro ou Cinema — vá cear ao COMODORO ou dançar

Conjunto musical: Tobias Valido, pianista; Artur Andrade, pianista-acordeonista; Idalécio, vocalista; e Ferrão, bateria

RESTAURANTE A CHOUPANA

UNICO SOBRE O MAR

Apresenta amanhã, Sábado, pela primeira vez no nosso País

O GRANDE PIANISTA E COMPOSITOR ESPANHOL

KING VARELA

CHAMAMOS A ATENÇÃO PARA AS FESTAS DO

CARNAVAL

que serão animadas pelo famoso cantor de classe internacional

JORGE SEPULVEDA

S. JOÃO DO ESTORIL

Para maiores de 15 anos

Telef. 068099

O Benfica e o Belenenses empataram esta tarde no torneio da «Taça Felix Bermudes»

Com os jogos correspondentes à 2.ª jornada, prosseguiu esta tarde a prova de reservas da A. F. L., dotada com a taça «Felix Bermudes».

Damos a seguir breves notas dos jogos realizados:

Belenenses, 0-Benfica, 0

Jogo no Estádio do Restelo, com razoável assistência. Os grupos formaram:

BELÉNENSES — Nascimento; Castro e Carlos Silva 1.º; Carlos Silva 2.º; Figueiredo e João; Miguel, Mendes, Tonho, Carvalho e V. Silva.

BENFICA — Barroca; Sidónio e Zéinho; Inácio, Alfredo e Jurado; Palmeiro, Peres, Torres, Mendes e Malta da Silva.

Árbitro — Eduardo Paula.

O Benfica começou a partida lançado ao ataque, procurando com afinco alcançar a baliza do adversário, essa toada não durou mais do que 10 minutos, porquanto os «azuis», a pouco e pouco foram equilibrando.

Na equipa do Benfica, Mendes cedeu o lugar a Vieira Dias, mas a estrutura do jogo não melhorou. Entretanto anotaram-se várias oportunidades perdidas por ambos os grupos — mais o Belenenses, atingindo-se o intervalo com o marcador em branco — castigo merecido para a má actuação das duas equipas.

Ao intervalo, 0-0.

Nos primeiros 10 minutos, a seguir ao recomeço, Torres e Peres, completamente isolados perderam duas magníficas oportunidades de gol.

Aos 13 minutos, Sidónio perdeu uma grande penalidade, atirando para fora. Entretanto, o jogo prosseguiu com as duas equipas a exibirem-se mal, atingindo-se assim a meia hora. Ramalho entrou para o lugar de Barroca, na baliza do Benfica.

No ultimo quarto de hora as duas equipas continuaram a produzir trabalho modesto, parecendo apostadas em não marcar golos.

E acabou: Belenenses, 0-Benfica, 0.

Olivaes, 0-Sporting, 9

Jogo no campo «Alvaro Gaspar», com regular assistência. As equipas formaram:

S. L. OLIVAIS — Montinho; Faustino e Santos; Martins, Carlos Alberto e Eugénio; Mordido, Vieira, Augusto, Casimiro e Américo.

SPORTING — Carvalho; Alexandre e Mourato; F. Pinto, Galaz e

Pérides; Carlitos, Carlos Manuel, Monteiro, Oscar e Moraes.

ÁRBITRO — Patrício Alvares.

O Sporting foi superior durante toda a 1.ª parte, embora o Olivaes se mostrasse sempre animoso, oferecendo boa réplica.

Os «leões» marcaram aos 5 minutos, por intermédio de Monteiro. Depois as duas equipas perderam várias oportunidades de gol, mormente por parte dos visitantes, que só voltaram a marcar, aos 41 e 43 minutos, de ambas as vezes por Monteiro. Entretanto, Baptista substituiu Pérides na equipa «leonina».

Ao intervalo: Olivaes, 0 — Sporting, 3.

Na 2.ª parte acentuou-se a vantagem do Sporting, surgindo os golos com a maior naturalidade. Da sua marcação se encarregaram Monteiro, aos 18 minutos; Oscar, aos 10; Carlos Manuel, aos 18, 34 e 35; e, por ultimo, Mourato de grande penalidade, aos 38.

No fim: Olivaes, 0 — Sporting, 9.

Atlético, 2-Torriense, 1

Jogo na Tapadinha, com as equipas assim constituídas:

ATLÉTICO — Pinho; C. Alberto e Barbosa; Toneca, V. Henriques e Galinho; Mega, Brandão, Apolinário, Rocha e Tomé.

TORRIENSE — Adelino; Nuno e Portas; Margaça, Belchior e Batalha; Jerónimo, C. António, Cecílio, Mendes e Leal.

ÁRBITRO — Manuel Luís.

Durante o primeiro tempo o jogo decorreu equilibrado, mas sem interesse, devido à toada incerta das duas equipas.

Aos 8 minutos, Brandão marcou o primeiro gol para os locais, mas, aos 12 minutos, Mendes estabeleceu a igualdade (1-1) — resultado que se manteve até ao intervalo.

Na 2.ª parte, a partida continuou a não ter motivo de interesse, conseguindo o Atlético, aos 2 minutos o gol da vitória feito por Mega.

O Torriense desperdiçou depois vários ensaios para empatar.

Ao fim: Atlético, 2-Torriense, 1.

HIPISMO

Disputou-se hoje a 1.ª prova de selecção para o «Jumping» de Lisboa

No campo do Regimento de Lanceiros 2, em Belém, disputou-se esta manhã a primeira das duas provas de selecção com vista ao 1.º Jumping Internacional de Lisboa, imposta pela necessidade de limitar o numero de concorrentes a um máximo de 20.

A classificação da prova desta manhã foi a seguinte:

1.º cap. Semedo de Albuquerque, no «Truxa»; 2.º cap. Craveiro Lopes, no «Granadeiro»; 3.º cap. Alvaro Sabbo, no «Rebeld»; 4.º maj. Henrique Calado, no «Martingil»; 5.º, cap. Neto de Almeida, no «St. Rodney»; 6.º, cap. Pereira de Almeida, no «Palpite» — todos com 0 pontos e 29,6 pontos para a classificação.

Nova central atómica

foi inaugurada em Espanha

ANDUJAR (Espanha), 13 — O generalissimo Franco inaugurou, hoje uma nova central atómica, que terá uma capacidade anual de produção superior a 60.000 toneladas de urânio.

A central — a mais moderna no género, existente em Espanha — ocupa uma área de 16 hectares. — (A. N. I.).

A Sociedade de Geografia e os acontecimentos de África

Sob a presidência do antigo ministro do Ultramar dr. José Silvestre Ferreira Bossa, reuniu-se, na Sociedade de Geografia, a respectiva Comissão Africana, sendo apreciados os acontecimentos que se têm desenrolado em vários pontos da África e as repercussões que os mesmos possam vir a ter nos territórios portugueses daquele continente.

segredo
alma do negócio!

EMPRESA PREDIAL NORTENHA
Há Protecção e valorização do s/ capital

COMPRA - VENDA
HIPOTECA DE
PROPRIEDADES

HIPOTECA
S/ AUTOMÓVEIS
SEGUROS

TRANSACÇÕES
RAPIDAS COLHAM
REFERÊNCIAS

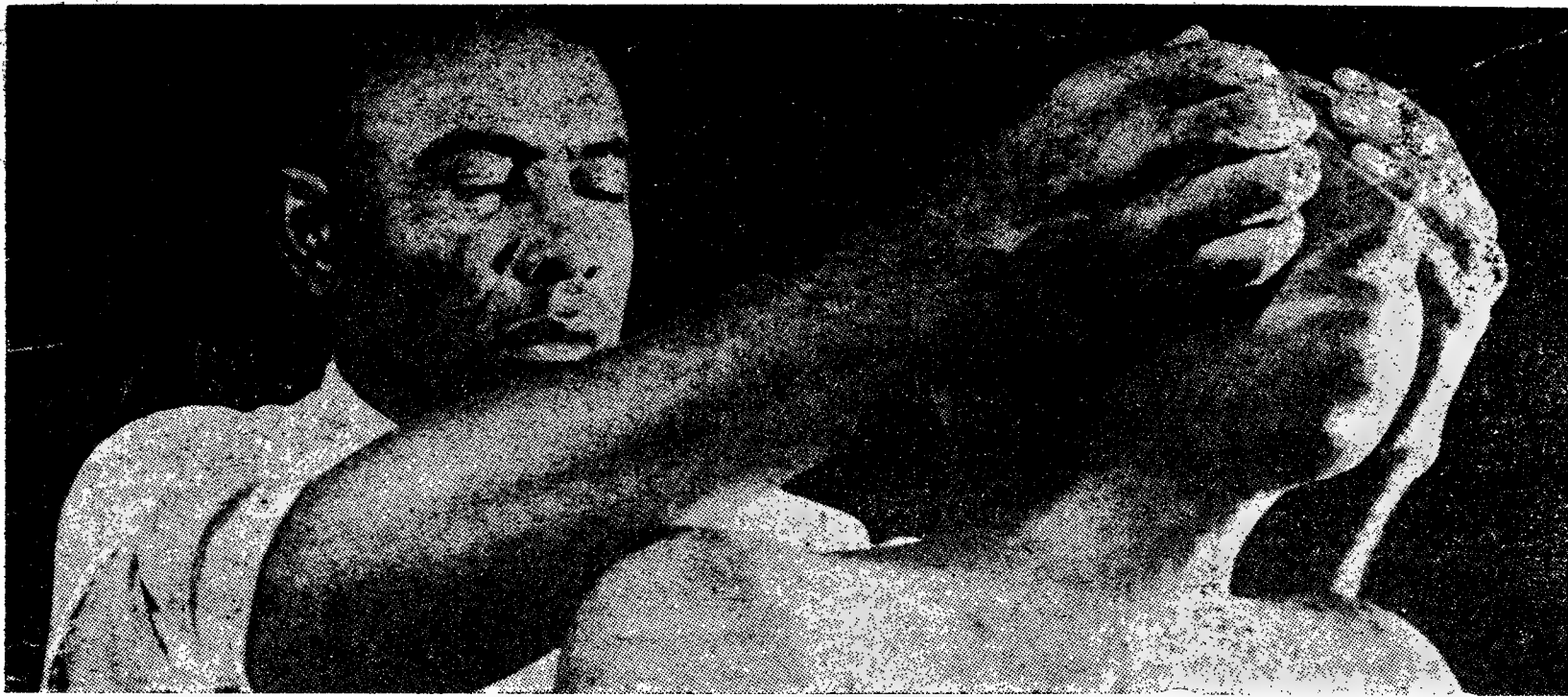
PORTO LISBOA

PRACA D. JOÃO I, 25-1. - TELFS. 26706-30181 * PRACA DA ALEGRIA, 58-2. - TELFS. 366812-366731

VA TODOS OS DIAS AO

Restaurante «Imperial» do Carregado

Prato da casa: «Enxopado de enguias»
Diferente de tudo
Telef. 21



O silêncio é de ouro?

O ESCRITOR Hemingway recebeu trinta mil dólares por um artigo de duas mil palavras, ou seja 15 dólares a palavra. O artigo conta a história de dois dos mais famosos toureiros da actualidade: Luís Domínguez e António Ordoñez.

840 contos por um artigo! 420 escudos a palavra! Acha o leitor que o silêncio ainda é de ouro?



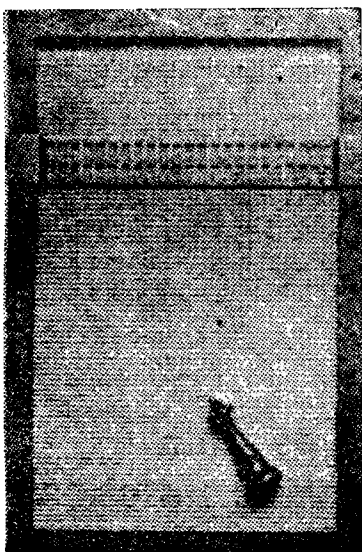
O vencedor das trevas transformou as mãos em olhos

magazine

No decurso da história dos homens são inúmeros os exemplos que mostram como os cegos são também capazes das mais variadas actividades. Basta lembrar que Homero e Demócrito eram cegos, como o eram também, Milton, Malaval, Saunderson, Eller Keller, o escultor de animais Luís Vidal, o erudito Pierre Villey e muitos outros.

Quis o acaso que o maior benemérito dos cegos, aquele que lhes proporcionou os instrumentos da sua libertação intelectual fosse, igualmente, um seu companheiro das trevas.

Luís Braille nasceu a 4 de Janeiro de 1809, há precisamente 150 anos, na pequena aldeia de Compvany, no Seine-e-Marne. A família vivia dificilmente do trabalho do pai, artesão de correeiro. A criança cresceu, normalmente, no meio das outras crianças da aldeia. Era viva, robusta, bem comportada, mas nada indicava que viesse um dia a fazer outra coisa diferente do pai. Tinha três anos quando ao brincar com uma serpente esta o feriu num olho. O acidente teve para a criança consequências trágicas, talvez por motivo da rusticidade do meio, mas sobretudo pelas insuficiências científicas, técnicas e sociais da medicina nessa época. A ferida infectou e a infecção atingiu o olho intacto e,



Tábua e punção para a escrita Braille

em resultado disso, a criança entrou definitivamente na noite perpétua. Julgada incapaz de participar nas

(Continua na 7.ª página)

Diário de Lisboa

NÚMERO 83

Diário de Lisboa

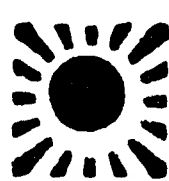
Duas histórias esquisitas

EM LOS ANGELES uma senhora pediu o divórcio porque o marido lhe pregou uma mentira.

O leitor calcula que deve ter sido uma grande perda. E tem razão. O marido garantira-lhe, com efeito, que ela era segunda mulher, quando, afinal, era a sétima. Ou há rigor estatístico ou então não, vale.

*

AO SABER a notícia de que a mulher tinha dado à luz dois gémeos, o sr. Wallace Evans, de Columbus, Ohio, perdeu os sentidos. As grandes alegrias e os grandes desgostos às vezes provocam os mesmos resultados.



REPORTAGEM DE MARROCOS



NAS TERRAS DO NORDESTE O drama das secas

por LLOYD THOMAS



A TERRÍVEL PROCISSÃO DOS RETIRANTES

Numa estrada quente do interior do Estado do Rio Grande do Norte, no «Nordeste» do Brasil, três camionetas com uma delegação de jornalistas e deputados marchavam em direcção às terras batidas pela seca. A entrada da cidade de Santa Cruz, a primeira camioneta parou junto a um homem estendido. Um dos ocupantes desceu, e levantou a cabeça do desgraçado:

—Que tens? Estás doente?

—Não. Tenho fome.

—Desde quando não comes?

—Nem sei! Ia beber água e senti-me mal no caminho. Mas deixem-me. Já chega de vergonha.

A camioneta continuou. Cinquenta quilómetros de deserto poeirento e pararam de novo diante duma

(Continua na 7.ª página)

E

STÁVAMOS na véspera da Aid el Kébir, a grande festa dos sacrifícios, na qual todas as famílias imolam um carneiro. Neste grande dia um curioso espectáculo reúne as portas da cidade os cavaleiros berberes e na praça vemos passar em louca alegria os árabes em «djellabas» listradas, negros do Suddo, homens do Souss, vestidos de azul que se reúnem à volta dos dançarinos e dos acrobatas. A sombra de grandes guarda-sois, os mercadores de bugigangas, chapéus, especiarias, ervas raras, filhos, etc., faziam os

seus melhores negócios do ano. Muito poucos europeus se misturam na festa, mas a nossa curiosidade não encontrou a menor hostilidade naqueles homens. Mais tarde, no terraço do Café França, tivemos nova oportunidade de observar este formigueiro humano na companhia de uma jovem professora do liceu de Marrakech, chegada a Marrakech em 1957.

É preciso amá-los para os compreender

—Já não se distingue aqui — diz-nos ela — as raças berbere, árabe, raças e costumes estão misturados. É verdade que esta gente é diferente de nós. Para os compreender é preciso, primeiramente

(Continua na página central)



VALENTIM HAÜY

o primeiro professor dos cegos e fundador do Instituto de Paris

O VENCEDOR DAS TREVAS

(Continuação da 1.ª página)

tarefas materiais, isolado das outras crianças, começa a passar o tempo numa pequena escola da aldeia. Revela-se um aluno inteligente e atento, de fácil compreensão, e aprende tudo quanto pode ser aprendido por audição. Em 1819 teve a sorte de ser nomeado aluno da Instituição Real de Jovens Cegos.

A criação desta escola — a primeira para crianças cegas — vem de 1784 e foi devida à iniciativa de Valentim Haüy. A sua fundação

inscreve-se no contexto ideológico e social do humanismo do século XVIII onde se associam o «homem sensível» e a «filosofia da luz» como dizia Diderot — (carta aos cegos).

Um dos méritos da Revolução Francesa foi ter tentado dar aos cegos o direito ao trabalho. A iniciativa de Valentim estava dentro dessa linha.

Quando em 1819 Luís Braille é nomeado aluno da instituição dos jovens cegos, a escola tinha já 35 anos de existência e bastantes provas dadas da sua eficiência sobretudo quanto ao ensino profissional. Luís Braille faz-se de novo notar pela sua inteligência e aplicação. Rapidamente chega a contramestre das oficinas. Graças às suas qualidades excepcionais, à clareza do seu pensamento, e à facilidade de expressão, ascende rapidamente a assistente e depois a professor.

A instituição propunha-se, além do ensino profissional, cuidar da cultura intelectual dos seus protegidos, mas lutava com grandes dificuldades em ensinar a ler e escrever. Desde 1550 que existia a ideia da leitura tátil mas, na prática, nada se tinha conseguido. Quando em 1771 Valentim reagiu humanamente contra os maus tratos e desprezo dado aos cegos experimentou vários processos de lhes ensinar a

ler. Mas os progressos eram muito lentos.

Braille avaliou devidamente todos os meios materiais que facilitavam a realização prática desse velho e belo sonho, mas, como cego, tinha por si uma vantagem: podia avaliar melhor também as suas falhas e onde estavam as maiores dificuldades. Desde os 12 anos que trabalhava pacientemente na procura dos sinais e estabelecia as mais indicadas distâncias para a percepção tátil da leitura, gastando nisso muitas noites. Pode dizer-se que aos 15 anos tinha conseguido o fundamental. Braille procura e consegue encontrar um sistema de sinais que permite aos cegos uma autêntica leitura que fala ao tocar, como o alfabeto fala à vista, incluindo todos os sinais úteis à expressão, pontuação, números, sinais aritméticos, etc.

De 1825 a 1837 aperfeiçoa o seu alfabeto e em 1829 tinha criado um sistema de notação musical, dando aos cegos mais um meio de trabalho de forma a libertarem-se da caridade pública.

A primeira obra em «Braille» foi impressa em 1837, mas só em 1854 é que o sistema foi oficialmente adoptado, em França. Nos outros países, a difusão fez-se lentamente. Em 1878, quarenta e um anos após a impressão da primeira obra, o Congresso Universal de Ajuda aos Cegos adoptou o «Braille» e a U. N. E. S. C. O. teve a honra de recomendar a sua generalização em 1950.

Mas também para os cegos, o saber ler e escrever não basta se não têm livros. A Associação Valentim Haüy, em França, fundou a Biblioteca Braille com 160.000 volumes de literatura, história e ciências e 25.000 obras e partituras musicais. Mesmo assim é muito pouco, mas é ainda menos nos países onde nada se faz sobre isso. É verdade que as modernas técnicas possibilitam agora aos cegos outros meios e fontes de cultura além do livro. Emissões de rádio e textos gravados podem



BRILLE

criador da escrita para cegos

fornecer-lhes um meio rico de cultura, mas da mesma maneira que para quem vê, estas técnicas auditivas não podem substituir o livro, do qual são complementos úteis.

Em 1952, cem anos depois da sua morte, as cinzas de Luís Braille foram transferidas para o Panteão — «Aos Grandes Homens, a Pátria Reconhecida».

A maioria dos que merecem a honra deste distico foram em vida homens muito conhecidos e falados. Braille. Não. Viveu uma vida discreta, simples, sem alarques, modesta, mas deixou uma obra que o fará viver gloriosamente na recordação dos homens. Encarnou a inteligência, a tenacidade e o amor pelos outros homens, aquilo que, afinal, verdadeiramente dignifica a espécie humana.

O foguetão não responde!

(Continuação da 8.ª página)

6,4 quilómetros por segundo. Vou aterrar em boas condições.

* * *

As pessoas saem da gare e dispersam-se rapidamente.

— Faz-me favor, onde é o Instituto de Astronáutica?

— Tome o metro até à estação de Tsiokovski.

— Onde fica isso?

— É a primeira vez que vem à capital?

— Não. Já cá tenho vindo. Mas há muito tempo. Em que ano estamos?

— Em que ano? Quer, realmente, saber o ano?

— Sim...

— 1989.

— Obrigado, é exactamente o que eu pensava.

Admirado, o rapaz olha aquele homem bizarro, vestido com uma combinação de voo azul. Encolhe os ombros, olha o relógio e afasta-se apressadamente.

Iline estava na Terra, desde algumas horas. O foguetão pousara perto da cidade, sobre um lago. No grande silêncio que se fez com a paragem dos reactores, Iline abriu a porta. Pensou que ia desfalecer quando o ar fresco da manhã lhe acariciou o rosto. Nadou até à margem e tomou o comboio para a cidade.

Sim, havia doze anos que tinha deixado a Terra. Para onde ir? Para casa procurar Julia? Não, primeiro para o Instituto. Com certeza que o tinham por morto. Depois de passados doze anos, outros teriam conseguido contornar Marte e até pousar em Vénus. O seu aparecimento ia causar surpresa. Sentou-se

num banco e meditou nos problemas destes doze anos passados assim.

Quando Iline chegou defronte do Instituto, a primeira coisa que viu foi uma estátua que o representava, a ele, André Iline, em fato espacial. Aproximou-se da placa e leu: «André Iline — Pioneiro do Cosmos — 1938-1977».

O sangue subiu-lhe à cara. Teve de fazer um esforço para não cair. Não o tinham esquecido.

Empurrou a porta da entrada, subiu ao primeiro andar. As portas ao longo do corredor tinham várias inscrições: «Professor de Astronavegação», «Laboratório de Física», «Técnica dos reactores atómicos», «Depois: Anfiteatro».

Havia agora, portanto, estudantes no Instituto e não apenas investigadores. Através de uma porta, a voz de um professor chegou aos seus ouvidos: «E' este o vosso primeiro dia no Instituto. Decidiste-vos consagrar os vossos esforços a este belo e nobre ramo de actividade humana que é a Astronáutica. No princípio deste curso quero evocar a memória dos pioneiros desta ciência ainda tão nova e em primeiro lugar a do meu antigo e querido colega André Iline, cujo nome glorifica este Instituto. Não me dispense de o evocar e sobretudo na presença da viúva desse herói: Julia Iline».

André empurrou docemente a porta e entrou. Os estudantes continuaram a fixar o professor que teve apenas alguns segundos de hesitação. Mas sobre o estrado uma mulher com o cabelo já semeado de fios de prata ergueu-se lentamente e gritou: «André!...».

A. SAVTCHENKO

Vicente da Câmara

O SINO

FACE I

AS CORDAS DE UMA GUITARRA — OUTONO

FACE II

O SINO — FADO DAS CALDAS

DISCO

«A VOZ DO DONO»

Vicente da Câmara que é bisneto de D. João da Câmara, o dramaturgo da «Rosa Enfeitada», e descendente de muita gente ilustre, não se limitou a herdar um nome: honrou-o com o seu talento e o seu esforço. Hoje Vicente da Câmara é um dos maiores nomes do fado e não há ninguém que, gostando do «rigoroso», o não conheça e admire. O seu estilo lembra o de Maria Teresa de Noronha, o que se explica pelo facto de, pertencendo à mesma família, terem tido a mesma escola. Que melhor elogio se lhe pode fazer do que ligar o seu nome ao da grande «Batê»? «A VOZ DO DONO», que se orgulha de ter lançado os primeiros discos de Vicente da Câmara, apresenta agora ao público mais um disco seu, desta vez em microgravação de 45 r. p. m.: «As cordas de uma guitarra», «Outono», «O sino» e «O fado das Caldas».

Neste disco o público encontrará, a par com criações de êxito já feito, como o célebre «Fado das Caldas» (lançado há anos pelo próprio Vicente da Câmara) novos fados que vão certamente conquistar grande vaga. Para isso não de concorrer o escrupulo na escolha das músicas e das letras, que incluem poemas de D. João da Câmara e Olavo Bilac, e as magníficas interpretações do excelente artista.



COMPANHIA
UNIÃO
FABRIL
LUA
DOS DOURADORES
140

CARPETES E ALCATIFAS

100% de lã pura



S maiores calamidades públicas da Idade Média foram a peste e a fome. Sem dúvida as epidemias e, em particular, a chamada Peste Negra, que matou, pelo menos, um quarto dos habitantes da Europa. As péssimas condições higiénicas e o grande atraso da medicina, muito concorreram para tão trágico resultado.

São idênticas todas as descrições. Por toda a parte a doença, a morte, o terror, o pânico... Mas as piores consequências foram ainda a completa bancarrota moral e a derrocada económica. Bocácio, cujo pai morreu na peste, sublinha — como o fizeram tantos outros escritores italianos — o abandono das vítimas pelos seus parentes e amigos: «...os cidadãos fugiam uns dos outros. Não mais os vizinhos se auxiliavam entre si, ninguém cuidava de saber dos membros de sua família. Os doentes ficavam ao abandono. O flagelo endurecia os corações ao ponto de o irmão abandonar sua irmã; o tio,

nantes eram passeados pelas ruas, a fim de que o seu hálito purificasse o ar corrompido. Acreditava-se que os maus cheiros tinham o condão de renovar o ar e, por conseguinte, instalavam-se chibos nos quartos de dormir. Um certo médico recomendava, como antídoto, «vento engarrafado», esquecendo-se de explicar como deveria proceder-se ao engarrafamento. Outro médico propunha a cada um que misturasse à sua própria urina algumas plantas aromáticas e dela bebesse um pouco todas as manhãs. Tuy de Chauillac, homem de vasta cultura para a época, indicava que quando o Sol se encontras-

bacteriologista japonês, o dr. Kitasato, isolaram um microbio nos bubões e no sangue de pessoas mortas de peste. Os dois sábios conseguiram cultivar o microbio e provocar a peste em ratos inoculados com essas culturas. Os ratos foram escolhidos por dois motivos: primeiro, porque esses nefastos roedores servem habitualmente para experiências de laboratório; depois, porque os sábios começavam a vislumbrar a correlação entre os ratos e as peste bubónica. Restava ainda saber como o mal passava do rato ao ser humano e foi um cientista francês, o dr. Simon, quem descobriu o papel das



Médico na Idade Média

Mas o caso desta epidemia é de tal modo esclarecedor sobre a ciência e os costumes da Idade Média, que convém tratá-lo com algum desenvolvimento.

Importada talvez da Ásia Central pelos navios genoveses, a peste atingiu a Itália em 1347 e a Europa Ocidental no ano seguinte. Demos porém a palavra ao monge franciscano Michel di Piazza, que nos descreverá como se deu o aparecimento do flagelo na Sicília:

«No princípio de Outubro do ano da graça de 1347, duas galeras pertencentes a genoveses, fugindo à cólera do Céu que eles haviam excitado com as suas acções celeradas, entraram no porto de Messina. Esses genoveses levavam consigo um mal tão virulento, que quem deles se aproximava logo era atingido por uma doença mortal... Sentia-se tomado de dores agudas, as forças abandonavam-no. Depressa aparecia, na coxa ou no alto do braço, um bubão da grossura de uma lentilha, que as pessoas simples chamavam «bubão de fogo». Esse abcesso infectava todo o corpo e nele penetrava a ponto do doente vomitar sangue com uma violência inaudita. Esses vômitos duravam três dias, porque não havia meio de os escapar. Então, o doente expirava. Logo que os habitantes de Messina descobriram que a morte subita provinha dos Genoveses, apressaram-se a expulsá-los do seu porto. Mas o mal continuou e foi causa de uma espantosa mortandade. Em breve os homens começaram a recar-se uns dos outros, a ponto que se um filho estava atacado pela doença seu pai se recusava a tratá-lo. Se, não obstante, ele ousava aproximar-se do doente, era imediatamente contaminado e não conseguia escapar à morte. Isso não era tudo: os seus, todos aqueles que habitavam em sua casa, e até mesmo os gatos e outros animais domésticos o seguiam na morte».

Michel di Piazza prossegue o seu relato contando que as vítimas da peste morriam sem receber os últimos sacramentos e sem ditar o seu testamento, nem pôr em ordem os seus negócios. O padre e o notário não ousavam aproximar-se deles... Quando o desastre atingiu o cumulo, os habitantes de Messina resolveram abandonar a cidade. Uma parte foi acampar nos vinhedos e nos campos; uma outra, esta mais numerosa, refugiou-se nas cidades vizinhas, e assim a peste foi alastrando inexoravelmente por toda a Itália.

seu sobrinho; a mulher, seu marido; pior ainda e quase incrível: os pais fugiam de seus próprios filhos».

A medicina medieval mostrava-se impotente perante a extensão dessa calamidade. As medidas profiláticas aconselhadas pelos médicos eram, além de inúteis, imensamente ridículas. Assim, a Faculdade de Paris indicava a dieta, especificando que «os alimentos frios, húmidos e aquosos» eram nocivos. Os médicos italianos, por sua vez, recomendavam a quietude de espírito: «Os pensamen-



tos do homem devem voltar-se unicamente para as coisas agradáveis... E' bom escutar belas melodias e desfrutar os prazeres da estação em companhia aprazível. A contemplação do ouro, do dinheiro e das pedras preciosas reconforta o coração». Interessantes conselhos que bem demonstram quais as pessoas que mereciam a atenção dos médicos, mas, mesmo para essas, profilaxia bem difícil de seguir em circunstâncias de tal modo penosas.

Usaram-se também os mais estranhos processos para «purificar» a atmosfera. Bolos de leite fresco eram colocados pelos cantos das habitações. Punha-se pão ainda quente sobre os lábios dos moribundos, na esperança de reabsorver «os venenos da doença». Rebanhos de rumi-

se sob o signo do Leão, não estando a Lua orientada para Saturno, se colocasse uma cinta de pele de leão com um focinho do mesmo animal, cinzelado o mais fielmente possível, em ouro puro. A desorientação era completa. Não há dúvida que a peste, tal como a guerra, é uma dura prova que faz vir à superfície o melhor e o pior do homem. Quase sempre o pior. A maioria do povo, abandonado à sua triste sorte, buscava o lenitivo nas mais baixas superstições. Um dos métodos escolhidos para apaziguar a ira do céu, foi o massacre de Judeus. Na Borgonha, mataram cerca de cinquenta mil; na Baviera, doze mil; em Erfurt, três mil; em Strasburgo, queimaram dois mil; e assim por diante. O Papa protestou contra esses insensatos «progrms», mas o medo da morte mostrava-se insuperável.

Sómente em Itália, particularmente na Calábria, as autoridades criaram um sistema que, embora cruel, se mostrou de grande eficiência. Os pestíferos foram retirados da cidade e levados para os campos. Para aí morrerem ou sararem. Os que com eles haviam tido contacto, ficavam encerrados durante dez dias. Todos os cidadãos eram obrigados a denunciar os doentes, sob pena de serem queimados.

Quando se pensa que a peste bubónica é transmitida pelas pulgas dos ratos, que o tratamento médico da época era absolutamente inadequado e que a imundície das cidades medievais ajudava a difusão do mal, estas ordens, não obstante a sua dureza, têm de ser consideradas excelentes.

A república de Regusa instituiu igualmente um sistema que se mostrou de enorme utilidade e ainda hoje subsiste. Um desembarcadouro foi construído a boa distância da cidade e do seu porto. Os viajantes recebiam ordem para desembarcar nesse porto e aí esperar durante um período de quarenta dias. A palavra «quarentena», quarentena, é uma reliquia das proficientes medidas sanitárias adoptadas nessa altura pela pequena república da costa oriental do Adriático.

Ainda só decorreram sessenta e seis anos sobre a data em que um médico francês, o dr. Alexandre Yersin, discípulo de Pasteur, e um

pulgas na propagação do contágio.

Mas o mais curioso é que já alguns autores da Antiguidade tinham suspeitado da estreita correlação entre a peste e os ratos. Os antigos egípcios representavam o seu deus da peste, Phtah, com ratos na mão. Os antigos mestres hindus haviam sido ainda mais explícitos, prevenindo na obrigação de abandonar as habitações logo que fossem vistos cadáveres de ratos nas proximidades. Existe também um ditado da velha literatura chinesa, segundo o qual: «poucos dias após a morte dos ratos, os homens morrem como os muros desabam». Não há dúvida que durante a Idade Média se perdeu muito da sabedoria das antigas civilizações.

A Peste Negra matou, segundo Hecker, vinte e cinco milhões de europeus. Os documentos chineses registam, por sua vez, o perecimento de treze milhões de pessoas. Foi ela um cataclismo que andou mais perto de extinguir a Humanidade do

UMA DESCOBERTA SENSACIONAL NO CAMPO DA OPTICA

— O receio de uma queda, o perigo de uma pancada, a contrariedade do embaciamento e o incómodo do peso superfluo — eis um conjunto de preocupações comuns a todos que têm necessidade de usar óculos. Mas, nos tempos presentes da idade da ciência e da técnica, qual é, para o homem, a dificuldade intrinsecamente? Vivemos, decididamente, numa grande época de progresso humano, progresso que se expande, rapidamente, desde os grandes centros á mais atrasada das aldeias.

— A inteligência humana, vai pondo ao serviço do homem, da sua segurança e comodidade tudo quanto a técnica moderna lhe permite; e, nesse sentido, fazem-se verdadeiros milagres. Por outro lado, o progresso dos meios de comunicação e de divulgação leva a toda a parte essas maravilhosas conquistas.

— Foi um extraordinário feito o que, neste momento, foi conseguido no campo da óptica: uma firma francesa, a «Société d'Optique TELEGIC», mundialmente conhecida, por intermédio da sua co-associada L. O. S., acaba de lançar no mercado nacional, e de pôr, portanto, ao alcance de todos os Portugueses, uma grande inovação — as lentes orgânicas ORMA 1000.

— Trata-se de uma autentica criação científica, fruto de investigações orientadas no sentido de conseguir a lente ideal. E trata-se também de um grande privilégio obtido para o nosso País, sabido que, além da França, país de origem, só ainda na Inglaterra essas maravilhosas lentes se encontram á venda.

— De facto, em resultado do êxito alcançado nestes mercados, não tem sido possível á TELEGIC atender vários pedidos, entre os quais se encontram os de importantes firmas, americanas e alemãs que esperam, ansiosamente, o momento de as poder difundir nos seus respectivos países.

— As lentes ORMA 1000 apresentam características altamente científicas. São feitas de matéria orgânica que não quebra, não estilhaça e não embacia, são extremamente leves e rigorosamente pontuais. De todas as matérias orgânicas conhecidas até hoje o ORMA 1000 é aquele que realiza o melhor equilíbrio entre as diferentes qualidades que se devem exigir de umas lentes oftalmológicas para o maior benefício possível de quem as usar. A sua descoberta e realização marcam uma importante etapa na investigação científica da óptica.

As suas propriedades essenciais são:

- 1 — Qualidades ópticas que permitem uma rigorosa execução das receitas médicas.
- 2 — Extrema leveza, proporcionando extraordinário conforto a quem as usar.
- 3 — Resistência ao choque, o que permite obter a maior margem possível de segurança.
- 4 — Rigidez absoluta, mantendo inalterável a regularidade das superfícies.
- 5 — Transparência completa e constante em qualquer tempo e ambiente.

No estado actual dos nossos conhecimentos julgava-se impossível obter uma lente que reunisse, ao mesmo tempo, todas essas qualidades no seu mais alto grau. Pois a ciência conseguiu-o com as lentes ORMA 1000 que, felizmente para nós e por um notável esforço comercial, se encontram já á venda em todas as boas casas da especialidade.

Todo aquele que tem necessidade de usar óculos sabe, por experiência, quais as grandes vantagens de usar umas lentes que se não estilhaçam, que não embaciam, que resistam aos choques, aos ácidos, á acetona, aos efeitos das soldagens de autogénio e eléctricas, e, até mesmo, ás fagulhas dos metais em fusão.

A descoberta das lentes ORMA 1000 corresponde, efectivamente a um grande avanço do nosso tempo e o seu uso actualiza-nos, da mesma forma que coloca nas nossas mãos os mais modernos e eficientes meios de defesa do mais precioso e mais sensível que temos: A LUZ DOS NOSSOS OLHOS.

(Documentação S. O. L. F. Lisboa).

Temas pedagógicos

Normalmente, a timidez não tratada, isto é não combatida, corre o risco de se tornar um complexo de inferioridade. Uma idade vem em que quase toda a criança se mostra tímida, principalmente entre as raparigas. Muitas vezes, os pais nem se dão conta da transformação da sua filha; não lhe adivinham o tique-taque assustado do seu pequeno coração muitas vezes amargurado; nem percebem as suas frequentes hesitações, os seus mutismos diante de estranhos; a sua recusa em fazer visitas, mesmo quando essas visitas são feitas a parentes muito próximos onde, há bem pouco tempo, ela delirava ir; nem compreendem aqueles subitos rubores quando se lhe dirigem.

Esta incompreensão dos pais, faz com que, muitas vezes, os jovens se sintam melhores com o seu grupo do que com a família sentem-se mais á vontade, não ouvem muitas vezes essa frase odiosa «minha filha é muito tímida...» frase que corroi como uma chaga, porque ninguém supõe a luta que a filha trava consigo própria para se vencer, para esconder o rubor intempestivo que vem sempre a despropósito. Muitas vezes, a criança, á força de ouvir esta frase de desculpa, torna-se realmente tímida, se o não é; e fecha-se ainda mais, se

a timidez é o seu defeito, contra o qual tenta, em vão, lutar.

Por volta dos dez anos começa a revelar-se o dom pelas relações sociais, das criações artísticas; nesta idade, o jovem dá já a ideia do homem ou da mulher que virá a ser. Pode dar provas duma natu-

mente, este é um meio de proteger a sociedade da delinquência juvenil. Delinquência, muitas vezes originada na timidez — uma fuga para ela, uma reacção contra a incompreensão dos adultos. Um pequeno nada pode desencadear esta onda de timidez que, a não ser

Combata a timidez da sua filha

por MARIA HELENA DA COSTA DIAS

reza boa, dum procedimento nobre, de aptidões agentes em todos os domínios, de intuição nas relações sociais e duma vasta gama de traços de carácter que podem prognosticar a sua vocação e a carreira futuras. Na organização das relações sociais, a criança pode já dar provas de habilidade e de sentido de justiça que deixam presagiar aptidões de comando. Mas há que favorecer naturalmente, todas as aptidões da criança, se são boas; porque deste modo, os pais reforçam o respeito próprio e a confiança em si, elementos de primordial importância para que a criança possa fazer frente ás exigências perturbadoras da adolescência. Social-

combatida se transformará, num complexo de inferioridade, mais difícil de combater então. Este pequeno nada é, ás vezes, uns dentes menos certos, um nariz que se julga um pouco grande, uns cabelos escorridos, um peito demasiadamente desenvolvido, etc. Pequenos nada para os quais os adultos chamam muitas vezes a atenção, erradamente. A criança julga-se defeituosa, um aborto, todos os olhares estranhos se lhe cravam, com desaprovação ou troça no seu «ponto fraco». Ninguém vê, no seu rosto, senão aquele enorme nariz, aqueles dentes mal implantados ou os seios

(Continuação da 3.ª página)

REPORTAGEM DE MARROCOS

Qual é
o vosso consumo
de papel?

(Continuação da 1.ª página)

amá-los. É o que eu faço com os meus alunos. Na sua maior parte estão extremamente ávidos de aprender. A sua curiosidade das coisas do Ocidente é insaciável, mas ao mesmo tempo, são orgulhosos das suas tradições nacionais. É mesmo quando não praticam a sua religião — o que é frequente entre os jovens — todos se reúnem com as famílias em festas como a do Aid el Kébir.

Como está organizado o ensino marroquino?

— Há de um lado as escolas do Estado, onde o ensino é dado nas duas línguas: francês e árabe. O programa é o mesmo dos liceus e depois o bacharelato. Existem ainda as escolas particulares, criadas há doze anos, onde a língua base é o árabe, com o francês como primeira língua obrigatória. Há ainda escolas da Missão cultural francesa, onde os alunos só têm algumas horas de árabe por semana. Todos estes estabelecimentos de ensino serão entregues ao Governo marroquino em 1960 e 1961. Em todas as cidades se instalam escolas primárias, mas faltam quadros e os professores franceses continuam a ser chamados. Bastantes jovens árabes escolhem o professorado.

— Que os virão substituir — dissemos.

— Sem dúvida. Mas isso é a lógica das coisas, quer aqui, quer em África. O que precisamos é ajudá-los nessa transformação e ganhar a sua amizade.

A beleza de Mekné

Um poeta árabe Ibn Elkhatib, disse:

«A beleza está em Mekné; ramos de rosas brancas abrem-se nos vales, as suas pétalas florescem no meio da folhagem...»

A região de Mekné impressiona, realmente, porque as estradas são orladas de flores e de campos de vinha. Vastos jardins com rumorosas cascatas em maciços de flores e de plantas exóticas, oferecem ao viajante um espectáculo delicioso.

Foi nesta terra que se estabeleceram no século X as tribos berberes, atraídas pela fertilidade do solo. Foi também aqui que o sul-

tao Moulay Ismaél, a um tempo, assassino e grande construtor, edificou no século XVII uma cidade

«capaz de rivalizar com Versailles». Admirava Luís XIV, trocava com ele magníficos presentes e diz-se

Ciências e Técnicas da semana

TEMPO É DINHEIRO

Existe um relógio americano que bate 24 bilhões de vezes por segundo e não se desvia mais de um segundo em cada milhar de anos. Pensa-se utilizá-lo para novas verificações experimentais da teoria da Relatividade.

A ATMOSFERA DE VÊNUS

A estrela de primeira grandeza «Regulus» foi eclipsada durante

nove minutos pelo planeta Vénus. As observações deste fenómeno celeste (que se produziu pela primeira vez após mil anos), permitiram confirmar a opinião de que existe uma atmosfera rodeando este planeta.

O PASSADO DO SAHARA

A nova missão de M. Lhote no maciço de Tassili-des-Adjers, descobriu gravuras pré-históricas ainda mais numerosas e mais interes-

santes que as que foram encontradas há já alguns anos.

ENFERMEIRO-ROBOT

Os serviços de saúde da Marinha americana experimentaram uma máquina de injeções sub-cutâneas, capaz de injectar em série jovens soldados.

EXPEDIÇÃO À AMAZÓNIA

Para repor as serpentes venenosas da colecção do Museu de Budapeste, destruídas pelos acontecimentos de Outubro de 1956, uma expedição científica húngara percorre a selva brasileira com um apetrechamento especial do qual se distingue uma máquina eléctrica que atordoa a distancia peixes e répteis.

NOVO SATÉLITE ARTIFICIAL

O satélite artificial «Saturne», cujo lançamento está previsto para 1960, segundo anunciou o Departamento da Defesa norte-americano, permanecerá fixo sobre um ponto situado sobre o Equador. Este departamento não fez segredo dos fins puramente militares do «Saturne».

DESCOBERTA DE UM FAROL ROMANO

Perto do moderno farol de Cherchell, na Argélia, foi encontrada uma construção octogonal de dois metros de altura que se supõe ser o derradeiro vestígio do velho farol de Cesarée, que parece ter sido edificado pelo mesmo modelo que o famoso farol de Alexandria.

O falso e o verdadeiro



Suzanne Valadon

Pintora e mãe do pintor, Utrillo, Suzanne Valadon, morreu em 1938 com 71 anos. Eila, vista por Renoir. A falsa é Renée Cosima no filme «Utrillo» interpretando o papel daquela notável mulher. A semelhança existe.

que quis mesmo casar com a filha do Rei-Sol e de Melle de la Valiere, a princesa de Conti.

Um grande problema — a Terra

O casal que nos conduz a Meknes e nos mostra Bab e Marurour, — a mais bela porta de cidade que temos visto — é franco-marroquino. O marido é um contabilista marroquino, de face tisonada, traços regulares e olhos de carvão; sua mulher é uma loira de tez leitosa que o sol de Marrocos não chegará nunca a queimar. Com eles trabalhamos conhecimento com um professor de Mazagan e um camponês, colosso de largas espáduas, de andar harmonioso, que apenas deixa a sua região para fazer compras aos domingos. Fala bem o francês, instruiu-se ele próprio, lenta e pacientemente, e tem ideias concretas sobre o futuro do seu país.

— As pessoas do interior — disse-nos ele — não sabem ainda ler na sua maior parte, mas já recebem muito correio e ouvem o rádio. Estão entre os primeiros a defender a independência e dizem que o principal é fazer alguma coisa pela propriedade rural. De cerca de 5 milhões de hectares de terreno, 1 milhão pertence aos colonos franceses e às grandes famílias marroquinas. Os feudais têm 2 milhões (dos quais não cultivam mais que a décima parte). Os bens dos traidores como Glaoui, de triste memória, foram sequestrados, mas é pouca terra para tanto camponês sem ela...»

E os Franceses?

— O rei Hohamed V é muito popular. É verdade, que o grande partido nacional do Istiqlal se fraccionou em dois mas isso não atrasou a evolução social de Marrocos. A grande força continua a ser a União dos Trabalhadores Marroquinos apoiada por todos os grupos políticos. Julgo que todos os Marroquinos desejam a monarquia constitucional. Quanto aos Franceses, fora os Ultras que constituíram a «Presença Francesa», os restantes inclinam-se a uma colaboração leal com o Estado marroquino.

Marrocos quer continuar a ser amigo da França

Por tudo quanto vimos em Marrocos é verdade que muitos franceses de boa vontade, médicos e professores, realizaram ali uma notável obra de progresso. Das escolas e universidades francesas saem Marroquinos que continuam as leituras de Corneille, Voltaire, Victor Hugo e uma verdadeira corrente espiritual se estabelece entre a França — a França do espírito — e estas terras ao mesmo tempo próximas e distantes.

Hoje a libertação de Marrocos, há tanto tempo esperada é um facto. Isto permite que continue amigo da França e os dois povos poderão assim viver, de ambos os lados da costa, diferentes mas amigos «como a tamara e a oliveira, com a vinha e a palmeira».

O consumo do papel é uma das grandes coisas que mais progride no Mundo. Calcula-se que tivesse duplicado em menos de vinte anos passando de 28 milhões de toneladas em 1938 para 56 milhões em 1955. Por papel entende-se tanto o papel de cartas como o papelão destinado às embalagens e o papel de jornal.

Há uma correlação muito próxima entre o nível de vida dum povo e o seu consumo de papel. Assim, por exemplo, nos Estados Unidos onde o rendimento nacional médio por habitante se eleva a 2146 dólares, o consumo de papel por habitante é de 182 quilos por ano. Na Europa ocidental, os números são de 646 dólares e 43 quilos; na América latina, 237 dólares e 9 quilos, em África, 150 dólares e 5 quilos; no Sudoeste asiático, 80 dólares e 0,5 quilo.

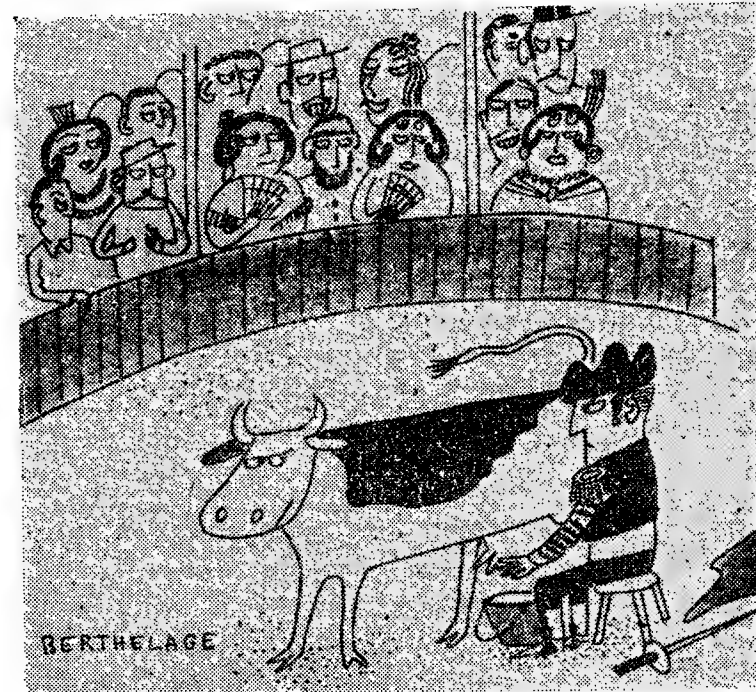
No que diz respeito ao papel jornal as diferenças são consideráveis, pois vão de 24 gramas por ano em Oubangui (África) a 34 quilos nos Estados Unidos. Lê-se 5 vezes mais na Dinamarca que na Itália ou no Brasil e menos três vezes que nos Estados Unidos. A palavra «leitura» é evidentemente tomada no sentido mais largo, porque o papel «cultural» serve tanto para divulgação de artigos científicos como para os «comics».

As diferenças são menos espectaculares para o papel industrial e cartonagens, mas ainda substancial: 3 quilos por pessoa e por ano em África, para 115 quilos em América do Norte.

Uma única bomba...

«Uma grande bomba nuclear, do tipo mais potente que explodiu até hoje, é uma bomba cuja energia total atinge 20 milhões de toneladas. Uma tal bomba possui sete vezes o poder de explosão de «todos» os explosivos utilizados durante «toda» a segunda grande guerra mundial. No decurso dessa guerra um raid efectuado sobre uma cidade por 1000 aviões, lançando cada um deles 4 bombas duma tonelada era considerado como um ataque de grande envergadura. Se um tal ataque tivesse lugar todas as noites durante 14 anos, o total da energia explosiva libertada seria equivalente à soma de energia devida à explosão duma única bomba de 20 milhões de toneladas».

Foram estas as palavras, difíceis de esquecer, do prof. Linus Pauling, Prémio Nobel da Química 1954, pronunciadas em Hiroshima, na V Conferência Mundial Contra as Bombas A e H.



Reunidas cula a que vista de apresentada Paris, três tista rodado «Uma vida dadas» e «

Num sal apresentou Hollywood, nia onde «tações de l tes de rece valeiros d leo, o cine náutica... sarami o S ranjais e bricas e culpados».

O tema mo toda pedras br nema, é c O prime pobre ho emprego q cãozito vi sorte,

Uma c drões é c pelo cã Charlot s miséria. O segun passa-se

tempo — se conhe das, as b

xiantes. a bomba h a m tempo».

O film tempo: dada, o bre hom outros: nem eno á temer luntário rigosas. odioso g prio o a nhedidos to mal Finalm senta-no balhos

é
do

das gran-
do Mundo.
o em me-
e 28 mi-
ra 56 mi-
entende-se
o papelão
papel de

próxima
o e o seu
exemplo
ndimento
se eleva
de papel
por ano.
poros são
América
em Afri-
Sudoeste

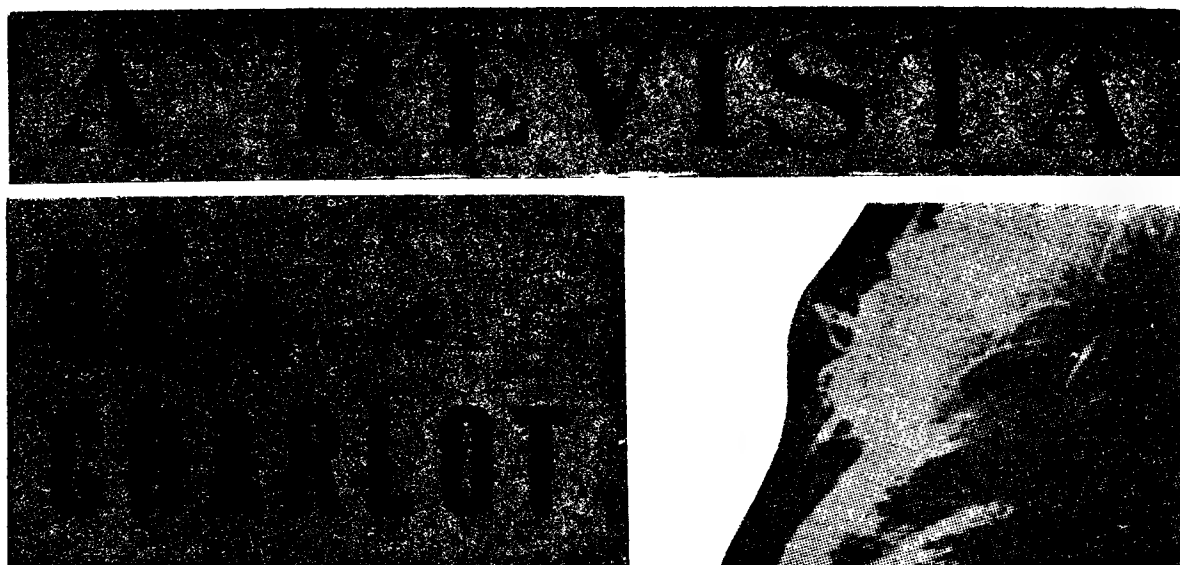
pel jornal
pois que
n Ouban-
Estados
na Dina-
asil e me-
Unidos.
mente to-
porque o
para di-
os como

pectacula-
cartona-
3 quilos
rica, para
sorte.

ca

r, do tipo
é hoje, é
tal atinge
tal bom-
de explo-
utilizados
nde guer-
ssa guerra
cidade por
m deles 4
considera-
nde enver-
esse lugar
nos, o te-
terrada se-
nergia de-
bomba de

diffíceis de
aling, Pré-
t, pronun-
Conferên-
as A e H.



bre a fronteira, um pé em cada
território...

São três temas de uma grande
simplicidade mas que há quaren-

um erro judiciário. Consegue eva-
dir-se, veste-se de pastor e ei-lo no
meio dos fiéis, celebrando ofício,
contando a sua história de David
e Golias.

Mas um dia o falso pastor é
desmascarado. Tem, contudo tem-
po de restituir á família que o al-



bergava uma soma importante
roubada pelo seu antigo cúmplice.
A autoridade em vez de o levar á

ta anos fazem rir gerações e ge-
rações de seres humanos no Mun-
do inteiro. Para estes filmes com-
pôs Chaplin duas horas de boa
musica e os aplausos que recebe-
ram — segundo os jornais de Pa-
ris —, provam que não envelhe-
ceram, e que, pelo contrário, con-
tinuam a ter uma grande actuali-
dade. «Charlot soldado» é uma no-
tável e benéfica critica contra a
guerra; «Uma vida de cão» toma
partido ao lado dos humildes, dos
esfomeados, os sem eira nem beira,
e exprime o sonho de todos os
pobres homens como ele de en-
contrar em toda a parte a garan-
tia do futuro.

Finalmente «O Peregrino» é um
grito contra os rigores e os exces-
sos e leva-nos a pensar no próprio
Chaplin obrigado também a pro-
curar a paz e o descanso noutras
terras.

Que pena a excelente ideia dos
organizadores da «Revista de
Charlot» não tenha em Lisboa o
Porto quem a possa levar á prá-
tica num grande cinema para to-
do o publico.

A lição de Charlot, e de toda a
sua humaníssima obra, aproveita
sempre a todos e em qualquer me-
ridiano da Terra.



tempo» — esclarece Chaplin — «só
se conheciam ainda as espingar-
das, as baionetas e os gases asfi-

prisão põe-no na fronteira onde
julga encontrar finalmente a li-
berdade. Então á sua volta estoi-
ram tiros provando que a paz é
diffícil de encontrar e Charlot foge
a cavalo, e procura caminhar so-



xiantes. Os engenhos teleguiados,
a bomba atómica ainda não ti-
nham aparecido. Era o bom
tempo».

O filme mostra-nos esse «bom
tempo»: a lama da trincheira inun-
dada, o ataque á baioneta. O po-
bre homem é mais infeliz que os
outros: não recebe nem cartas
nem encomendas. E' corajoso até
á temeridade; oferece-se como vo-
luntário para as missões mais pe-
rigosas. Consegue aprisionar um
odioso general alemão e, ele pró-
prio o açoitá sob os olhares reco-
nhcidos dos soldados a quem tan-
to mal proporcionara.

Finalmente «O Peregrino» apre-
sentamos Charlot condenado a tra-
balhos forçados em resultado de



A MELHOR HERANÇA É A SAUDADE



As testemunhas que longamente de- puseram sobre a actividade de Joana d'Arc desde as primeiras falas com o Delfim, em Chinon, até à hora fatal de Compiègne, foram unânimes em con- fessar o seu espanto acerca da riqueza de carácter de Donzela. Simples e modestíssima no trato quotidiano, tinha, quando se falava da sua missão, uma confiança tão forte e serena que aba- lava os que a ouviam. Depois, nos du- ros mistérios da guerra e do comando nas frentes de batalha, parecia nunca ter feito outra coisa em dias da sua vida. Maravilhavam-se os mais experi- mentados guerreiros: e todos, chefes ou meros piões, a seguiam com uma certeza cega. Vinham os teólogos analisar a ro- bustez da sua crença; e abismavam-se ante uma ciência simples, mas profunda que os desarmava. Passados mais de

vinte anos sobre a morte de Joana to- dos se juntam no tribunal que a reabi- litará para compor, recordação atrás de recordação, o seu retrato de menina ex- ceptional.

Raul de Gaucourt, grande camareiro do rei, diz:

«...Estava presente no castelo e cida- de de Chinon quando a Donzela che- gou, e vi-a quando esta pobre pasto- rinha se apresentou diante da Majestade real, com grande humildade e simpli- cidade; e ouvi-lhe as seguintes pala- vras que ela disse ao rei: «Mui nobre senhor delfim, vim e sou enviada por Deus para vos auxiliar e ao vosso rei- no».

O soberano desconfiava. No fundo o «rei de Bruges» ainda possuía força para duvidar dum auxílio que se lhe oferecia em frases simples, sem retórica nem la-

tim. Mandou-a guardar por Guilherme Bellier, fidalgo da sua casa, e ordenou que doutores e clérigos a sujeitassem a apertadas provas até se apurar a fé que mereciam as suas palavras. Durante mais de três semanas se encarnicaram á sua volta os teólogos, em Chinon e Poitiers; mas voltaram sempre com as mãos vazias de evidências heréticas. En-

tão perguntaram-lhe que sinais abonava para que alguém acreditasse nas suas propostas. Esperavam talvez que Joa- na lhes falasse numa fiação divina; a Donzela, porém, respondeu-lhes com uma boa razão de camponesa: «os si- nais que mostrarei serão o levantamento do cerco de Orléans e o socorro que levarei a esta cidade».

Na essência, fora este o depoimento de Raul de Gaucourt. O escudeiro Go- berto Thibault, ouvido a seguir, trouxe pormenores curiosos acerca das respos- tas de Joana aos teólogos. Estivera pre- sente no primeiro interrogatório a que os mestres de teologia Pedro de Versal- lhes, então abade de Talmont, e João Erault a sujeitaram.

Ao chegarem, Joana acercou-se deles e ouvindo de Pedro de Versalhes que o monarca os enviara para a interro- gar, a Donzela disse:

—Acredito bem que vistes para me interrogardes.

E acrescentou, humildemente:

—Eu não sei nem «a» nem «b».

Então perguntaram-lhe porque viera

até junto do delfim. E ela declarou:

—Vim da parte do Rei dos céus para levantar o cerco de Orléans e conduzir, a Reims, el-rei; a fim de que seja co- roado e sagrado.

Depois rogou que lhe trouxessem pa-

pel e tinta e que escrevessem as pala- vras que ia ditar:

«Vós, Suffort (Suffolk), classidas (Glansdale) e La Poule (John Pole), sabeí que vos conjuro, em nome do Rei dos céus, que partais para In- glaterra».

O célebre general Dunois trouxe ao tribunal, entre muitos outros, um teste- munho curiosíssimo sobre o tacto polí- tico de Joana. Depois das primeiras grandes vitórias, os nobres de linhagem real e os capitães quiseram que a cam- panha prosseguisse em direcção da Nor- mandia e não de Reims, onde a jovem camponesa prometera coroar o monar- ca. Os nobres queriam ensejos para bri- lhar em feitos de armas e enriquecer com os saques, mas Joana não recuou nem um passo nos seus projectos: era a Reims que importava chegar; era em Reims que se faria a cerimónia da co- coação e sagração real. Porquê?

A Donzela odiava a guerra com todo o seu nojo de pacífica mulher do cam- po; mas no seu juízo não intervinha

apenas essa razão: a menina que não sabia o «a, b, c» tinha um profundo senso político: uma vez que o sobera- no fosse coroado e sagrado, a força dos adversários não mais cessaria de dimi- nuir.

Esta mesma funda sabedoria se reve- lará nas horas sombrias da prisão, dos interrogatórios e das intimidações. Se- gundo uma das testemunhas, João Fa- bri, massacravam-na com longos inter- rogatórios que duravam de duas a três horas.

«Lembro-me — acrescentou — que uma vez, no decorrer do processo, en- quanto Joana era examinada acerca das suas aparições e lhe liam um artigo contendo as suas respostas, pareceu-me que estas haviam sido mal registadas e que ela não respondera assim; disse

então a Joaninha que estivesse atenta. Ela pediu aos escrivães que lhe lessem de novo; e, feito isso, ela disse aos escrivães que tinha afirmado o contrá- rio do que eles haviam escrito; e esta resposta foi corrigida».

Mas não ficavam por aqui as tortuo- sidades policiais dos interrogatórios. João Massim contou o seguinte:

«Quando interrogavam Joana, havia seis assessores com os juizes que lhe fa- ziam perguntas e, ás vezes, na altura em que um a interrogava ou ela res- pondia á sua pergunta, outro vinha in- terrumpê-la na resposta, de tal forma que, em muitas ocasiões, ela dizia aos inquiridores: «Excelentes senhores, falai um de cada vez...»

Lembro-me bem que na maioria das vezes faziam a Joana vários interroga- tórios ao mesmo tempo, fazendo-lhe perguntas difíceis, e antes que pudesse responder a uma, outro inquiridor fa- zia-lhe nova, pelo que, descontente, ela dizia: «Falai um de cada vez». Eu es- pantava-me por ver como ela respondia a interrogações subtis e capciosas que lhe eram feitas, e ás quais um homem letrado teria dificuldade em responder. O exame durava geralmente oito a dez horas».

Guilherme Manchon confirmou nos seus depoimentos os testemunhos que acabamos de ler e acrescentou que

«ela respondia prudentemente e ti- nha óptima memória, porque mui- tas vezes dizia: «Já noutra altura respondi a essa matéria»; ou «Pe- ço o testemunho do padre» — e apontava para mim».

Interrogatórios policiais, processos de intimidação, violências contra o seu pu- dor, nada conseguiram a Donzela cumprir até ao fim a sua missão. A memória da sua integridade moral e in- tellectual, do seu invencível destemor, da sua fidelidade á causa que defendia — é um exemplo que atravessa os sé- culos e se impõe aos homens como pa- drão de firmeza que nenhum terror do Mundo conseguiu abalar.

Temas pedagógicos

(Continua na 6.ª página)

desmedidos. E a vida torna-se pe- nosa, terrivelmente penosa; o jo- vem isola-se, tenta corrigir os «de- feitos» da natureza, compara-se com os outros jovens que, todos pa- recem tão belos e perfeitos!...

Cabe ao adulto corrigir, pacien- temente, este estado mórbido, fa- zendo notar que a beleza reside no conjunto e não no detalhe, que a beleza moral supera a beleza física passageira e frágil e que as pessoas têm mais que fazer do que reparar nos «defeitos» de cada um que, em geral, só existem numa imagina- ção fértil.

Muitas vezes, os sucessos dos ou- tros irmãos podem tornar uma criança tímida e inferior. Mostre- mos-lhe, portanto, que também ela deverá ter a «sua» aptidão; apti- dão que ajudaremos a desenvolver, mesmo quando a criança julga que a «sua» aptidão é ridícula em pre- sença da dos camaradas. Mas por muito ridícula que seja qualquer actividade ela pode, quase sempre, tornar-se proveitosa, desde que sa- bamos tirar-lhe todo o ridículo.

As raparigas têm mais tendência para sofrer este mal de timidez do que os rapazes; também têm mais consciência das suas relações so- ciais, das suas próprias pessoas, do vestuário da aparência. Passam lon- gos momentos a arranjar o cabelo, a mirar-se ao espelho sem que isso signifique futilidade ou defeito pior ainda. A compreensão para estes fenómenos é, pois, de capital impor- tância para o harmonioso desenvol- vimento da criança que, só por si é pesado e difícil. Para que criar novos problemas, tragédias sem sentido... se tudo voltará á sua normalidade? O que sim, pode não voltar á normalidade e aquilo que é incompreensão ou incultura do adulto pode cavar na alma da crian- ça.

A timidez é um mal de difícil cura, por muita vontade que a criança tenha de se desvencilhar dela. Ela repete, sem cessar: «vou ser diferente!» «Quero ir aqui ou ali» «Quero pertencer a este ou áquele grupo»... e no momento pre- ciso, adeus, resoluções! A pobre rapariga já nem sabe o que quer, quer é que a não vejam, a não forcem a falar, tudo se lhe varre da memória nesse momento, até parece estúpida. E contudo, o que ela não pensou dizer! Do que não se sente capaz de fazer.

E a timidez torna-se, com o de-

correr do tempo, uma verdadeira tragédia. E é tão fácil de vencer, se todos os adultos quiserem ajuda-la! A timidez, boa amiguinha, é um bem em vez dum mal. Não dei- xarás de ser caritativa pelo facto de seres tímida. Terás menos abor- recimentos que as rapariguinhas ousadas. Terás mais tacto, porque pensas muito antes de agir. Mas cautela, não exageremos. Faz por combater o excesso de timidez que esse sim te prejudica. Confia e pen- sa que as grandes sumidades tam- bém passaram por essa crise, que é afinal, de toda a gente, um sinal de personalidade. De sensibilidade de espírito. Se a encarares assim, ela perderá todo o sentido paralisan- te; não será uma doença, mas uma graça que faz parte do carac- ter juvenil.

Levada a encarar assim o seu «terrível defeito», o nariz diminui- rá de tamanho, os dentes perderão o aspecto de ser o traço mais visí- vel de todo o rosto. A criança terá confiança na vida e em si própria. Ao adulto cabe, claro está, o prin- cipal papel nesta luta surda: o adulto pai e o adulto professor. O pai ou o mestre duro, cheio de su- ficiência, viril, medíocre, desconfi- ado, injusto, de mão leve, de pa- lavra violenta, duro e cheio de as- tucia, é o pior escolho do jovem tímido. E nunca esquecer que o exemplo é tudo. A criança está numa idade em que a vida afectiva é muito grande. Constantemente com- para os pais com os pais das suas camaradas; constantemente está a criticar, mentalmente, o professor. Todos os defeitos, por mínimos que sejam, tomam a seus olhos, uma importância desmedida. Em vez de se sentir solidário com tais defeitos — que muita vez julga possuir — pelo contrário sente-se ferida, de- fraudada, injustamente defraudada. O complexo de inferioridade está á porta; bastará abri-la, para que ele se aloje.

E a criança que não tem ainda o recurso de recorrer a si própria para encarar as situações que os adultos lhe criam, sente-se despro- tegida, ensimesmada, tímida. Por isso o professor-pedagogo represen- ta tanto para a criança adolescen- te; a bem dizer, é ele, mais do que a família, quem convive com o jo- vem. A ele cabe uma grande parte da responsabilidade da maneira como ele encara a vida e os «gran- des».

MARIA HELENA DA COSTA DIAS

Quando ela pensa em malhas...



claro que é na

BUSCH

simples ou super-automá- tica que está pensando.

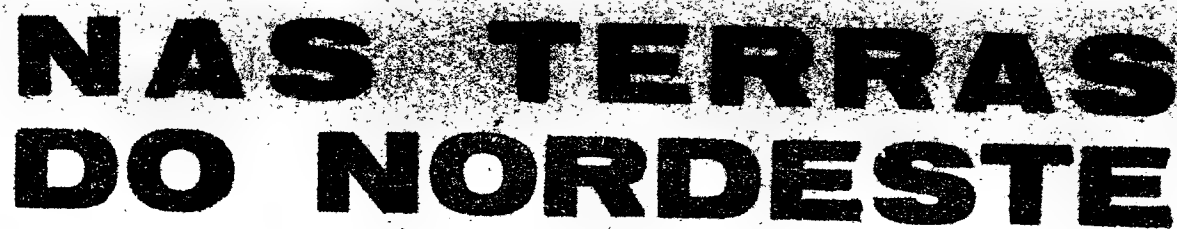
Como todas as Donas de Casa portuguesas, também ela ficou rendida com as passagens de modelos exe- cutados na máquina de tri- cotar BUSCH.

Que beleza e que eco- nomia!

Consulte os Representantes

AGENCIA COMERCIAL SUPER

Avenida Fontes Pereira de Melo, 45



O drama do Sertão é a irregularidade das chuvas. Uma vez cai em quanti-

Resposta — Nove estabelecimentos de ensino de 3 milhões de dólares cada um.

PORTUGÁLIA EDITORA

VII PAGINA * Diário de Lisboa

25 DE JULHO DE 1977

O povo aglomera-se à volta do aeroporto de Tuchino. A partida está marcada para as 21 horas, mas às 18 já a multidão era imensa.

Os altofalantes anunciam: «Hoje, o primeiro foguetão cósmico com um homem a bordo vai deixar a Terra. Esse homem vai contornar o planeta Marte, aproximando-se dele de forma a poder fotografá-lo. Regressará à Terra dentro de um ano. O foguetão será tripulado por André Iline, seu construtor. Descolará utilizando apenas os seus motores de reacção auxiliares. Os reactores atómicos apenas entrarão em actividade para lá da atmosfera». A multidão escuta com atenção. O rapaz tenta ganhar as primeiras filas. Polícias mantêm a custo a barragem. Um deles gesticula à frente do telefone: «Era um pequeno de doze anos, de calções curtos. Tinha um saco aos ombros, uma bússola e uma garrafa-termo. Explorar o Cosmos: era a sua ideia. Tive que lhe explicar que lá onde estava escondido, o gaz era carbonizado. E agora chora. Mas que dia!».

No outro edifício um homem descansava, pensativo, de olhos semicerrados. Alguém entra. André Iline sobressalta-se: «E' já?». «Ainda não, eu depois chamo. Continua a descansar».

— E' impossível. O médico quer que eu continue aqui estendido, mas é ainda pior. O «pleno» está feito?

— Esta-se justamente a tratar disso. Ao mesmo tempo inspeciona-se pela última vez o foguetão.

O homem sai. Iline olha o relógio de pulso. Fecha os olhos. Chegará Júlia a tempo? Ao telefone-televisor apenas disseram até à vista! Iline sorri: «Minha querida mulher-piloto». Júlia é uma das raras mulheres-pilotos de experiências de aviões de reacção. E' ela que voa pela primeira vez em todos os aparelhos concebidos por André. Todos salvo aquele: a nave cósmica.

Os pensamentos de André voltam-se para o voo que vai tentar. Pensaria em tudo? Porque não vai ele próprio fazer uma última inspecção? Olha o relógio: «Tanto pior para o médico. Não resisto».

Às 8 horas e 50 minutos Iline ocupa o seu lugar nos comandos. A pesada porta girou nos gonzo e fechou-se sobre ele num ruído cavo. Através das vigias, André contempla o caos de cimento e as milhares de caras que se viram já para o horizonte que o vai engolir. Às 9 horas põs os motores em marcha. Numa nuvem de poeira e de fumo, a nave branca desliza nos carris da torre de lançamento, e, depois, numa aceleração diabólica, parte para o céu, ainda claro. Os espectadores distinguem por momentos uma chama vermelha. Depois, nada mais. O foguetão desapareceu.

Na torre de «controle», os membros da Comissão Interplanetária estão agrupados à volta de um posto emissor.

«Como te sentes? Como funciona o foguetão?». O presidente fala para o microfone e a sua voz ressoa no silêncio. Momentos depois, através dos auscultadores, ouve-se a voz assurdinada de Iline: «Até aqui tudo vai normal. Parei os reactores auxiliares. O reactor atómico entrou a funcionar. Aumenta a velocidade. Sinto-me bem. Sente-se, especialmente, os efeitos da força G cuja existência tínhamos previsto».

— Onde estás agora — perguntou o presidente com ansiedade.

— Acabo de percorrer os primeiros mil quilómetros. A velocidade é de 26.000 km/h. Os reactores funcionam perfeitamente.

Durante esta troca de palavras, as caras dos membros da comissão tomavam um aspecto mais aliviado. Alguns começavam a sorrir, timidamente.

Logo a seguir ouviu-se no receptor um ruído estranho. Era a voz de Iline, mas inacreditavelmente deformada.

«Iline. Que aconteceu? — Um minuto decorreu, interminável. A voz de Iline voltou a ouvir-se quase imperceptível».

«Ignoro o que se passou. A força G cresce brutalmente. A aceleração é anormal. Já não sou senhor do aparelho».

Na torre de «controle» os sábios sentam-se desalentados e já nem ouvem o presidente gritar ao micro: «Iline, ouves-me? Iline, que se passa?».

A resposta não chega.

1 hora. Abro o meu diário pela primeira vez. Ignoro o que se passou. Mas estou ainda vivo e capaz de observar e de anotar as minhas observações.

Deixei a Terra a noite passada às 21 horas. Em 9 minutos o aparelho devia ter atingido uma velocidade que lhe permitia continuar a caminhada por inércia. Seis minutos apenas depois da partida, a velocidade aumentou brutalmente. A aceleração foi tão forte e tão intensa que perdi os sentidos. Senti o peito como que atravessado. As téntricas batiam. Depois tudo pareceu voltar à ordem. A aceleração estabilizou-se a 40 metros/segundo.

Há já três horas completas que os reactores funcionam. Contudo os instrumentos de bordo indicam um consumo extremamente reduzido de combustível. Neste momento o foguetão dirige-se para Vénus. Marte foi ultrapassado. Não consigo dirigir o foguetão para este planeta. As «manettes» de direcção estão inertes. Não consigo compreender porque. A velocidade do aparelho é agora de 450 quilómetros por segundo. E' espantoso e inacreditável. Segundo os meus cálculos devo estar a 2 milhões de quilómetros da Terra. Parece impossível! tão pouco tempo... mas os números não enganam.

3 horas. — Pergunto-me, o que impulsiona o foguetão?

Seis horas de voo e mal utilizei o combustível. Todas as noções que tínhamos estão ultrapassadas.

As chamas que saem dos reactores são mais brilhantes que o Sol.

20 DE JULHO DE 1977

As 23 horas e 45 minutos de ontem atravessei a órbita de Marte. O foguetão continua a dirigir-se para Vénus. Percorri já 200 milhões de quilómetros. Os reactores funcionam sempre. A aceleração mantém-se a 40 metros por segundo. Se me não tivesse preparado longamente para esta viagem, penso que não teria resistido. Tenho a cabeça pesada. Os pés parecem chumbo. Sinto dificuldade em mover os dedos para escrever. A cabina parece-me um caixão. Estou vivo, é certo, mas não tenho esperanças. Perdi totalmente o «controle» do aparelho. As minhas provisões devem durar 18 meses. Portanto, abrirei ainda o meu diário durante ano e meio.

Mas, afinal, quem lerá o meu diário? Um marinheiro que lança uma garrafa ao mar; um explorador que enterra na areia um manuscrito — todos eles podem esperar que as suas mensagens sejam um dia encontradas por um ser humano. Mas eu? O meu diário?

20 horas — Esta manhã, 220 milhões de quilómetros. Ouvi, decerto, a Terra pela última vez. Já há muito tempo que não tento sequer responder. O meu emissor é pouco potente. No entanto sabia-me bem ouvir. «Iline, onde estás?». Ets-me abandonado na imensidade cósmica.

30 DE JULHO DE 1977

Velocidade: 20.000 quilómetros por segundo. Estou a biliões de quilómetros da Terra. Encontro-me nos limites do sistema solar. Oh! Como há poucos planetas no nosso sistema solar! Atravessei todo este espaço sem me ter aproximado de um único. Com certeza que passei a 150 ou 200 milhões de quilómetros de algum deles. Parecem apenas mais brilhantes do que quando os vemos da Terra: eis tudo. De momento nem posso comparar a minha velocidade com a que anima essas partículas alfa na fissão do rádio. Que se irá passar?

16 DE AGOSTO DE 1977

Velocidade inacreditável: 50.000 quilómetros por segundo.

24 DE SETEMBRO DE 1977

Parti há dois meses. A distancia que me separa do Sol é 3.800 vezes maior que a distancia que separa a Terra do Sol. Estou na coração do espaço mas não tenho, para me mover, senão alguns metros quadrados da minha cabina. Contemplo as estrelas, maiores, mais claras.

As constelações não mudaram de aspecto. Orion, Ursa Maior, Cassiopeia. Penso que as distancias entre estes mundos devem ser fabulosas para que continuem, depois desta caminhada que fiz no espaço, a ter

o mesmo aspecto. Sem duvida que há diferenças. Eu é que as não noto a olho nu.

2 DE OUTUBRO DE 1977.

Júlia: é hoje o dia do teu aniversário. O teu 26.º aniversário. Festejarei (ironia) em breve o meu 40.º ano de vida. Estamos a 650 milhões de quilómetros um do outro e, contudo, sinto-me bem próximo de ti.

velocidade continua a subir. Aproximo-me da velocidade da luz. Que se passará nesse momento?

10 DE OUTUBRO DE 1977.

2 horas. Finalmente. O foguetão acaba de cessar a caminhada. Os aparelhos de bordo acabam de provar os meus cálculos: a aceleração baixou. Uf! respiro melhor, movimento-me mais facilmente. A força

com a teoria de Einstein. Pelo contrário. Einstein estabeleceu, de facto, que para velocidades desta ordem a relatividade das noções de espaço e do tempo são muito importantes. Nestas condições os cálculos que faço e se baseiam nas leis da física clássica, não são válidos. De facto, a velocidade do foguetão deve andar próxima da da luz, 300.000 quilómetros por segundo. Portanto, o tempo decorre aqui muito mais lentamente do que na Terra. As horas são maiores. O processo de vida do meu corpo é também mais lento. Então, em que dia estaremos? Do ponto de vista da Terra com certeza que parti há já bastantes meses, talvez mesmo anos. Preciso, absolutamente, de retomar o comando do aparelho. Mas como saber quais serão as condições de temperatura e de radioactividade fora do foguetão?

24 DE OUTUBRO DE 1977

As coisas mais simples na Terra tornam-se aqui complicadas. Quando um objecto está muito quente na Terra basta expô-lo ao ar livre ou metê-lo em água. Pois não consigo aproximar-me dos reactores, tão quentes estão. Tenho necessidade de esperar muitos dias para o conseguir. O calor precisa de dispersar-se por radiações. Esperarei. E durante este tempo o foguetão continuará a sua marcha cega à velocidade de 300.000 quilómetros por segundo.

30 DE OUTUBRO DE 1977

Decidi entrar na parte da fuselagem onde se encontram os reactores. Vesti um fato contra as radiações. Ao fim de uma hora descobri a avaria: o sistema de evacuação das cinzas de urânio da pilha atómica não funciona. Ponho mãos à obra, mas para quê? Estou tão longe da Terra à velocidade da luz. Primeiro tentarei refrear a marcha para a trabalhar os reactores em sentido contrário. E depois? Depois mesmo à velocidade normal do foguetão precisaria de anos e anos para alcançar a Terra. Não tenho para isso nem comida nem tempo de vida necessário. A minha única possibilidade seria conseguir recriar o processo que me trouxe até aqui. Arrancar com a ajuda dos reactores de forma a alcançar a velocidade de 8 quilómetros por segundo. Em seguida, aproveitar a misteriosa força G, que pouco a pouco me trouxe até à velocidade da luz. Pôr depois os reactores de novo a retardar a velocidade e atingir assim a Terra. Será isso possível? Não tenho outra alternativa. A minha decisão está tomada.

2 DE NOVEMBRO DE 1977

Está tudo pronto. Gastei dois dias para reparar a pilha atómica. Baixo as «manettes». Vitória! Os reactores funcionam. Sou, de novo, senhor do aparelho. Mas para vencer a força da inércia preciso ainda de semanas.

7 DE DEZEMBRO DE 1977

A velocidade do engenho é já claramente inferior à da luz.

4 DE JUNHO DE 1978

Posso agora dizer que entrei em casa. Consegui atrasar o foguetão e estou a regressar ao sistema solar. Já não tenho películas fotográficas. Tanto pior. A parte mais apaziguante da viagem está para trás. Agora o que conta é a Terra. A minha pele está coberta de manchas vermelhas. Sinto o peito oprimido. A temperatura do corpo está, por certo acima do normal. Tento dormir, mas é impossível, os sons dos motores não agem. Seria terrível morrer agora no caminho do regresso. Não! Quero ver o meu País. Quero caminhar nas ruas da cidade. Sorrir às pessoas.

31 DE JULHO DE 1978

Entre no sistema solar. Vejo, finalmente o Sol — um pequeno disco que me cega e que começa a aquecer o foguetão.

2 DE SETEMBRO DE 1978

Vitória! Começo a ver a Terra.

3 DE SETEMBRO DE 1978

A Terra está coberta de nuvens. A minha velocidade é apenas de

(Continua da 2.ª página)

13-2-960



Recordas-te de quando o director do Instituto nos apresentou? Achei-te muito nervosa, quase excitada. Agora sei porque. Na altura ignorava-o ainda e quando saíste perguntei ao director: «Porque é que pediu a uma tal exaltada para experimentar o meu aparelho?». Mas durante a experiência foste formidável e admirei-te muito. Depois nasceram outros sentimentos. Quando te declarei o meu amor, recordas-te? Para alguns a luz do luar ou um parque romântico são indispensáveis. Eu declarei-me em pleno dia numa praia inundada de sol. Estávamos em férias. Partiste no mesmo dia. Para quê escrever tudo isto? Se morrer não lerás o meu diário, e se por milagre conseguir regressar à Terra não terei necessidade deste diário para te provar o meu amor.

Enfim: escrevi tudo isto para mim, unicamente para mim.

18 DE OUTUBRO DE 1977

Segundo os meus cálculos, os reactores atómicos devem ter deixado de funcionar. No entanto, a

da gravidade desapareceu totalmente. Ao menor gesto flutuo na minha minúscula cabina. Perdi os sentidos. Continuo a sentir diversas perturbações, mas, pouco a pouco vou-me habituando à ausência total da gravidade. O foguetão parece suspender no universo de estrelas. Na cabina há agora um silêncio absoluto. Atrás, os reactores deixaram de vomitar chamas.

6 horas — No espaço tudo mudou. E' escuro. As estrelas parecem perdidas num denso nevoeiro.

23 DE OUTUBRO DE 1977

Uma tese fundamental da relatividade quer que um corpo não possa deslocar-se a maior velocidade que a da luz. Melhor: em velocidades superiores à da luz a energia não pode ser transmitida.

Desde há uma hora, parece-me bem que ou estou doido ou vejo refletida a tese de Einstein. Medi o ângulo de onde agora vejo Sirius, e contacto que o foguetão se deslocava a 40 milhões de quilómetros por segundo... Mas reflectindo bem nisto, vejo que não há contradição

De uma semana para a outra

REVISÃO HEBDOMADARIA DE FIGURAS E FACTOS

DIA 6

EM PORTUGAL — Os ministros da Presidência e Obras Públicas visitaram o Padrão dos Descobrimentos e a zona de urbanização de Belém. * Foi assinada a primeira convenção de trabalho para as costureiras de vestidos de senhora do distrito de Lisboa. * Em Sesimbra foi descoberto contrabando no valor de 200 contos. * Quatro explosões na fábrica da Covina causaram grandes prejuízos. * Foi publicada a reforma da Escola Náutica. * No Porto, Ferreira de Castro presidiu a um colóquio literário. * Morreu o ministro plenipotenciário dr. Fernando Quartin Bastos.

NO ESTRANGEIRO — Ministros enviados por de Gaulle iniciaram em Argel uma operação de limpeza no Exército e na Administração. * Anuncia-se que a França fará explodir a sua primeira bomba atómica, no Sahará, no dia 15. * Na Havana explodiram várias bombas protestando contra a presença de Mycoyan em Cuba. * A França recusa retirar as suas tropas de Bizerta, mas está disposta a negociações. * O presidente da República italiana, Gronchi, chegou a Moscovo em visita oficial.

DIA 7

EM PORTUGAL — O ministro das Corporações inaugurou, em Alverca, um bairro para operários. * O ministro da Justiça visitou Alijó, S. João da Pesqueira e a Guarda. * No Porto, o ministro do Interior presidiu às homenagens dos bombeiros ao inspector de incêndios da zona Norte. * Regressou do Brasil, Amália Rodrigues que anunciou a sua retirada próxima da vida artística. * Em Benavente foram inauguradas novas oficinas metalúrgicas. * Morreu o dr. Francisco Velloso, antigo deputado, jornalista e secretário-geral da Associação Comercial de Lisboa.

NO ESTRANGEIRO — A Tunísia decidiu negociar a questão de Bizerta com a França. * Em Tanger terminou a conferência da subcomissão económica da O. N. U. para a África. * O rei Maomé V, de Marrocos, terminou a sua visita aos países do Médio Oriente. * Em desastre ferroviário no Chile, houve 33 mortos. * O ministro dos Estrangeiros da Austria foi a Londres conferenciar com o Governo britânico sobre relações comerciais entre os dois países.

DIA 8

EM PORTUGAL — O Governo decretou feriado o dia 4 de Março, início das comemorações henriquinas. * A bandeira das comemorações será a Cruz de Cristo. * O ministro do Interior teve uma reunião com os governadores civis do continente, no Porto. * O dr. Adolfo Cabral foi aprovado no concurso para professor extraordinário da Faculdade de Letras de Lisboa. * A zona de Belém, em Lisboa, está a ser beneficiada por motivo das comemorações henriquinas.

NO ESTRANGEIRO — Isabel II de Inglaterra, decidiu ligar o nome Mountbatten ao nome da família real Windsor. * Nehru anunciou, em Nova Delhi, que a ameaça da China obriga a Índia a aumentar as defesas militares. * Na Argélia recomeça-se novo levantamento. * O embaixador Negrão de Lima em entrevista ao «Mundo Português», do Rio de Janeiro, acentuou a necessidade de efectivar a comunidade luso-brasileira. * Em toda a Europa a temperatura desceu bruscamente. * Devido à questão das bases britânicas, mais uma vez foi adiada a data da independência de Chipre.

DIA 9

EM PORTUGAL — O conselho de ministros telegrafou ao governador da Índia, brigadeiro Vassalo da Silva, louvando-o pela sua acção. * O embaixador de Cuba, dr. Luís Amado Blanco, entregou as suas credenciais ao Chefe do Estado. * Tomou posse o conselho técnico do Instituto de Investigação Industrial. * Ministros da Defesa e do Exército visitaram a fábrica militar de Santa Clara.

NO ESTRANGEIRO — O tribunal da Relação de Rabat dissolveu o Partido Comunista de Marrocos. * Terminaram em Moscovo as conversações entre o presidente da República italiana Giovanni Gronchi, e Nikita Kruchchev. * Anuncia-se que o dr. Jaccoud, condenado por assassinio a sete anos de prisão, não apelarà da sentença. * De Milão dizem que a sr.^a Ana Marga Boodts declarou que a sua verdadeira identidade é a grã-duquesa Olga, filha mais velha do czar Nicolau II. * Um cientista russo, A. Agrest, declarou que há milhares de anos estiveram na Terra seres de outros mundos e que pousaram no monte antilibano, destruindo Sodoma e Gomorra com explosões nucleares.

DIA 10

EM PORTUGAL — O sr. ministro da Economia em conferência à Imprensa disse que vai intensificar-se a electrificação rural; disse ainda que no Cercal do Alentejo há consideráveis existências de ferro e manganês. * Em todo o País se fez sentir intenso frio e nevoões nas regiões montanhosas. * No Ministério das Corporações foi assinado o novo contrato colectivo de trabalho

entre o Grémio dos Comerciantes de Tecidos e o Sindicato dos Caixeiros de Lisboa. * O Ministério da Assistência concedeu 859 contos de subsídios a várias obras do País. * Foi aplicada uma multa de cerca de 8.000 contos ao arrais e tripulantes de um barco de contrabando perto de Setúbal.

NO ESTRANGEIRO — No Parlamento de Bonn, o chanceler Adenauer recusou-se a aceitar alteração ao estatuto de Berlim. * Recomeçaram as negociações sobre o problema de Chipre. O subsecretário de Estado britânico, Amdy mantém-se na ilha a pedido do arcebispo Macário. * Morreu em Krasic o cardeal Stepinac, arcebispo de Zagreb e primaz da Jugoslávia, que tinha residência fixada naquela cidade. * Na órbita à volta da Terra apareceu um objecto não identificado, segundo informações de Washington.

DIA 11

EM PORTUGAL — O ministro da Economia em declarações à Imprensa disse que a indústria portuguesa atravessa a sua fase de maior desenvolvimento de sempre. * Descarrilou um comboio na linha do Vale do Vouga que embateu num rochedo. * O ministro do Exército continuou as suas visitas às unidades do Governo Militar de Lisboa. * O subsecretário das Obras Públicas visitou a região de Vila Franca estudando a urbanização. * A Universidade de Lisboa anuncia para este ano cursos de férias em Angola e Moçambique. * Tomou posse do cargo de director da Faculdade de Medicina de Lisboa, o prof. Toscano Rico. * Na Academia das Ciências fez uma comunicação sobre o neo-realismo o dr. Fernando Namora. * Em Vila

Real morreram cinco tripulantes de um barco naufragado.

NO ESTRANGEIRO — Em Amiens houve manifestações contra a política agrícola do Governo francês. Balanço: cem feridos. * Submarinos misteriosos continuam a ser avistados ao largo da Argentina. * A Rússia rejeitou em Genebra uma proposta americana para pôr termo às experiências nucleares. * O chanceler Raab, da Austria, defende a devolução dos bens dos Habsburgos aos seus descendentes. * O «X-15» — avião-foguete americano atingiu mais de 8.240 quilómetros horários, a uma altitude de 26.360.

DIA 12

EM PORTUGAL — O Rotary Clube de Coimbra vai distribuir pelas escolas primárias o «código do peão». * Foi debatido no colóquio dos arquitectos o problema da formação dos agrupamentos das células. * O Sport Lisboa e Benfica decidiu manter com o Sporting Clube de Portugal, unicamente as relações das competições oficiais, enquanto o dr. Brás Medeiros for o presidente deste.

NO ESTRANGEIRO — Os Estados Unidos projectam, em 1960, o lançamento de 19 satélites e foguetões espaciais. * Continuam contraditórias as notícias sobre os submarinos desconhecidos nas águas do Golfo Nuevo. * O presidente de Cuba, Fidel Castro, acompanhou A. Mikoyan na visita às províncias. * Nikita Kruchchev e Nehru assinaram, em Nova Delhi, o acordo sovieto-indiano para a utilização do crédito concedido pela Rússia à Índia.



Imagem que recorda os tristes acontecimentos de Argel

Notícias ainda não publicadas

■ Dada a gravidade dos acontecimentos da Argélia e da Metrópole, manter-se-ão as datas previstas para a visita a França do chefe do Governo soviético e as previstas deslocções a Londres e Washington do general de Gaulle? Quanto às últimas parece não haver dúvidas. Sobre a visita a França de Kruchchev nada há também por enquanto que indique o seu adiamento. No entanto são justificados os receios de que esta seja causa de novo incidente.

■ Uma parte importante da anunciada redução das forças militares terrestres corresponderá à força aérea. A parte restante da redução prevista deve afectar a infantaria. É difícil dizer até que ponto e em que medida a solução da situação internacional, a qual volta a mostrar sinais de agravamento acentuado, influirá na execução do plano de redução anunciado em Dezembro por Kruchchev.

■ A atitude da diplomacia americana em relação ao general de Gaulle, depois dos recentes acontecimentos da Argélia, mostra tendência para se modificar. Quando da próxima reunião da assembleia geral da O. N. U., no Outono do corrente ano, como estará a delegação americana, pois, a não se darem entretanto, acontecimentos inesperados, é natural que a questão da Argélia volte a ser ali debatida? É preciso não esquecer que nessa altura os dirigentes americanos estarão absorvidos pelas preocupações eleitorais, às quais subordinarão todos os seus actos e iniciativas.

■ Na recente tensão do presidente. Bourguiba da Tunísia, resolvendo tratar a questão de Bizerta pela via diplomática normal em vez de fazer dela um tema de propaganda e opção, tiveram influência determinante a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. Os representantes destes dois países em Tunis insistiram para não agravar as dificuldades do general de Gaulle numa altura em que a sua presença na chefia do Estado em França é a única garantia de que este país não mergulharia num período de confusão que bem poderia ser o prólogo de acontecimentos lamentáveis.

■ Tudo indica que o primeiro-ministro da Grã-Bretanha dispõe no seu jogo de uma carta valiosa para conseguir que o presidente Eisenhower alinhhe com ele no propósito de ir por diante na reunião de entendimento com os soviéticos. Esta carta seria, segundo as melhores informações, o anúncio da sua próxima visita a Pequim o qual teria em Washington o efeito de uma bomba de grande potência.

O «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se em LOURES na agência de NATALINO NEVES CEGO.

Comentário internacional

O Exército francês da Argélia

Sua composição e seus chefes

O custo da guerra em vidas e dinheiro

No seu histórico discurso de 29 de Janeiro o general de Gaulle dirigiu-se ao Exército da Argélia ao qual falou nestes termos: «Digo a todos os nossos soldados: a vossa tarefa não comporta equívocos nem interpretações. Consiste em liquidar a guerra da Argélia pela eliminação do inimigo. Ao mesmo tempo que empregais as armas, deveis contribuir para a transformação moral e material das populações muçulmanas, atraíndo-as para a França pelo coração e pela razão. Quando chegar o momento de proceder a uma consulta a essas populações deveis garantir a sua liberdade completa e sincera. É essa a vossa missão tal como a França a entende». Assim ao meio milhão de homens que usam o uniforme do Exército francês na Argélia o general de Gaulle indicou claramente a missão que terão a cumprir no presente e no futuro, mais ou menos próximo. Como é composto esse Exército, do qual tanto se falou nos últimos dias e do qual certamente muito ouviremos falar ainda? Que elementos o constituem? Qual é o seu espírito? Quem são os seus chefes e que pensam estes da Argélia e da França? Eis algumas perguntas cujas respostas contribuirão para esclarecer certos pontos obscuros da situação em França, pois se a evolução desta depende em grande parte do general de Gaulle ela depende sobretudo do comportamento do Exército da Argélia.

Deste a maior parte, 400 mil homens, é constituída pelas chamadas forças regulares, sendo 250 mil provenientes da conscrição e o resto sendo constituído por profissionais — Aviação, Legião Estrangeira, Marinha, gendarmaria.

Estas forças são comandadas e enquadradas por um numero relativamente reduzido de oficiais — 11 mil do activo e mil da reserva. Há ainda na Argélia 100 mil homens suplementares distribuídos por formações diversas, harkas, grupos locais de autodefesa, unidades territoriais etc., cuja autoridade militar é intermitente. Desses 100 mil homens uma parte é constituído por Muçulmanos. Estes constituem as harkas enquanto os Europeus formam as unidades territoriais. O general de Gaulle, tendo em conta o seu comportamento durante a rebelião, ordenou a dissolução destas últimas, o que não impede que os seus elementos se agrupem sob outra designação como provavelmente sucederá.

A organização militar e a organização civil são idênticas. A primeira tem à sua frente o comandante-chefe, general Challe, a segunda o delegado-geral do Governo Central da Argélia, Delouvrier. Sob as ordens do comandante-chefe há três comandantes de corpo de Exército correspondentes às três superprefeituras — Argel, Oran e Constantina. Esses comandantes são os generais Crépin (Argel), Gambres (Oran) e Olié (Constantina). Com as suas funções militares estes oficiais acumulam as funções civis de superprefeitos.

Espalhadas pela Argélia há 13 divisões de forças regulares assim discriminadas: 9 de infantaria, 3 motorizadas e 1 de tropas indígenas.

O «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se em ALCACER DO SAL na Agência de JOÃO ANDRÉ MONRAIA.

nas. Os comandantes destas divisões, na sua maioria opõem-se à política argelina do general de Gaulle. O mais conhecido, o general Faure, bem como o seu colega Mirambeau foram atingidos pelas últimas sanções. Além desses, há 4 divisões de reserva — a 5.ª divisão blindada (general Cautarel), a 7.ª divisão mecanizada (general Loiret) e duas divisões de para-que-distas a 25.ª (general Ducourneau) e 10.ª (general Gracieux). Este último escolhido para suceder ao seu colega Massu no comando da região militar de Argel foi afastado em virtude do seu comportamento durante os acidentes de Janeiro.

Quanto custa à França a guerra da Argélia? O orçamento militar daquele país para o corrente ano económico está avaliado em mais de 16 biliões de novos francos. Tendo em conta as elevadas despesas ocasionadas pela guerra da Argélia e a manutenção do outro lado do Mediterrâneo de forças tão numerosas. Calcula-se que o custo destas se eleva diáriamente a 10 milhões de novos francos.

Este ano a guerra da Argélia deve custar ao povo francês cerca de 4 biliões de novos francos, o que é uma quantia elevadíssima se tivermos em conta os recursos e as possibilidades financeiras daquele país.

Desde 1 de Novembro de 1954 até 1 de Janeiro de 1960, quer dizer ao longo dos cinco anos que duram as hostilidades, morreram nas tropas francesas mais de 10 mil homens. Se entrarmos em conta com as vítimas da população civil aquele numero será sensivelmente aumentado. As baixas entre os Argelinos calculam-se em dezenas de milhares.

GENERAL ELY

Durante o recente episódio argelino, a figura do general Ely avultou no primeiro plano da actualidade. pela natureza da sua função e pelo papel que desempenhou em tão delicada conjuntura. Embora nascesse em Salonica, onde seu pai prestava serviço, trata-se de um oficial tipicamente francês, que fez toda a sua carreira durante um período agitado da história da França, acompanhando as vicissitudes de uma profissão que, mais do que qualquer outra, tem sido agitada pelas alternativas da vitória e da derrota que tão profundamente afectaram aquele país.



GENERAL ELY

Tendo entrado aos vinte anos para a escola de Saint Cyr, fez, entre as duas guerras, a ascensão lenta de um oficial de carreira. Só em 1944, o ano da libertação do território francês, ascendeu ao posto de coronel e ao de general de brigada no ano seguinte, depois do termo das hostilidades. Mais tarde prestou serviço durante alguns anos como representante da França na N. A. T. O., onde conquistou uma situação de apreço e estima dos seus colegas Ingleses e Americanos que tinham, justamente, em conta as suas qualidades profissionais.

Em 1959 ascendeu ao cargo de chefe do estado-maior da defesa nacional, que é, na hierarquia militar francesa, o mais elevado e representativo. Gozando da confiança do general De Gaulle, segundo a sua própria expressão, depois disso viveu na angústia de um levantamento do exército que provocasse a sua cisão irremediável. Para evitar esta, fez esforços que não foram coroados de êxito. Finalmente, o pesado tornou-se realidade e Ely encontrou-se perante a situação que, acima de tudo, procurou evitar sem o conseguir.

A sedição argelina de 24 de Janeiro mostrou que dificilmente se pouparia a França à provação de uma guerra civil sem concessões do chefe do Estado e foi para as conseguir que realizou a sua viagem à Argélia, durante a qual teve ocasião de, em contacto com os oficiais que ali prestam serviço, auscultar os seus sentimentos. A sua acção teve em vista levar o presidente da República a transigir, pelo menos de momento, em certos aspectos da política que definira em relação à Argélia, prometendo para esta a auto-determinação, ou seja a liberdade para o povo argelino.

de escolher a solução que melhor lhe convenha para o futuro. Tudo indica que a promessa feita pelo general de Gaulle em 16 de Setembro do ano passado esbarra em dificuldades que, apesar da sua vitória sobre os rebeldes de Argel, impedem uma solução rápida e próxima daquele problema.

Nos acontecimentos que não deixaram de se dar em França, o general Ely terá um papel de primeiro plano a desempenhar, dada a sua situação e o prestígio de que goza entre os seus camaradas e junto do general de Gaulle.

Palavras cruzadas

Problema n.º 3911
NOVA MODALIDADE

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									
10									

HORIZONTAIS: 1 — Ramagem. Aves pernaltas. 2 — Ofendemos. 3 — Aliás. 4 — Sufixo que designa estado. Chiste. Nesse lugar. 5 — Isolados. Peixe vulgar. 6 — Nome de um marisco. 7 — Temperatura elevada. Senhora. 8 — Artigo definido. Apelido. Céu. 9 — Içava. 10 — Ensejo. 11 — Vazios. Cinchos.

VERTICAIS: 1 — Pedras de amolar. Ilha do Mar Egeu. 2 — O mais. Propriedades extensas. Língua antigamente falada ao Sul do Loire. 3 — Divisão do tempo. Ilha do arquipélago de Cabo Verde. Ferro endurecido. 4 — Campeões. Terceiro estômago das aves. 5 — Infiltrações de serosidade no tecido celular. 6 — Meter na mala. Despacha. 7 — Reduzo a farinha. Chefe etíope. Rio da Suíça. 8 — Pedra de dominó. Venera. O sono das crianças. 9 — Camareira. Arquipélago da Malásia.

Solução do problema n.º 3910
HORIZONTAIS: 1 — Carmen. Gê. 2 — Areis. Par. 3 — Ama. Lema. 4 — Armadas. 5 — Sr. Aureo. 6 — Cás. Sem. 7 — Arenas. Si. 8 — Parás. Bem. 9 — Mu. Laia. 10 — Rua. Sor. 11 — Aromático.

VERTICAIS: 1 — Cá. Escapara. 2 — Ará. Rara. Ur. 3 — Rema. Ser-mão. 4 — Miara. Nau. 5 — Es. Musas. 6 — Lares. Lot. 7 — Pedem. Bari. 8 — Gamão. Sei. 9 — Eras. Limado.

PIANOS

Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE

Est. Valentim de Carvalho, Lda.
95. Rua Nova do Almada 99
LISBOA

Turismo é Turismo

Turismo não é só monumentos e templos, casas solarengas e castelos, paisagens e montanhas, bosques e praias, museus e bibliotecas.

Turismo é, também, boas estradas e bons transportes, cómodos hotéis e asseadas pensões, saborosa e bem confeccionada comida e vinho de boa estirpe — enfim, boa mesa e alojamento confortável e higiénico.

É, ainda, boa e acolhedora recepção, delicadeza no trato e um sorriso nos lábios, aspecto prazenteiro e obsequioso e seriedade em todas as acções para cativar e prender o turista, despertar-lhe simpatia, boa disposição e desejo de voltar.

É, sobretudo, para refazer o turista após longa viagem e para o compensar da fadiga das suas rondas pelas terras que visita, um animado café e um bom serviço de restaurante e uma esplanada agradável e refrescante e uma adega típica e cheia de carácter e de originalidade, um fado castiço e festas coloridas nos trajes e vivas nos cantares e danças folclóricas e todo o mais que lhe possa encher os olhos de inédito, de novidade, e o cérebro de agradáveis e deliciosas impressões pois, para isso, o turista deixa a sua casa e a sua terra e vem até à nossa casa e à nossa terra por alguns dias esquecer as preocupa-

ções da vida quotidiana e dar repouso ao espírito na contemplação de outras paisagens, na observação de outros costumes, no estudo de outros tipos humanos e na apreciação de outros meios e culturas diferentes.

Turismo é assim, pois — movimento, recreio, cultura, divertimento, convívio, estreitamento de relações, revigoramento de amizades, tónico do espírito.

É, acima de tudo — Paz, Saude, Tranquilidade, Culto da Natureza, Amor ao Belo.

Turismo é, em suma — TURISMO: — JOÃO RUIVO (João do Alentejo).

(«Notícias de Évora»)

Benguela e a arrancada pró-Dokota

A concretização da «operação Dokota» vai ser iniciada. Dentro de dias terão início os trabalhos de terraplenagens e depois então começarão definitivamente os primeiros toques no hangar e na pista, esta com o comprimento inicial de 1.200 metros e com possibilidades de ampliação mais tarde. Assim, os benguelenses vêem coroados de êxito o seu empreendimento que a muitos, os pessimistas, parecia impossível a princípio.

Partindo do zero, os benguelenses conseguiram alcançar a cifra do milhar, todos juntos souberam querer e poder. A ideia que a princípio foi lançada muito temerosamente cresceu, agigantou-se, tomou foros de algo que se tinha de concretizar. E, assim aconteceu. Muitos nem sabem como se passou. A subscrição foi aberta. E, em pouco tempo todos os benguelenses apareciam nos jornais e na Câmara dando a sua quota-parte. Foi assim que se conseguiu atingir a conta de mais de um milhar de contos; foi assim que os naturais da bela S. Filipe conseguiram realizar a velha ideia de possuírem um aeródromo em condições que servisse a cidade com eficiência.

A vitória do bairroismo benguelense foi total. Indiscutivelmente algumas figuras se salientaram no campo da iniciativa. Um dos grandes impulsionadores foi o sr. Costa Figueira, vice-presidente da Câmara em exercício da presidência, que jamais se poupou a esforços para que o movimento criasse raízes e viesse a tornar-se numa realidade palpável. Depois, o sr. governador do distrito, que apesar de ter chegado há poucos meses a esta cidade, deu o seu inteiro apoio ao movimento, concedendo todas as facilidades que lhe foram possíveis. Também o «Jornal de Benguela» e «O Intransigente» não se pouparam a esforços para espalharem a ideia. Durante semanas seguidas as primeiras páginas das suas edições foram cobertas pela ideia de vir a erguer-se no morro Dokota um aeródromo.

E eis-nos a poucos dias do começo dos trabalhos. Eis-nos a poucas horas de as picaretas e os cilindros começarem a concretizar o sonho dos benguelenses: um aeródromo em Benguela. Em poucos meses se conseguiu algo que a muitos deixava dúvidas: para esses a notícia do começo dos trabalhos aqui vai. E, assim dentro de alguns meses, poderemos ouvir novamente o barulho dos quadrimotores aterrando no Dokota. Esse momento não deve tardar. Os trabalhos serão impregnados de grande ritmo para que tudo venha a ter o seu término o mais breve possível. O Dokota é apenas uma demonstração do bairroismo benguelense, porque os benguelenses podem mais, muito mais do que possamos imagnar.

(Notícia, de Luanda).

Coisas que não estão certas

Há cerca de mês e meio um espectacular choque de veículos sobre a ponte do rio Dinha, que poderia ter trazido sérias consequências, deu origem a que parte da guarda da ponte fosse derrubada. Após este espaço de tempo, a Junta Autónoma de Estradas não tomou quaisquer providências no sentido da sua reparação, agravando ainda mais a entrada da mesma com uns espedes de vedação, após mês e meio. Isto não está certo.

Seria precisamente agora a oportunidade do seu alargamento. Será este o pensamento do Ex.ª Junta Autónoma? Oxalá que sim.

A não ser assim atrevemo-nos a perguntar até que data aquele perigo se manterá, pois será necessário que lá haja outro desastre? Afigura-se-nos que não.

A autoridade responsável aqui deixamos o nosso reparo. Perguntamos, o que aconteceria a uma entidade particular que tivesse a infelicidade de molestar qualquer marco? A Junta, reagiria imediatamente.

Pedimos que em breve o perigo da ponte sobre o rio Dinha seja conjurado, e já não é sem tempo. — PEREIRA DIOGO

(«Folha de Tondela»)

40 contos de selos são vendidos por dia em Luanda

A nossa bela e progressiva Luanda coloca-se, presentemente, entre as três principais cidades do País. E tal como acontece nos grandes centros, o correio manipulado na Estação Central dos C. T. T. atinge um número considerável. Basta dizer que na capital angolana a venda de selos ascende, diariamente a quarenta mil escudos.

(«O Apostolado», de Luanda).

Apenas um mês depois...

Há, na verdade, coisas geradas pelo mal terrível de que esta nossa terra enferma — a burocracia — que não lembram ao diabo, como se diz-se. Esta, por exemplo, que um pai ontem nos contou.

Tem o filho a estudar e, por qualquer razão que não interessa para o caso, o pequeno foi faltando às aulas até que atingiu e ultrapassou, mesmo, o limite de faltas previsto pela lei. Tinha, pois, o ano perdido. Simplesmente, o pai não sabia que esse limite fora já ultrapassado, até ao momento em que recebeu um cartão da secretaria do liceu, datado de 23 de Dezembro e com o carimbo dos correios de ter sido expedido a 23 de Janeiro.

Claro que o pai do aluno procurou logo saber a razão porque com um mês de atraso lhe era dado conhecimento de que o filho perdera o ano, quando já nada podia tratar para remediar o mal sucedido. E a razão foi-lhe explicada: é que se acabara a verba e o cartão (além de outros, com certeza) ficara retido na secretaria, à espera da verba do novo orçamento, para poder seguir o seu destino. Bom: e o atraso não fora assim por aí além. Apenas um atrasozito de um mês.

(«Notícias», de Lourenço Marques).

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os COMBÓS ELECTRICOS

Emigrantes algarvios

Em 1958 emigraram do Algarve 853 nossos compatriotas, os quais se dirigiram na maioria aos seguintes países: França, 323; Venezuela, 148; Argentina, 126; Brasil, 97; e Canadá, 64. Vamos dar os números referentes aos saldos fisiológicos de cada concelho e aos emigrantes dos mesmos: Albufeira, saldo, 90, emigrantes, 73. Alcoutim, 33 e 2. Aljezur, 58 (não registou emigrantes). Alportel, 10 e 33. Castro Marim, 62 e 4. Faro, 249 e 159. Lagos, 80 e 12. Lagos, 114 e 13. Loulé, 308 e 365. Monchique, 128 e 3. Olhão, 293 e 84. Portimão, 178 e 8. Silves, 265 e 30. Tavira, 140 e 48. Vila do Bispo, 30 e 1. Vila Real de Santo António, 221 e 18.

Do Algarve estabeleceram-se no colono do Limpopo uma família de Portimão e outra de S. Brás de Alportel e no colono de Cela duas famílias de Castro Marim.

(«Jornal do Algarve», de Vila Real de Santo António).

PREDIO

EM BOM E POPULOSO BAIRRO DE LISBOA

Esplendida situação, construção e acabamentos esperados, revestido a marmorite, isento 6 anos, todo alugado a bons inq. c/ fiadores idóneos, rendas em conta. Rende cerca de 95 Contos.

PREÇO 1.500 CONTOS.

Empresa Predial Nortenha
Praça da Alegria, 58-2.
Tel. 366812-32228

HIPOTECAS

QUALQUER MARCA
QUALQUER SÉRIE
QUALQUER IMPORTANCIA
QUALQUER TEMPO

Sobre automóveis

RUICAR

RUA SANTA MARIA, 27-G. L.
Telefone: 53884

O homem que não fugiu

por WHIT HARRISON

VI

CAPITULO

ACABA O TERROR

RESUMO DOS EPISÓDIOS ANTERIORES — Steve Garrison vai à cidade para defender Conrad Kiner acusado de matar o filho de Bryce Carmack. Este dominava tudo pelo terror e pelo suborno. Tentou afastar o advogado Garrison primeiro comprando-o e depois espancando-o, mas ele recusou-se a atreigar. Procurou testemunhas e o homem de uma cantora de «cabaret» acabou por confessar que assistira à cena de tiros; mas uma bala matou-o. Ficava sem testemunhas...

Steve apoiou-se contra a parede, aguentando o corpo de Mitch Warren.

Ergueu os olhos fixamente para a rua para baixo, para cima, em todos os sentidos. Nada se alterava. A mó do póvo continuava ainda por detrás do hotel. Hawgans estava no meio do passeio e já não sorria.

Steve viu a arma nos coldres do cinto de Mitch. Ajoelhou junto do cadáver, tirou-lhe o revólver e experimentou-o. Ergueu-se então.

As janelas da frente do hotel estavam às escuras. Todas estariam por certo abertas.

Com o revólver ao lado desceu de novo à rua. Parou depois junto do hotel e disse bem alto:

— É melhor matar-me agora, Carmack. Expulsar não me expulsas. Kiner será julgado decentemente desde que eu viva.

Esperou. Não houve o mínimo movimento, nem sequer um resquício de luz em qualquer dessas janelas abertas. Carmack estaria por certo nalguma delas, esperando a sua hora.

— Mr. Garrison!

Steve voltou-se reconhecendo a voz do juiz Faber, soando alto e firme. Retirou-se para as sombras das paredes, protegendo as costas com essas mesmas paredes. Viu o velho homem de cabelos brancos dirigir-se para ele, descendo as escadas do hotel e passando por Hawgans. Atravessou a rua, não olhando nem para a direita nem para a esquerda. Um ventinho que se levantara agitava-lhe o cabelo; mas os ombros eram direitos e não mostravam qualquer hesitação.

Do bolso, Faber tirou um bocado de papel.

— Mr. Garrison! — E a voz do juiz fazia-se ouvir bem claramente no meio do vento e da escuridão e no silêncio absoluto da rua — Aqui tem o papel que me pediu. É a mudança de processo no caso de Kiner. Percebi claramente esta noite que Kiner nunca poderia ter um julgamento sério nesta cidade. Aproximou-se mais de Steve, com o papel na mão. Steve examinou-o,

primeiro, recebeu-o depois e meteu-o no bolso.

A voz do velho juiz continuou a fazer-se ouvir:

— Quero ainda dar-lhe mais uma razão. — Passou a falar agora muito baixo — Eu compreendo muito bem o que o senhor representa esta noite. Foi aquilo que eu sempre quis ser, mas que não consegui. É a atitude honesta perante a lei. Eu nunca fui um homem desses, Mr. Garrison. Mas... nem por isso deixei de o desejar ser...

Voltou-se seguindo com infinita amargura e cansaço para o outro lado da rua. Steve sorria compreendendo o que Faber significava e aquilo que ele pensava. Era velho demais; era já muito velho e Carmack não o poderia já prejudicar. Tivera no final um belo gesto para essa dama chamada, a Justiça.

Um grito se ergueu do outro lado e Steve olhou em torno. Fachos alumiaravam a cidade dos lados da cadeia.

A frente dos cavaleiros, Carmack avançava com uma espingarda na mão. Meia dúzia de homens com varapaus começaram a malhar contra os portões, sob a varanda. O barulho dos aríetes contra a porta fazia-se ouvir em toda a cidade. O xerife gritou e tornou a gritar e mandou-os afastar. Mas a voz de Carmack soou como um verdadeiro chicote nas costas dos homens que forçavam a porta. Os paus começaram a bater na porta e esta ceceu por fim a despeito de todos os ferros. Quebrada, foi metida dentro.

Entraram então de roldão, na cadeia. Primeiro saiu o xerife à força, tendo-lhe sido arrancado o distintivo e a arma. Trazia a cabeça a sangrar. Caiu de roldão pelas escadas abaixo. Um dos homens colou-lhe a bota no traseiro e atirou com ele à rua, indo parar mesmo aos pés do cavalo de Carmack.

Apareceu então a corda do enforcamento. Um homem a atirou a um algodoiro e o xerife ergueu-se, mas impotente e barafustando, cômicamente trágico, no meio da escuridão.

Os homens saíram da cadeia trazendo Kiner. Tinham-lhe atado as mãos atrás das costas e tinham-lhe rasgado a camisa. A boca de Kiner tremia, mas procurava manter a cabeça erguida, com dignidade.

A voz de Carmack soou então sobre as cabeças da multidão.

— Aqui está Kiner. Está ou não culpado?

E todos gritaram:

— Culpado!

Carmack riu:

— Todos o dizem?

— Dizemo-lo todos!

Carmack erguia-se direito, apurado na sua sela.

— Ouviste o juri, Kiner. És culpado. Já foste julgado e agora vamos-te enforcar.

Steve passou pela frente da multidão que o seguira desde a casa de Bonnie. Levantou o revólver com o cão erguido e o cano apontado a Carmack.

— Carmack!

Silêncio geral em todos os presentes. Todos olhavam Garrison e Carmack; e olhavam mais ainda a arma nas mãos de Garrison. Alguns homens foram-se escapulindo à procura das suas armas. Palmer sacou também da sua arma, apontou-a a Steve, mas ninguém disse palavra.

— Antes de mandares alguém matar-me, é melhor olhar para esta arma, Carmack. É melhor olhar para o gatilho. Ao menor movimento meu o cão tomba e mata-te. Vês bem ou não vês? Fodem matar-me. É claro que podem. Qualquer dos teus me pode matar. Mas isso de nada te valerá. Não terás para ti a mulher de Mitch Warren. Também não verás a morte de Kiner, nem lhe terás as terras de petróleo que cobicavas. Só tens uma forma de viver. Carmack. É procurar que a minha arma se não descarregue!

Carmack, disse, de repente:

— Suspendam todos o fogo! Palmer, abaixe essa arma!

Steve disse então:

— Eu sabia que havias de vir às boas. É este o teu julgamento, Carmack. É aquele julgamento sério em que tu insistias. O julgamento que querias dar a Kiner. É fazê-lo julgar a sério e pode ser que também tu tenhas um julgamento sério; mas se ele for julgado com a corda e a arma também tu conhecerás o julgamento da corda e da arma. É escolher. Se atirares essa arma ao chão, eu levarei Kiner para um lugar em que

seja julgado decentemente. Tens a escolha, Carmack. És tu que estás a ser julgado. Tu e o teu juri.

Carmack olhou fixamente Steve e o seu olhar procurou Bonnie que saíra da escuridão para se pôr ao lado de Steve. O olhar de Carmack fixou-se então em Kiner que tremia na escuridão. A corda suspensa do algodoiro balouçava ao vento.

Carmack esteve muito tempo suspenso. Depois deixou cair a arma no chão.

Steve, disse:

— Xerife, é melhor preparar Kiner para partir agora, a cavalo.

O xerife concordou. Bonnie, disse então:

— Eu parto contigo, Steve.

Steve acenou que sim, mas sem tirar os olhos de Carmack. Sentiu que Hawgans se aproximava dele. Hawgans sorria e disse:

— Eu também sou advogado, como tu, Steve; ou melhor, talvez o possa vir a ser. Venho oferecer os meus serviços. Tudo o que eu possa fazer. Faz-nos bem ver que a lei se cumpre. Tudo nos parece melhor e diferente. Afinal de contas, é por isso que vale a pena trabalhar!

FIM

Palavras cruzadas

Problema n.º 1863

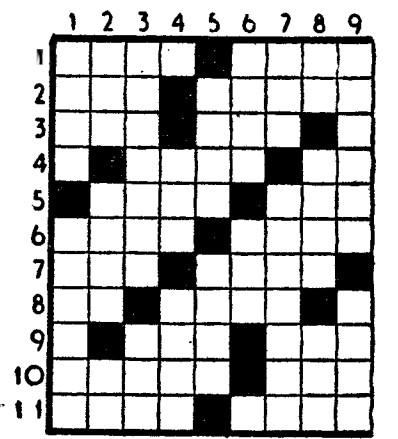
HORIZONTAIS: 1 — Aquele que. Tem possibilidade. 2 — Certos. Primeiro dos três nomes do historiador grego autor de «História dos Persas». 3 — Fúria (inv.). Mesmo. Conjunção. 4 — Língua vernácula indiana. 105 em romano. 5 — Vantagens. Recusa. 6 — Deseja. Repara. 7 — Líquido. Apelido. 8 — Nesse lugar. Primeira das três palavras latinas que se dizem quando se acaba uma demonstração de matemática com o significado de «O que...». 9 — Cidade de Espanha. Íntimo. 10 — Entregares. Herói espanhol conquistador de Valência. 11 — Rio da Polónia. Denominação.

VERTICAIS: 1 — Que. No tempo em que. 2 — Ligo. Castiguei. Preposição latina que designa movimento. 3 — Amparei. Espécie de tecido antigo. 4 — Grande quantidade. Pretende. 5 — Tombas. Nome de um rei de Portugal. 6 — Pé de animal. Negativa. 7 — Reze. Dos países escandinavos. 8 — Pena. Pesquisa. Pronome pessoal. 9 — Anuvia. Tem ocasião de.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inserido.

Solução do problema n.º 1862

HORIZONTAIS: 1 — Agir. Arem. 2 — Dr. ARVORE. 3 — Ias. Ser. 4 — RUI. Cá. 5 — Mão. Amas. 6 — Aal. NÃO. 7 — Ido. Mar. 8 — DA. Seco. 9 — AAA. BOA. 10 — SOMBRA. Ar. 11 — Arai. Saia. **VERTICAIS:** 1 — Adira. Idosa. 2 — Grau. Ada. Or. 3 — Simão. Ama. 4 — Rã. Mal. Rabi. 5 — Rs. Ar. 6 — Aves. Nas. As. 7 — Ror. Mareb. 8 — Er. Cão. Coat. 9 — Meras. Soara. **Provérbio: AMORE RUIM NAO DA BOA SOMBRA.**



POLICLINICA CAMPO D'OURIQUE

Rua Francisco Metrass, 24, 1.ª-Dt.º
Telefone 66 99 84

Dr. A. Ferreira Gomes — Doenças das crianças
Dr. Coelho Puga — Doenças dos olhos.
Dr. Eduardo de Albuquerque — Doenças das senhoras — Partos.
Dr. E. de Oliveira Machado — Clínica médica.
Dr. Henrique Soudo.
Dr. Coelho Lopes — Raios X.
Dr. Eugénio Marques Lito — Análises clínicas.

HIPOTECAS
Sobre propriedades ou automóveis. Em todo o País. Rapidez e sigilo.
A FINANCIADORA
Companhia Nacional de Crédito
S. A. R. L.
Av. da Liberdade, 3 — Telef. 24446
LISBOA

Apontamentos de linguística e pitorescos da linguagem

O pronome átono da 3.ª pessoa em posição enclítica

Ainda hoje é frequente vermos escrito, um erro inadmissível que em dado momento entre nós esteve muito generalizado. Referimo-nos às grafias do género *amalo*, *castigalo*, *sofrelo*.

Acontece que o pronome átono da 3.ª pessoa está sujeito a alterações quando se encontra em posição enclítica. No Brasil essas alterações causam mesmo tantos engulhos que normalmente são evitadas na fala e até na escrita, substituídas pela forma em que o pronome se encontra em posição proclítica (*hei-de o fazer* em vez de *hei de fazê-lo* e, em caso nenhum, *fá-lo-ei*).

As formas antigas do pronome pessoal são *lo*, *la*, *los*, *las*, e essas mesmas formas subsistem no caso presente. Nos primórdios da língua, ter-se-ia dito *fazer lo*, de onde, por assimilação regressiva, se passou a *fazê-lo* e daí, por simplificação e separação do verbo e do pronome, a *fazê-lo*.

Alhos Vedros

O topónimo *Alhos Vedros*, localidade da margem Sul do Tejo, significa muito simplesmente *alhos velhos*. Da palavra latina *vetulus* derivam dois vocábulos portugueses: *velho*, que pressupõe uma forma do latim vulgar *veculus*, com queda posterior do *u* postónico e passagem do grupo medial *cl* a *lh* (como em *aurícula* que dá *orelha*) e a forma *vedro*, em que o grupo medial *tl*, igualmente obtido pela queda do *u*, (*vet-u-lus*) passa a *dr*, com sonorização do *t* e dissimulação do *l* em *r*.

Porco

Para este mamífero paquiderme de carne particularmente saborosa, condenada ao paladar de mouros e judeus, existem no nosso idioma diversas palavras desde o comum *porco* (do latim *porcus*) e *cegado* (o que esteve na ceva), aos espanhóis *cerdo* e *cochino* (o porco não cevado), e *sutno* (do latim *sutinus*), *bácoro* (*bacharu*) ou *leitão* (derivado do *leite*), porco de leite. TIRA-TEIMAS



COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS

DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«PATRIA»

22 de Fevereiro

«AMBOIM»

15 de Março

«IMPÉRIO»

21 de Março

«UIGE»

22 de Março

Com escala por Funchal, para: S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala (se necessário). Carrega em Lisboa até 14 de Fevereiro.

Com escala por Leixões, para: S. Vicente de Cabo Verde e Praia (se necessário), Príncipe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Porto Amboim, Lobito e Moçamedes. Carrega em Lisboa até 13 de Março.

Com escala por Funchal, para: S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala (se necessário). Carrega em Lisboa até 18 de Março.

Com escala prévia para Leixões, para: Luanda, Lobito e Moçamedes. Carrega em Lisboa de 13 a 16 de Março.

LINHA DA AMÉRICA DO SUL

«VERA CRUZ»

14 de Março

(às 12 horas)

Com escala por Funchal, para: S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA»

14 de Março

(às 18 horas)

Com escala por Vigo e Funchal, para: Tenerife, La Guaira, Curaçao, Havana e Porto Everglades (Miami).

Chama-se a atenção dos srs. passageiros para o que está regulamentado sobre transporte de bagagens

LISBOA: Rua de S. Julião, 63—Telefs. 30131/8—PORTO: Rua Infante D. Henrique, 9—Telef. 23342



Patrão complicado



— Vocês bem sabem que não gosto de pessoas que só dizem «sim!» Mas também não gosto que me contradigam!

Ocidental e acidental

Sempre ouvi dizer que Portugal é o País mais ocidental da Europa, mas verifico agora, depois de tantos e tão frequentes acidentes de automóvel, que é também o País mais acidental do Mundo.

Perguntar por perguntar

Quando se dá o braço a torcer é possível tornar a endireitá-lo?

Uma coisa que entra por um ouvido e sai por outro magôa?

Uma pessoa que faz tudo direito pode fazer uma torta?

Um surdo-mudo pode pedir esmola?

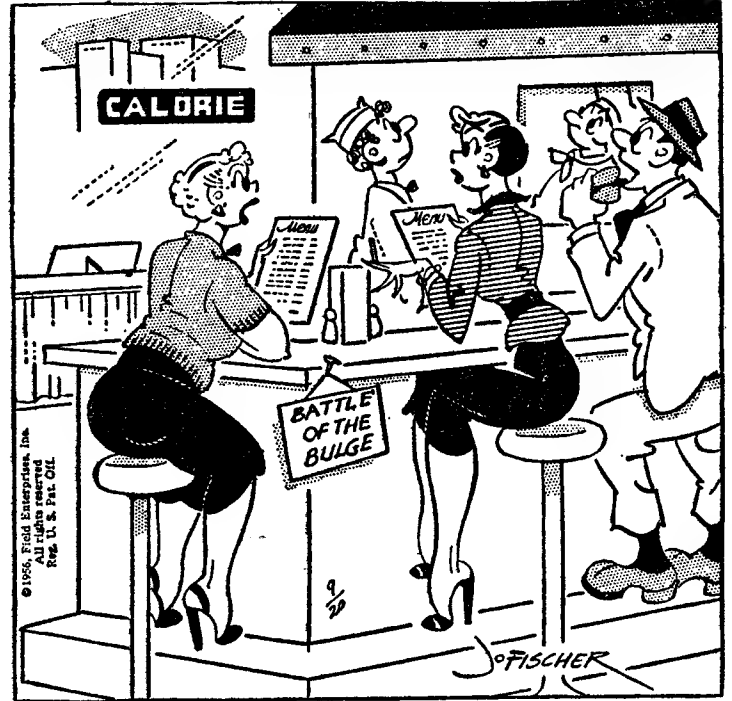
A bandeira da porta pode funcionar sem mastro?

Um troca-tintas é um cambista?

A consorte pode julgar-se uma infeliz?

Para que é que há-de servir o juízo final se os juizes também já têm morrido?

DIETA RIGOROSA



— O meu médico disse-me que para o lanche eu só devia ler a ementa... e mais nada!

A conta do médico

Há um bom par de anos — talvez quarenta ou mais — contava-se que o velho e sábio professor dr. Belo de Moraes, tinha sido chamado de urgência ao Alentejo para ver a esposa dum rico lavrador, já desenganada pelos médicos locais. O dr. Belo de Moraes negara-se primeiro a sair de Lisboa com o fundamento de que outros doentes necessitavam também da sua assistência aqui e que os não abandonaria para ir ao Alentejo, mas depois de grandes insistências do marido da doente, que lhe afirmava que sua mulher morreria se ele a não medicsasse, por que só nele ela tinha fé, lá se resolveu a confiar os seus clientes a dois colegas e lá foi.

Razão tinha a senhora em recorrer ao velho professor porque o tratamento que lhe estava sendo aconselhado era absolutamente contraditório e a sua vida corria realmente sério risco.

Alterado radicalmente o tratamento o dr. Belo de Moraes regressou a Lisboa com a promessa de voltar se fosse preciso, mas afirmando convictamente ao marido e às pessoas de família da doente que a senhora se salvaria, enquanto um coro de louvores e agradecimentos o acompanhava até o carro que o havia de conduzir à capital.

— Ela deve-lhe a vida, sr. doutor, exclamava o marido, comovido até às lágrimas.

E assim foi. Alguns dias depois a doente entrava em franca convalescença e o marido escrevia ao dr. Belo de Moraes dando-lhe a boa-nova e pedindo-lhe a conta dos seus honorários, que não se fez esperar. Naqueles tempos, embora de vida muito mais barata, não era exagerado o preço de um conto e quinhentos exigido pelo sábio professor, mas não pensava assim o rico alentejano que logo escreveu ao abalizado clínico, renovando os seus agradecimentos, mas fazendo-lhe sentir que a conta apresentada excedia os seus cálculos e, em sua consciência, lhe queria parecer que quinhentos escudos seria talvez uma remuneração mais do que suficiente, para um trabalho de tão poucas horas.

Na volta do correio, Belo de Moraes, enviava-lhe um lacónico bilhete de visita que dizia simplesmente:

«Em vista de V. Ex. avaliar apenas em 500\$000 a vida de sua esposa, não é nada».

Dois dias depois o correio trazia-lhe num vale do correio, a quantia de mil e quinhentos escudos conforme a conta apresentada pelo illustre professor. — A. F.

Um CASO RARO

Eu só conheço uma mulher que é fiel ao marido e mesmo assim é mentira dela.

Moda às avessas

Este ano, a moda vai ser: de dia mais despida que de noite.

(Dos jornais).

Anuncia-se lá fora
Como grande inovação
Que a moda para a senhora
Mudará de hora p'ra hora.
Dentro da mesma estação.

De manhã será corrente
Saia à altura dos joelhos
E à noite, p'ra toda a gente,
Há que usá-la mais decente
Até abaixo dos artelhos.

E que a noite pede agora
Mais roupa do que pedia
Porque nos tempos de outrora
Sempre a noite é que era a hora
A que a gente se despia...

A. F.

Antigo esplendor



ARGÉLIA

Parece que a questão da Argélia está tão complicada que já não é preciso reunir nenhuma conferência. Já está tudo feito.

Quem tem razão

Ele queria saber quem tinha razão; se era ele ou o compadre com quem andava a discutir uma questão de águas no caso de irem para o tribunal e então foi ao advogado. Contou a história e o advogado garantiu-lhe que ele a ganharia sem a mais pequena dúvida.

Era a altura de passar uma procuração ao advogado para tratar do caso, mas ele desculpou-se, que agora não, mas que voltaria em breve.

E nunca mais apareceu. E' que ele tinha contado o caso ao advogado, mas no ponto de vista do compadre.

A escolha de marido

Quando uma mulher procura marido entre os homens solteiros é que não se importa de ter um marido inexperiente, mas quando o vai buscar entre os homens casados as mulheres deles não gostam da experiência, de modo que num caso ou noutro, o que a experiência aconselha é fazer com que ninguém perceba onde é que ela faz a escolha.

Poligamia

A poligamia é uma coisa como a bebedeira: é exceder a conta, é um exagero. Mas a bebedeira, essa, passa.

Em todo o caso a poligamia sempre é melhor do que a bebedeira, porque esta, quando passa, não evita que a pessoa se continue a chamar «bebado». E o polígamo quando deixa de o ser chama-se viúvo...

A verdade dos provérbios

Pela boca morre o peixe mas às vezes desconsidera o anzol.

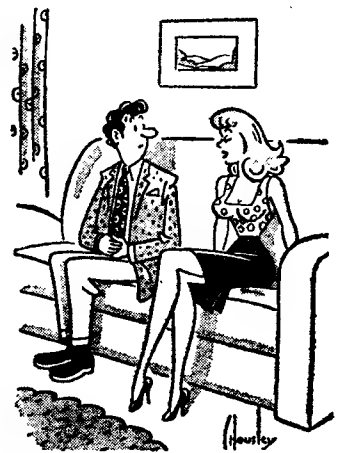
Da discussão nasce a luz e às vezes até há quem veja as estrelas.

O tempo que vai não volta mas vem outro atrás dele.

Uma receita

Quando a sua mulher estiver passando uma temporada em casa da mãe, no Porto, e você quiser que ela regresse ao lar, basta escrever-lhe uma carta com um perfume diferente do que usa habitualmente. Ela cheira-lhe logo a pouca-vergonha e volta.

COMPARANDO...



— Mas eu estou a tentar aprender a gostar de ti, Chico; estive a fazer a lida da casa com o Luis Manuel!

Bom tempo e mau tempo

Encontraram-se aqueles dois amigos e conversaram muito sobre este tempo de chuva que nunca mais acaba. Falaram dos prejuízos para a agricultura. Um dos amigos dizia coisas sensatas e o outro só abanava a cabeça que também é a maneira que têm alguns animais de manifestar as suas opiniões, até que, no momento de se separarem, o amigo sensato disse:

— Realmente enquanto esta chuva não passar o tempo não melhora.

E o outro comentou: — Efectivamente está um tempo muito principalmente.

E estava! Muito principalmente estúpido!

MULHERES

As mulheres nunca se vestem a gosto dos homens. Pelo contrário.

GIGANTES DE PORTUGAL

O autor das célebres páginas sobre «Os Ceifeiros» é considerado o maior contista português, não tanto pelo primor individual de todos esses contos como pelo nível geral do grande conjunto que escreveu. Dele afirmou o dr. António José Saraiva na sua «História da Literatura Portuguesa»:

«A sua obra tem um carácter fragmentário, impressionista, por vezes jornalístico. Combateu o estilo claro, europeu e simplificado de Eça, opondo-lhe a busca da expressão nervosa, vocabular e sintacticamente rica, á maneira de Camilo. Mistura o vocabulário culto com provincianismo, e mesmo com calão, na busca de uma linguagem pessoal. Por vezes a própria linguagem parece ser a sua única preocupação, e o estilo vive de si mesmo. Mas consegue, por outro lado, verdadeiro êxito descritivo, como nas soberbas páginas sobre os ceifeiros alentejanos, onde comunica, de maneira inesquecível, o sofrimento dos homens sob o Sol aniquilador do Verão, no Alentejo».

As respostas devem estar no «Ju-



venil» até sexta-feira, 19, acompanhadas do nome completo, morada, data de nascimento, número de ficheiro (caso já o possuam). Não serão consideradas as respostas que não forem acompanhadas da menção dos três artigos que mais lhes agradaram neste número.

Além dos habituais prémios, haverá um, especial, para o melhor trabalho sobre o escritor que hoje homenageamos.

A CONVERSA DA SEMANA

1

A inspiração e a boa vontade não chegam. Nada se cria de belo e profundo que não exija o concurso do trabalho

Refiro-me á colaboração, amigos. Em muitos originais que todas as semanas recebemos, salta á vista que os seus autores se contentaram com o que lhes surgiu ao sabor duma inspiração de momento. Ora este caminho é errado. Devemos sempre desconfiar do que é fácil. Em tudo na vida, nos estudos, na actividade profissional, nos nossos actos mais simples e triviais devemos ser exigentes connosco.

Se nos debruçarmos sobretudo o que quer que de grande o homem criou e não nos contentarmos com as meras

(Continua na página seguinte)



por MARIA JOSÉ ALMEIDA DE BRITO E CUNHA

por EDUARDO MARTINS SERRA (16 anos)

«Vazia. Já ontem o mesmo. Se amanhã ainda não tiveres nada, já sabes. Mudo-te. Bom, deixa-me ir a outra.

«Estragaram-ma! Patifes! Quem foi o vandalo que andou a estragar o que não lhe pertence? Espera, que se eu te apanho... Vou combinar com eles, pomo-nos de emboscada e damos cabo dele. Que mal é que lhe fazia a ratoeira? Não está certo. Deviam-te cortar aos bocados, ladrão. Se calhar roubou o pássaro e, ainda por cima, estragou a ratoeira. Mas onde está a outra? O lugar dela é aqui. Deixa ver se me oriento. Ah! Deve estar ali...

«Viva. Tem pássaro! É grande. Olha, ainda está vivo. Está a mecher. E a piar. Foste apanhado pelo peito, hen? E não penses que vais fugir, que eu agarro-te bem. Então?! Nem sequer tentaste! Vou abrir a mão. Mesmo que fujas não podes ir longe, ferido como estás. Apanho-te logo. Nada! E se eu te sacudir um bocadinho? Assim, Chegaste mais? Olhas para mim. Como que pedes socorro. A mim? A mim, que armei a ratoeira? E como tu pias! Deves sofrer muito. Evidentemente, estás a sofrer muito. Esta armadilha não era para ti. Era para os pequenos. Morrem logo. Não sofrem como tu estás a sofrer. E se tu tivesses ido para uma das grandes também não sofrerias. Por que não foste para uma maior? Pias mais. Ah! O sofrimento que há nesses pios. Coitado. Não olhes para mim. Não. Não olhes assim para mim! Não é por minha culpa que estás a sofrer. Tu é que foste estúpido. Não caíesses na armadilha. Quem te mandou ser guloso? E ainda por cima vens para uma das pequenas. E mesmo, quem teve a ideia de armar as ratoeiras foi o

Rui, não fui eu. Ouves? Não fui eu. Está bem, eu concordei. Mas não queria que vocês sofressem. Morriam logo. Começas outra vez a piar. Agora sofres mais que há bocado. Este foi pior que o outro. E este ainda pior. E este, e este, e este... Acusas-me. Acusas-me! Acusas-me e eu não posso defender-me. Ah!... Sim. fui eu, só eu! A culpa é minha, toda minha, nada me obrigava a tomar parte nisto. Sou um patife. Sou o teu carrasco. E tu, que destruíste a outra armadilha, por que não destruíste esta? Sim, porquê? Não vês como este pássaro sofre? Claro que não podias adivinhar. Perdoa. E perdoa o que te chamei. Tu sim, és bom. Vou fazer como tu. Nunca mais matarei animais. Amanhã vou já destruir as deles. Amanhã? Por que não hoje? Sim, hoje. Será hoje mesmo. Pobre pássaro, que mal me fizeste? E eu apanhei-te, torturei-te e, se calhar, vais-me morrer nas mãos.

«Que é que estás a olhar? Estou a chorar, pois estou. Tem alguma coisa com isso? Como da outra vez, quando caí. Mas dessa vez respondi-lhes bem. Bisbilhoteiros. Se se metessem na sua vida... Sim, estou a chorar. Se calhar não tenho razão? Os teus pios já são mais fracos. Já não mexes. Mas ainda me olhas. Imploras-me auxílio. A mim... Pias mais forte! Outra vez! Outra!... Então?... Vamos... Pia, pia mais. Suplica-me! Acusa-me! Mas não. A tua cabeça caiu. Não mais piarás. Não mais me olharás. Morreste. Fui eu que te matei. Eu.

Comeu-se ao jantar, com os outros que eles apanharam. Estavam bons.

Era um dia de Inverno. A Natureza parecia morta, pois um manto branco, toda a cobria. Tudo era sossego à minha volta. Sómente de vez em quando se ouviam os passos apressados de um trabalhador desejoso de chegar ao conforto de sua casa, ou o apito do comboio, um pouco mais ao longe.

Eu, sentada ao pé da lareira, olhava para aquelas labaredas alaranjadas, que mais pareciam abelhas douradas, e meditava.

E em que meditava eu? Num simples caso de todos os dias?

Sim, eu pensava naquela combustão viva, que todos os dias de Inverno nos dá calor e conforto: o lume.

O meu pensamento, vagueando assim por cima das altas labaredas, encontrou o pensamento do lume e ouviu o que ele dizia:

— Que triste vida me fazem os homens, a mim que lhes torno a vida mais confortável!...

É comigo que os homens se matam uns aos outros. Foi comigo que os homens mataram muitos mártires. É comigo que os homens constroem máquinas e mais máquinas, como querendo dominar o Mundo. Mas, como querem eles fazê-lo se nem se sabem dominar a si próprios?! Se os homens me utilizassem sómente em coisas úteis, como a minha vida seria alegre e feliz! Assim, só me dão desgostos, tornando-a triste.

E continuo a queimar, a queimar, e continuo a causar lágrimas e dores. Mas obrigam-me, obrigam-me. Que culpa posso eu ter?

E, depois, acusam-me dizendo que o lume implacável, como um carrasco sem dó nem piedade, matou aquele corpo inocente, cuja alma subiu para o Céu, assim como a Lua sobe em noites calmas, alumando o espaço.

Que culpa tenho? Sim, que culpa?! Que culpa??

AMIGO N.º 1435





ATAQUE dos camponeses não encontrou resistência que os detivesse. Num ápice galgaram muralhas e ameias, semeando em toda a parte a desordem e o medo. A onda humana que espadanhou, bravia, contra os degraus do palácio real, suspendeu-se, por momentos, hesitante se deveria ou não avançar contra a morada daquele que, apesar de tudo, era o soberano da Inglaterra; nessa altura, porém, destacou-se da multidão um dos camponeses que, a cavalo, andava a avisar as aldeias do perigo que a essa hora estava a correr o seu amigo; erguendo o braço musculoso, gritou:

— Lançarote e o nosso direito! O brado reacendeu a cólera, por momentos abrandada no coração dos assaltantes. Ouviu-se o estampido medonho, que lá em cima, na sala do trono, iria reanimar Lançarote, cheio de feridas e sem forças.

— Lançarote e o nosso direito! A onda espadanhou de novo, de encontro às escadas, que, de um salto, galgou. Era gente simples, descalça, que fora acordada do seu infinito desejo de paz para satisfazer outro desejo tão grande como esse: o de gratidão e de justiça. Seu velho amigo Lançarote encontrava-se em perigo de morte; quem poderia acender em sua chopana o lume de todos os dias, se o camarada que por eles se batia lealmente tinha a vida em jogo? Quem era o inimigo? O mesmo contra o qual Lançarote os ajudara a defender: os fidalgos comedores de impostos, parasitas cuja única distração era a guerra, a violência, as aldeias e searas incendiadas. Ali estavam, portanto:

— Lançarote e o nosso direito! A onda colorida de homens, mulheres e crianças varre com a sua simples força de impulso os primeiros soldados que tentam enfrentá-la. Chegada ao topo da escada, espalhou-se em todas as direcções, num abraço envolvente. O ramo mais forte avança para a sala do trono, onde embate contra um grupo de homens em fuga. No choque, os guerreiros voaram como estilhaços de uma prancha. E, logo finalmente junto do leal amigo. Avistando-o, de novo ribomba seu grito de luta:

— Lançarote e o nosso direito! — Abaixo os traidores! — lembra uma voz.

Num assomo de entusiasmo, outra propõe:

— Viva Lançarote, nosso rei! Este brado foi repetido por todos num barulho atoador. De subito, o mesmo camponês que nos primeiros degraus da escada do palácio, arrastara os companheiros atrás de si, avançou uns passos, de braço erguido. Aos poucos foi acalmando. Por toda a sala o silêncio.

sala. Com a mão no ar, pediu silêncio.

— Como o puseram, cheio de feridas, os traidores — comentou uma cachopinha, num tom doído.

— Que morram os traidores! — disse alguém.

— A' morte! — concordou a multidão.

Já se aprestavam a realizar a



justiça fulminante, como sempre é a do povo, mas Lançarote continuava de mão erguida.

— Amigos! disse. Não continuou, porém: atrás de si rasgou-se um grito dilacerado: — Lançarote!

O cavaleiro voltou-se num salto. Conheceu a voz de Genebra, a doce rainha. E era ela, de facto: de joelhos, braços erguidos, mãos enclavilhadas num desespero.

— Lançarote! — murmurou. — Sempre foste até hoje a flor da cavalaria. Oh, não maculeis agora vida tão bela!

— Calai-vos! — disse Artur, em voz alta e trémula com a ira. Chamais «flor da cavalaria» ao mais negro dos traidores!

Genebra fitou-o com um sorriso magoado e acenando que não com a cabeça, murmurou:

— Metei os dedos na ferida, meu senhor. Não chaméis traidor ao vosso mais leal amigo. Traidores foram aqueles que puseram o espinho da suspeita em vosso coração.

— Quem foram? — atalhou Lançarote, dando um passo, de mão estendida.

Por única resposta, a rainha continuou a acenar que não com a cabeça.

— Seja, senhora — disse Lançarote. — Vossa alma é nobre. Não foi feita para o nojento pecado da

cam guerra senão em defesa do reino, depois de devidamente convocados pelos conselhos das aldeias. Que os impostos sejam apenas percebidos pelos funcionários reais e não pelos dos fidalgos. Que haja sempre no Castelo de Chamelote uma milícia do povo, a fim de que o nosso soberano possa resistir aos ambiciosos.

— Queremos tudo isso! — alvoroçou uma voz.

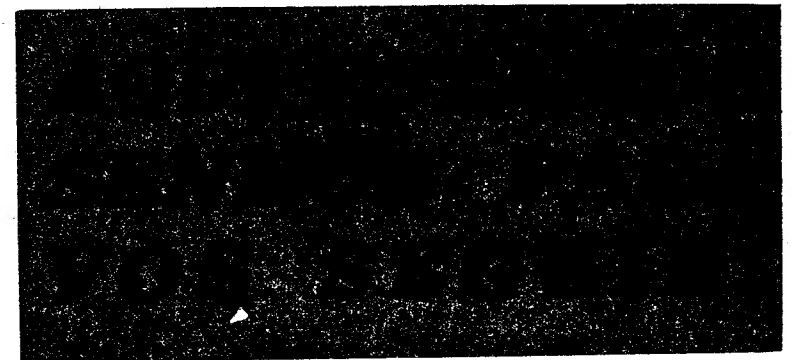
— Tudo! — confirmou a multidão.

— Agora jurai-o, aqui mesmo. Se o não fizerdes sabe, senhor, que outro escolheremos para vosso lugar, pois só o povo nomeia reis.

— Jurais!

Caiu na sala um profundo silêncio.

— Jurai, meu senhor! — pediu



denúncia. Desculpai-me, se vos perguntei tal coisa. Quanto a mim, senhora, estai certa de que não macularei a minha vida com um acto desonesto. Nunca o faria, por mim; mas hoje, ainda mais me recusaria a fazê-lo, pois perderia para sempre o melhor bem do Mundo: o amor do povo. O povo, senhora, só ama os justos.

Virando-se para os camponeses, teve um largo sorriso:

— Amigos, estou salvo! A vossa missão terminou. Convosco seguirei. Quanto a vós, rei Artur, não é pelas armas que resolveremos nosso pleito. Quando tiverdes a coragem de descer a um tribunal de homens bons do povo, para que nos julguem a ambos, eu voltarei. Se reconhecerdes vossos erros, esta mão apertará sem rancor a vossa. E com infinita amizade vos juro. Mas para isso tereis de acudir a praga daninha de ambiciosos e intrigantes que veio enodoar os Cavaleiros da Távola Redonda.

— Mas nós também queremos justiça! — disse o mesmo camponês que sempre nos momentos decisivos tomava a palavra. Queremos justiça! Que os nobres não fa-

Genebra, que, de pé, se aproximava do monarca.

— Jurai! — gritou o povo.

A rainha passara a mão pelo ombro de Artur, apoiando-se ao seu corpo. Lançarote e Artur olharam-se longamente. A mão do monarca foi-se erguendo a pouco e pouco.

— Juro! Se justiça houver que rendervos, cavaleiro, nunca terei vergonha de o fazer.

— E o tribunal que vos propo-

— Será nomeado com homens bons do povo e o arcebispo de Cantuária. Aceitais?

— O arcebispo? Mas de certo.

— Para onde ides?

— Para Stamford Bridge, onde me espera a filha do Cavaleiro de Astolote.

— Lá sereis avisado.

— Lá ficarei esperando.

E voltando-se para os camponeses, Lançarote deu o sinal de partida. Só ficaram os que logo se tinham oferecido para constituir a milícia popular de Chamelote. O resto seguiu cantando pelos campos, numa fita que se perdia por colinas e vales.

A CONVERSA DA SEMANA

(Continuação da pág. anterior)

aparências, uma conclusão tiraremos com certeza: a de que aquilo que se nos afigura espontâneo, fresco é fruto de muito trabalho, de muita insatisfação, de uma autocritica severa e vigilante. Só o esforço assim estruturado produz obras duradouras.

Muita gente supõe que as criações geniais são como a água da torneira; basta que esta se abra para que aquela jorre violentamente. Dizia um grande pintor que o mais difícil numa tela era raspar o que estava a mais; mas havendo coragem para o conseguir, então, sim, estava-se no verdadeiro caminho que leva às obras sérias e profundas.

Dirão alguns de vós: mas a maioria das pessoas não nasceu para pintor, escritor, filósofo, cientista, etc. Claro. Mas toda a gente tem virtudes e desde que se descubram a obrigação está em uma pessoa não se contentar com o que

essas virtudes produzem de espontâneo, de imediato.

Como tivemos ocasião de escrever na última Conversa da Semana, o «Juvenil» não é um jornal de vedetas: é o jornal de todos os jovens. As suas colunas estão abertas à colaboração, à convivência de todos. Os que manifestarem valor excepcional, serão estimulados para que apareçam mais vezes, tendo assim ensejo de se afirmar. Mas isto não significa que os restantes não encontrem da nossa parte um profundo carinho.

Eis a razão porque estas palavras se dirigem a todos. Amigos: devemos ser exigentes connosco! Ao escrever um trabalho a nossa obrigação é não aceitar o que surgiu no primeiro esboço. Feito um artigo, devemos pô-lo de parte uns dias; quando voltarmos a lê-lo a nossa atitude intelectual será a de não nos considerarmos já «seus autores». Desta forma nos poremos em frente dele numa situação mais objectiva. Tal qual se um amigo nos pedisse para vermos «m trabalho seu e o criticarmos».

E então começará a rude, a corajosa tarefa de deitar fora o que está a mais e de acrescentar o que faltava. As ideias ganharão mais coesão lógica; a expressão será mais límpida e acessível; e assim cada um sentirá que, dentro das suas possibilidades, produziu obra mais perfeita. Uma tal disciplina ainda possuirá outra virtude; a de nos educar a vontade.

2

Vem isto a propósito...

Vem isto a propósito da colaboração que recebemos esta semana.

O Amigo n.º 1680 — António Nunes

de Almeida, que os nossos leitores já conhecem, enviou-nos um artigo, «História de um jornalista sem assunto ou de um «Capuchinho» que ele encontrou na rua». O assunto tinha interesse, mas o amigo deve tê-lo tratado sobre o joelho, a aproveitar um momentinho disponível. Ora o tema exigia mais. O Nunes de Almeida teria conseguido muito mais se começasse por amadurecer bem o assunto, quer analisando problemas com ele relacionados, quer dando mais consistência ao herói da sua história, quer erguendo pouco a pouco, pormenores significativos. Depois passaria a escrever e acabado o conto pô-lo-a de parte para, de novo, a ele voltar, tempos depois. Da forma como trabalhou, contentou-se com uma historiazinha superficial.

Escreveu coisas assim: «Na verdade o seu subconsciente ia muito ocupado com os pés dele fazendo-o colocar os calcanhares nos intervalos das tais lajes. O subconsciente procurava alguma coisa para a mão direita do dono escrever. E' que o tal é jornalista e de vez em quando gosta de escrever um conto».

«O seu subconsciente ia muito ocupado com os pés dele»; «alguma coisa para a mão direita do dono escrever»; «E' que o tal é jornalista» — são exemplos de expressões escritas sobre o joelho e aceites como definitivas. Ora o Amigo Nunes de Almeida tem qualidades para mais. Proponho-lhe que reveja o trabalho e mostre até onde poderá chegar se exigir de si próprio mais esforço.

A Maria de Lourdes Teresa dos Santos Martins (Amigo n.º 854) é uma jovem de valor; as suas poesias merecem

(Continua na página seguinte)

NOITE

Deitado na areia fria
A minha carne fervia!
E o vento castigador
Açoitava-me, brutal;
Porém, se aquilo era dor
Eu não o senti como tal...



O mar, rugindo e espumando,
Lançava-me a gélida espuma
E a cerradíssima bruma
Abria de vez em quando
Descobrimdo a escuridão.
Mas o meu corpo não tremia!
E como o podia fazer?
Se a meu lado jazia
Toda a doce poesia
De um coração de mulher...

NUNO BREDERO DE SANTOS Amigo N.º 1.748 (14 anos,

Do autor de Moby Dick

lançou a Portugalia um belo romance passado no mar. Chama-se

Benito Cereno

e foi traduzido pela nossa colaboradora Maria Helena da Costa Dias. Vai ser mais um volume de grande agrado para a gente moça, como todos os de Herman Melville e da «Biblioteca dos Rapazes».

Embora pertença a esta colecção, as raparigas terão muito interesse em lê-lo.

Diário de bordo

Amigo 1273 — António Valério Ramires (Olhão): O livro já seguiu no princípio da semana. Recebeste?

Amigo 1795 — António José Pacheco (Lisboa): Descansa que o livro cá fica á tua espera.

Amigo 1852 — Horácio Manuel Borges Neves (Vale de Santarém): Manda a morada, o mais depressa possível, para que a tua ficha fique completa. De outro modo, não poderás entrar nos concursos.

Amigo 1853 — Benigno Almeida Faria (Lisboa): Manda a data do nascimento, sem o que não poderás concorrer, pois só atribuímos os livros, desde que saibamos a idade de cada um, para evitar ofertas impróprias para as vossas idades. Recebemos o artigo.

Amigo 1850 — João Casimiro Crespo (Viseu): Claro que podes mandar os artigos. Basta que compres o «Juvenil» e respondas aos concursos, para que possas receber os belos livros que vos oferecem a Portugal Editora, Livros do Brasil, Estudos Cor e Arcadia Editora. Depois, é só esperar a sorte e o... correio. Eles lá irão ter. E não te esqueças de interessar os teus amigos na leitura do vosso jornal, pois o «Juvenil» é feito para vocês e por vocês. Quantos mais Amigos compradores do jornal, mais possibilidade terão de o ver crescer.

Amigos 1843 e 1845 — Luís Augusto Bianchi e João Henrique dos Santos (ambos de Lisboa): Por favor, mandem a vossa idade.

Amigo 1851 — José António Pereira (Lisboa): Manda a idade.

Amigo 1830 — Eva Bacelar (Porto): Manda a idade.

Amigo 1831 — Maria Fernanda Chiotto (Bragança): Manda a idade.

Amigo 1752 — Maria Do Rosário Santos Serra (Lisboa): É este o teu numero. Indica-o na tua correspondência, sim?

Vosso Amigo TROTE

A exploração dos mares é relativamente nova, embora a possamos considerar já velhinha, se a compararmos connosco—nada mais nada menos que quatrocentos anos, quatro séculos de actividade submarina, procurando desvendar os segredos desse mundo ignoto e que tanto seduz quem o vislumbra. Desde estes anos todos que o Pacífico é estudado — o mar que, de pacífico só tem o nome — mar imenso sujeito a terríveis tempestades, mar das maiores profundidades abissais. Só no século XVIII, graças ao capitão Cook, se pôde estabelecer os seus limites.

Mas este conhecimento que parecia já muito, só mostrava o contorno dos mares, as terras que os limitavam, as marés que os golpeavam, os ventos criadores de tempestades ou de bonan-

mente os estranhos animais sem olhos, providos de órgãos estranhos de pesca, provocavam uma imensa curiosidade que nunca mais devia saciar-se até saber-se tudo, tudo o que essas massas de água escondiam, esses se-

gredos profundos que o mar profundo escondia.

A pouco e pouco começou a descida; cada vez, mais fundo, mais fundo ainda...

Uma das curiosidades dos ma-

rou como era possível tal formação rochosa de pequenos seres que só podem viver á luz do Sol, animais gelatinosos tornados pedra. Coube a Darwin dar uma explicação que até hoje não parece desmentida. Segundo ele,

essas rochas proviriam de um processo evolutivo: qualquer movimento vulcânico, teria provocado a nascença de uma ilha. Em volta desta, formar-se-iam colónias de corais, milhares, milhões de miríades de seres vi-

ciando vida a outras colónias vindouras.

Também segundo Darwin, a primeira formação teria sido o recife, orlando a costa da ilha; depois, os corais continuariam a sua proliferação e a sua estrutura tornaria a forma de uma barreira. Finalmente, afundada a ilha e os alicerces de outras colónias, tomava então esta curiosa forma circular em volta de uma lagoa de água tranquila e transparente de um verde visssimo. Um anel resistente ao embate violento das águas frequentemente revolvidas por perigosas tempestades; construído não por força do acaso, não por habilidade nem paciência ou engenho mas obra da Natureza mãe, da mesma forma que criou o esqueleto humano ou a concha dos moluscos. Debeis seres



Soluções do Concurso do Juvenil

Grandes figuras de Portugal: D. JOÃO II.
Qual é a coisa qual é ela? — O CAGADO.

VENCEDORES

1. — Amigo 367 — A. D. Hassa Ferreira (Lisboa).
2. — Amigo 6 — Maria José Valente Perfeito (Lisboa).
3. — Amigo 1827 — Vivina Silva Miranda (Lisboa).
4. — Amigo 1848 — Maria Esmeralda Moreira da Costa (Santarém).
5. — Amigo 205 — Manuel Bravo Pestana Gil (Lisboa).
6. — Amigo 434 — Mário Jorge Almeida Beato (Figueira da Foz).
7. — Amigo 1849 — Maria Clara Pereira Gonçalves (Lisboa).

PRÉMIOS

1. — «O HOMEM E O RIO», da colec. de bolso, de Portugal Editora, Ld.
2. — «A VELHA FRANÇA», da colec. de bolso, da Portugal Editora, Ld.
3. — «COSETTE», colec. das Raparigas, da Portugal Editora.
4. — «COSETTE», da Portugal Editora (Biblioteca das Raparigas).
- 5 e 6. — «BENITO CERENO», da Portugal Editora (Biblioteca dos Rapazes).
7. — «EM FAMÍLIA», da Portugal Editora, (Biblioteca das Raparigas).

Prémio para o melhor trabalho sobre D. João II:

8. — Amigo 1785 — Maria Helena de Matos Antunes (Lisboa).
8. — VELHA FRANÇA e «O HOMEM E O RIO», ambos da colec. de bolso, da Portugal Editora prémio para o trabalho mais votado: (Marcel Marceau).

9. — Eduardo Pinto Coelho e Eduardo Serra (Lisboa).

9. — 2 livros da colec. Miniatura, de LIVROS DO BRASIL, á escolha.

Prémio para o melhor trabalho (Marcel Marceau).

11 e 12. — Eduardo Pinto Coelho e Eduardo Serra.

11-12 — Dois livros da colec. Miniatura de LIVROS DO BRASIL; á escolha dos premiados.

NOTA: Os prémios podem ser levantados na Av. de Roma, 178, 2.º Esq., em Lisboa, cinco dias após o concurso e antes de trinta dias, findos os quais perderão direito aos prémios. Os livros serão entregues das 9 ás 13 e das 15 ás 18 e 30, todos os dias uteis. Os premiados da Província receberão os livros pelo correio, devendo indicar a sua recepção, a fim de evitar dissabores.

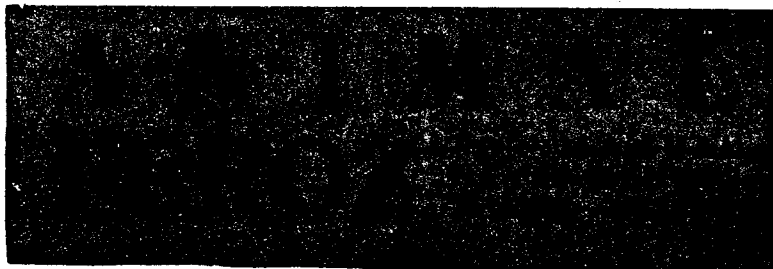
gas, o regime das chuvas — noções de extrema importância, sem duvida, mas que não satisfaziam o homem ávido de saber. O que se passava lá por baixo, no seio mesmo dos mares calmos ou revoltos, no emaranhado das correntes, na quietude das águas, por entre os rochedos submersos, na escuridão das profundidades abissais — isto não sabia o homem. E tanto desejava saber! Os animais estranhos, por vezes, apanhados nas redes, principal-

res, dos mares quentes é sem duvida alguma as colónias de corais — o atoll. É, precisamente no Pacífico que se situa o mais curioso atoll que já foi dado observar: um círculo, formação maciça em volta de uma lagoa de água tranquila e transparente. Um anel que mal brota da superfície das águas oceánicas, brotando dele quase inesperadamente. Aparição de estranha maravilha!

Durante muito tempo se igno-

vos, formando verdadeiras árvores vivas; o afundamento desta ilha levaria para o fundo, a ilha anteriormente formada e presas a ela, milhões de pequeninos seres cuja morte se não faria esperar, por falta de condições de vida; uma vez mortos e fossilizados, representariam os alicerces para outras colónias que tivessem ficado mais á superfície, isto é, a profundidades onde a vida lhes era propícia. Miríades de seres mortos propi-

que unidos representam uma força contra o embate das águas, a fragmentação que esta produz. Mas a obra construtora continua, infundável e permanente, semana após semana, ano depois de ano, num imenso labor de arquitectura. Os polipos gelatinosos continuarão a viver e a proliferar, a viver o seu destino e a deslumbrar o homem, indiferentes á procêla ou á bonança, aos aliseos, ao furor das vagas, ao desgaste do homem ambicioso.



Numa noite de Outono, já alta madrugada talvez, observava com curiosidade a claridade da Lua que entrava pela janela do meu quarto, iluminando-o. O luar quase me batia no rosto. Apenas um pequeno desvio e via perfeitamente a Lua cheia. Que noite linda devia estar! Lá fora, levantara-se um vento forte que zunia de encontro aos fios telefónicos. Logo a seguir, uma nuvem veio e o meu quarto ficou às escuras. Olhei pela janela e vi as nuvens que passavam velozmente. De vez em quando, o meu quarto era

novamente iluminado pela poética claridade; em determinada altura porém, deixou de o ser durante muito tempo. O vento ululava imprecações sinistras por entre as ruínas escuras da aldeia e eu, instintivamente, embrulhei-me mais nas roupas da cama.

Recordava com saudade os momentos em que a Lua aparecera, e já me dispunha a esquecer, quando o luar bendito e tranquilizador reapareceu. Fiquei deveras contente. E que eu gostava de observar a Lua e as estrelas, que desde então me passaram a produzir uma estranha sensação de infinidade e grandeza.

Olhei á volta do meu quarto. Nem durante o dia ficava melhor iluminado! Mas... Céus! o que era aquilo?! Tentei gritar. Não consegui. A minha boca abriu-se simplesmente, sem dela sair qualquer som. Mas eu via qualquer coisa que me aterroziava assim: eram dois pontos luminosos que se viam muito bem, e que se me apresentaram como sendo os olhos de um animal feroz, pois eu sabia, segundo as histórias do meu avôzinho, que os olhos dos animais ferozes reluziam de noite.

Embrulhei-me completamente nos lençóis e nos cobertores, mas só passado muito tempo consegui gritar:

— Mãe! Mãezinha! — Chamei.

— Oh, mãe! Mãezinha! — Gritei mais alto.

Passados uns breves instantes, senti perfeitamente a porta do quarto que se abria e minha mãe entrou, perguntando-me o que queria e acabando de me despertar.

Este foi o meu primeiro pesadelo, quando tinha apenas cinco anos. Nunca mais pude esquecê-lo, nem decerto o esquecerei jamais.

Pearl Buck e Albert Camus

Na colecção «DOIS MUNDOS» editados por Livros do Brasil votou a aparecer o nome da célebre escritora americana Pearl Buck. Chama-se a sua nova obra

Preconceito racial

Albert Camus, até aqui publicado na Colecção «Miniatura» da mesma Editora, surge agora também na Colecção «DOIS MUNDOS» com

«Os possesores»

adaptação á peça de teatro do romance imortal de Dostoiévsky.

Ambos os livros são leitura para maiores de 17 anos.



Gravura dos amigos Manuel Alves da Silva (12 anos) e Jorge Severiano Pinto Coutinho (11 anos) da Escola Industrial e Comercial das Caldas da Rainha

QUAL E' COISA QUAL E' ELA?

É bom para comer
Mas não se come assado
Nem cru nem cozinhado!

Mais uma adivinha do belo livro de Fernando Pires de Lima: «QUAL É A COISA, QUAL É ELA?», que todos os amiguinhos devem ter

em casa, se querem distrair-se. Além de 100 engraçadas adivinhas, tem outros tantos desenhos que correspondem ás respostas e podem ser coloridos. Um bom passatempo para as noites de Inverno. Não sei se acharão esta de hoje, difícil. Mas não é. Todos o usam, de tarde, de manhã e á ceia — como a carne de baleia. Mas não é carne... nem peixe; digam vocês: o que é. E assim se habilitarão aos belos prémios que todas as semanas vos oferecem os LIVROS DO BRASIL, Estudos COR, Editora ARCADIA e PORTUGALIA EDITORA. Belos livros que todos poderão ler; basta dizer o que é bom para comer...

As respostas devem estar na nossa Redacção, até o dia 19 de Fevereiro, acompanhadas do nome do concorrente, morada, idade, profissão e bem assim da menção dos três artigos que distinguiram neste numero.

O NATAL NA HUNGRIA

por FERREIRA FERNANDES (17 anos)

O Natal (em húngaro «Karacson») é a mais importante e solene festividade do povo magiar que fiel à Palavra Cristã, o comemora ainda e apesar de tudo, com os rituais religiosos tão característicos.

A aproximação da quadra festiva enlaça todo o povo numa fraternidade enternecedora e desde a «Pusta» sem fim até aos «Tratas» gelados, das cidades às vilas e simples lugarejos, por toda a sua vastidão, a terra húngara cobre-se com as suas melhores galas para celebrar condignamente o nascimento do Salvador.

E' como se uma alegria repentina ressurgisse do passado, aquecendo os corações e acalentando as almas do melancólico povo da pátria de Petofi.

Os amigos e simples conhecidos põem de parte a natural reserva e as cordiais saudações, tão peculiares nesta época do ano, entrechoam-se nos ares levando consigo os desejos sinceros dum novo ano mais feliz. «Boldog ünnepek» (Boas Festas) e «Boldog újév» (Ano Novo feliz) são as palavras ouvidas a cada passo.

E os dias vão-se sucedendo um a um até que o tão desejado 25 de Dezembro chega finalmente.

Venha agora conosco, leitor amigo, penetremos na intimidade duma típica ház (casa) nos arredores de Miskolc e surpreendamos os interessantes costumes do povo húngaro festejando o seu Natal. O manto negro da noite já obscureceu quase por completo as ruas da cidade.

Serve-vos esta bela casa? Pois bem, entremos. Não... não faça cerimónia, aliás estamos desde já convidados. Não ouviu agora mesmo, vindo do interior, as palavras sacramentais «Jó! be hozánk is negy meg a mi karacsony fanat!»

E' sabido que não compreendeu patavina, mas adivinhou por certo, que nos estão convidando a ver a sua árvore de Natal. Será capaz de resistir a tal convite, ardendo como está em curiosidade? Venha, venha a vontade pois chegámos na altura própria. Aqui nesta sala fica, como já se apercebeu pelos bolos espalhados pela mesa iluminada festivamente por velas de variadíssimas cores, a casa de jantar. Ficou talvez um tanto espantado por ver que em vez do tradicional peru, a travessa que está no centro da mesa, contém, nem mais nem menos, que um apetitoso e grande naco de porco, mas você amigo, tem de estar preparado para todas as surpresas que este Natal húngaro lhe reserva. Aliás peru ou porco tanto faz, e este está mesmo a fazer «crescer água na boca». Ora... ora seja fran-

co, pelo brilho dos olhos estou mesmo a ver que concorda comigo.

Ah! mas ali está a árvore de Natal, a típica «Karacsony fá», junto à chaminé, toda rebrilhante com os seus coloridos sinos e bolas de cristal, os pequenos presentes e os seus característicos rebaçados, os «szalon cukor» que como os presentes, só poderão ser retirados no dia seguinte. Mas agora estou a reparar naqueles fios finíssimos a que os húngaros chamam «Cabelos de Anjo». Que belo efeito fazem na árvore!

Não vê acolá, mesmo ao lado do grande pinheiro o lindo presépio onde Jesuska, como os magiares carinhosamente O tratam, repousa na pequenina manjedoura estendendo para nós os bracitos carregados de Esperança!

Pois é verdade amigo, nada existe no Mundo, nada, seja lá o que for, capaz de vencer ou abafar esse grito de amor que atravessa os anos e perdura no tempo:

«Glória a Deus nas alturas e paz na Terra aos homens de boa vontade».

Bem, temos de nos sentar à mesa pois como vê vão dar início à refeição. Aquele senhor ali, à cabeceira da mesa é o chefe da família. Ladeando-o, a todo o comprimento da mesa, uma geração completa sorri feliz.

Hei... que é isto... apagou-se agora a luz eléctrica. Não... não é falta de energia, mas apenas mais uma tradição deste magnífico povo. Ouça, o relógio da sala está a dar as 12 badaladas da meia-noite. As crianças estão a levantar-se. Acompanhem-nos.

Finalmente em vez de colocarem os sapatinhos na chaminé como é hábito nosso, eles os põem muito simplesmente no parapeito da janela amplamente aberta. Vejamos o que acontece.

Virando aquela esquina lá no fundo da rua, não nota um vulto cuja brancura ressalta na escuridão da noite curvado ao peso do enorme saco que carrega às costas?

Estacou mesmo ali defronte e parece ralar com o pequenito que apareceu na janela. Talvez ele não tenha sido lá muito bem comportado na escola no decurso do ano. Apesar de tudo o bom Mikulas não deixa de lhe oferecer alguns brinquedos. Pronto, dirige-se agora para aqui. Estou a ver a sua cara de espanto. Se em vez daquele casaco branco usasse um encarnado iria jurar que era tal qual o nosso Pai Natal. O mesmo gorro, as mesmas barbas alvares, as mesmas botas negras e até, pormenor interessante, o mesmo saco cheio de presentes. Coloca

um grande «automóvel» colorido no sapato do pequenito de cabelo encaçolado à nossa direita. O seu «Koszonom» (obrigado) é sincero, como o é também aquele ar de contentamento que se espelha nas faces rosadas de qualquer criança em qualquer parte do mundo, nesta noite santa. Mal o Mikulas virou costas, Sandor, corre para dentro e vai colocar o seu «querido» automóvel aos pés de Jesus.

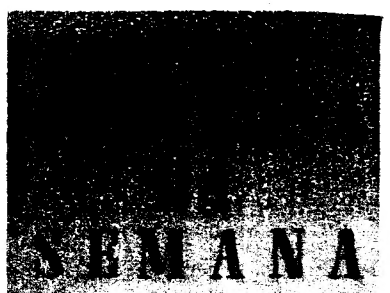
O Menino Deus parece sorrir-lhe contente. A luz volta por fim. O silêncio respeitoso que se segue é aguardado com todos os pés. Depois e a cada brinde as palavras repetem-se, os votos de felicidade eternizam-se.

Já são horas de nos retirarmos. Uma última mirada em redor e sorrateiramente deixamos aquela casa onde passámos este imprevisível Natal.

Na rua faz um frio terrível. Não se esqueça amigo que estamos em pleno Inverno.

Resta-nos agradecer ao meu amigo húngaro Kabai Lascelé que nos serviu de cicerone nesta rápida visão sobre os costumes tão encantadores do povo da sua pátria. Para ele o nosso bem português «Obrigado».

■ ■ ■ ■ ■



(Continuação da página anterior) ser incluídas na «Antologia» dos poetas do «Juvenil». Desta vez, porém, mandou-nos uma série de poemas em que não está presente aquela autocrítica criadora a que temos aludido.

O «Poema do Entardecer», por exemplo, há versos muito belos prejudicados por outros de mau nível. A Maria de Lourdes escreveu este final do soneto com grande perfeição.

Tudo foi bela Verdade
Quando o Sol, lento, voou
E depôs, na alma, a saudade.
A areia só, ficou triste,
Mas a alma aconchegou
A Esperança que, em si, existe.

Ora as duas quadras iniciais não acompanham o nível final:

Na areia branca, molhada,
O Sol, enfim, descansou.
Na pobre alma cansada,
De novo, a vida vibrou...
A Fé renasce no fundo
Se algo de Grande se sente,
Se nesse tão falso mundo
Há algo que nos não mente.

Na primeira, o recurso a um tempo de verbo (descansou/vibrou) para rimar, é pobre; no segundo muito melhor, a repetição de «algo» compromete a poesia.

A Maria de Lourdes é, pelas suas qualidades invulgares, uma daquelas jovens que mais exigências deve ter consigo.

Este poema e «A ti, Jovem», «Ansiedade» (onde há coisas como «Deixa-me ir/Mas onde? — que importa? Quero ir... ir... ir...»), «Sentir-te» (o último verso do primeiro terceto e o último do segundo quebram o ritmo) — têm de ser mais trabalhados. Publicaremos «Anoitecer», «Viver» e «Viagem».

A Amiga n.º 1662 — Olga Marina de Vasconcelos (Porto) enviou-nos um conto, «Uma vida... três gerações». O tema, um velho desenraizado no meio das novas gerações, possui interesse. Falta-lhe, porém, mais meditação, para que o drama da inadaptação do velho pescador ao meio que o cerca. Porque «odia tudo e todos»? Porque «tinha repugnância em sentir os preparativos para a festa»? Não basta criar situações românticas ou psicológicas; é preciso torná-las verídicas, aceitáveis.

Acresce ainda que a Olga Maria não reviu convenientemente (não trabalhou, não autocrítico) o seu trabalho. Eis um exemplo:

«Estava-se a chegar à Páscoa. Os sinos tocavam doidamente. Os dias «estavam» mais bonitos e quentes.

O pobre Ti João, esse ainda lá «estava», etc.»

Bastava uma leitura cuidadosa para evitar tantos «estava».

Em todo o caso, publicaremos o tra-

POEMA PERDIDO

por MARIA PIEDADE CANDAREZ (20 anos)

Minha da, vários tempos
Que fiz do amor que fiz do f

Eu contava os dias frios
E não me importava
De quando eramos crianças
E iam brincar os dois

Nesse tempo também
Lombava de minha criança
Em fantasmas e papéis



Eu ficava muito triste...

Mas sentia-me, tão bem

Quando brincávamos os dois

Que nem mesmo me importava,

Se por acaso também

A minha mãe me ralava.

Minha

Que fiz do amor que fiz do f

Eu pagando-me, mentes

Quando em si confiei

Como dantes me enganava

Com fantasmas e papéis...

AMIGO N.º 1780

balho, fazendo emendas que a nossa Amiga deverá confrontar com o original que possui.

Recebemos mais colaboração a que já não podemos hoje fazer crítica por falta de espaço. Ficarão para a semana. Publicaremos, dentre esses trabalhos, os seguintes: «O Animal Feroz», por Manuel Neves Mendes (Amigo n.º 1703); «Saber procurar e obter», por Louise Briar Russel (Amigo n.º 593); «Os Marinheiros» (com algumas emendas), por Jorge da Silva Santana (Amigo n.º 1495); «O Velho e o Mar» por A. Manuel S. Dias (Amigo n.º 1797).

Crítica do n.º 143

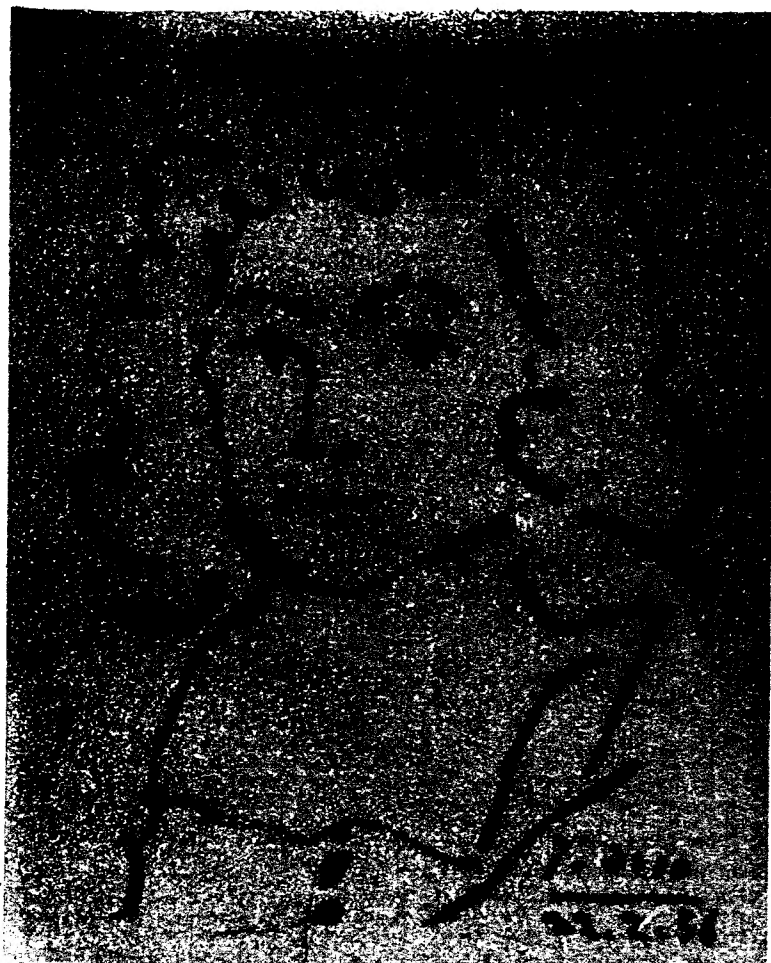
Também este número se nos afigura muito equilibrado. A colaboração dos

leitores é toda de bom nível, sobresaindo, sem hesitação, a entrevista com Marcel Marceau, um trabalho que honra os seus autores.

E' ele que vai receber o prémio especial atribuído pelo «Juvenil» ao melhor artigo da semana. Louvamos o conto «Felicidade», de Maria José de Lancastre.

Os artigos mais votados

No numero 143, foram:	
1) Marcel Marceau fala ao Juvenil	258
2) Felicidade	190
3) As Mãos	165
4) Encontrei um Marciano	159
5) Cavaleiros da Távola Redonda	159
6) Maravilhas da Natureza	142
7) A Conversa da Semana	94



RETRATO DE SPINOSA, desenhado por Picasso a partir de documentos da época